

DAYA

ALVES

AMOR

abstrato



“Quando uma única certeza é maior
do que todas as duvidas.”



Amor Abstrato

Daya Alves

2017

Dedicatória

Em memória de duas amigas marcantes em minha vida que partiram cedo demais

Marisa e Cláudia.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Epílogo](#)

[Fim](#)

[Sobre a autora](#)

Prólogo

“Se um dia eu pudesse ver meu passado inteiro

E fizesse parar de chover nos primeiros erros

O meu corpo viraria sol, minha mente viraria ar

Mas só chove, chove!”

Léo acordou naquela manhã com a claridade invadindo seu espaçoso quarto.

Maldita a hora em que ele permitiu a troca de suas cortinas *blackout* por persianas claras. Olhou para o relógio em sua cabeceira, o ponteiro marcava ainda 7h da manhã. Lembrou-se de uma época em que essa seria a hora na qual iria se deitar, e por muitas vezes, acompanhado de uma beldade diferente. Tentou se lembrar sem sucesso de seus nomes e de suas feições.

Quanta coisa havia mudado. Inclusive ele mesmo!

Fez uma busca mental dos afazeres que teria naquele dia, e, como sempre, o dia seria igual aos outros, com absolutamente nada de obrigações. A não ser por ela, aquela por quem tentava prosseguir nessa cansativa luta, mesmo quando queria colocar um fim em sua desprezível existência. Mas, dentro de duas horas, Jaqueline adentraria seu quarto com um sorriso grande nos lábios carnudos e com seus olhos castanhos cheios de esperança, abriria ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

as janelas para a claridade invadir de vez, tirando assim seu sossego e sua paz... Literalmente.

v

Jaque estava ali mais uma vez, parada em frente ao quarto de Léo, reunindo toda a coragem necessária para enfrentar mais uma rotina de exercícios. Era sempre a mesma expectativa de como o humor dele estaria, mas, mesmo quando Léo se fechava, Jaque continuava tentando levar um pouco de otimismo para ele, que sempre estava praguejando ou reclamando de algo, isso sem contar o fato de ele não fazer o mínimo esforço para colaborar em sua recuperação. Ainda assim, ela insistia, todos os dias, porque sabia que, lá no fundo, escondida dentro dele, havia alguma esperança de tudo voltar ao normal. E ela confiava, aliás, tinha grandes esperanças de conseguir, e por isso não se renderia tão facilmente.

Capítulo 1

*“E então, tu te tornas, eternamente
responsável por aquilo que cativas.”*[\[1\]](#)

Hoje seria o grande dia de Jaque, o baile de sua tão sonhada formatura. Após tanto esforço e anos de luta, finalmente estava se formando em uma fisioterapeuta. Foram dias difíceis, primeiro tentando passar no vestibular da universidade pública, a UNIFESP, pois não tinha condições de pagar uma faculdade particular, e depois tentando conciliar os estudos de período integral, estágios e os diversos trabalhos que arrumava para ajudar no orçamento de casa. Além disso, quando se tornou capaz de se manter, não aceitou mais nenhuma ajuda financeira por parte do patrão de sua mãe, bastava ele ter arcado com todos os seus estudos até o colégio. Mas ela havia conseguido! Era uma vitoriosa!

A cerimônia de colação de grau já havia sido realizada, Jaque era oficialmente uma fisioterapeuta. Agora sua conquista deveria ser comemorada, pagou a duras penas a grandiosa festa de formatura sozinha, não aceitou a ajuda financeira da mãe, pois ela fez questão de lhe dar o vestido. E que, por sinal, era lindo, muito lindo! Jaque estava se sentindo a verdadeira Cinderela, com seu vestido azul-turquesa, a cor escolhida pelas formandas da turma, mas o seu era um pouquinho diferente e mais especial. Conforme as luzes refletiam na saia longa, várias nuances de cores brilhavam, fazendo-a parecer uma asa de borboleta, sem contar o corpete

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

repleto de pedrarias, muito bem ajustado ao seu esbelto corpo.

O único presente que ela aceitou do senhor Leônidas foi a maquiagem e o penteado, e ele fez questão de reservar um horário com o melhor cabeleireiro e maquiador, para seu dia tão esperado. E realmente o trabalho ficou fantástico! Seus cabelos longos encaracolados foram presos em uma trança jogada de lado, emoldurando seu rosto delicado, e a maquiagem tão bem-feita, com cores discretas, valorizando sua beleza negra.

Jaque, quando viu o vestido, confeccionado pela melhor costureira da região, desconfiou não se tratar de um presente de sua mãe, pois o alto valor era demais para o salário dela de governanta da tradicional família Carvalho, mas como ela garantiu ter guardado algumas economias, ficou mais tranquila e aceitou o presente de bom grado.

Era sua noite, seu dia tão esperado, e ela nunca havia se sentido tão realizada e feliz. Mas, ao invés de estar se acabando em uma pista de dança, junto de suas poucas amigas, estava agora na sala de espera de um hospital, com todos olhando para ela e seu lindo vestido. Léo tinha que estragar sua comemoração, logo naquela noite em que tudo estava tão perfeito.

Quando, pela primeira vez, pôde sentir seus braços fortes em torno de sua cintura, enquanto dançavam no salão, ao som da banda que tocava no palco. No início, Jaque achou que Léo nem aceitaria o convite para ser seu padrinho, mas ele apareceu trajando um smoking perfeitamente ajustado ao seu corpo musculoso, lindo em sua beleza loira, atraindo para si todos os olhares furtivos das mulheres e formandas do baile. Entretanto ele passou alheio a todas elas, com olhar fixo nos de Jaque, fazendo-a sentir-se única.

Léo se aproximou, depositou um beijinho em seu rosto e lhe entregou uma gargantilha bem delicada, com um pingente simbolizando o curso de fisioterapia. Ela até pensou em rejeitá-la, pois não deveria aceitar um presente tão caro, mas o olhar de advertência de Léo, de que não aceitaria uma desfeita, a fez calar e virar-se para ele colocar a corrente em seu pescoço. O leve contato das pontas de seus dedos deixou arrepios por onde passou. E ao invés de sentir-se ultrajada, Jaque ficou visivelmente emocionada com o gesto tão singelo e só conseguiu balbuciar um discreto obrigada devido ao nó se formando em sua garganta.

Tudo parecia mágico, um sonho realizado. Dançaram por um longo período, ele cumpriu todos os cronogramas de um padrinho, até a valsa que ele afirmou detestar falando ao pé do seu ouvido. Nesse momento, Jaque fingiu não perceber o arrepio lhe subindo pela nuca. Porém se tornou impossível ignorar as sensações causadas com aquela aproximação. Enquanto dançavam, ela se entregou, baixando as rédeas. Eles giravam lentamente e era como se existissem somente os dois no salão, presos em uma conexão inexplicável. Ao fundo, começou a tocar uma música tão linda, adorada em segredo por ela, pois a fazia lembrar-se dele, o refrão dizia:

“Mudou a minha vida e mais,

Pedi ao vento pra trazer você aqui,

Morando nos meus sonhos e na minha memória

Pedi ao vento pra trazer você pra mim”^[2]

Então Léo fixou os olhos nos dela por alguns segundos e depois os baixou para sua boca, apertando bem de leve sua cintura. O ar pareceu ser insuficiente para ambos e o tempo ter parado no exato segundo em que se encaravam. E como se não pudesse mais resistir, ele a beijou. Primeiro foi somente um roçar leve dos lábios, quando Jaque sentiu lhe faltar o oxigênio e o coração bater descompassado, mas o beijo foi se intensificando e seu corpo todo se desmanchou, entregando-se ao momento.

Ele a agarrou junto ao seu corpo e ela, se permitiu ser levada para aquele mundo de sensações. Não queria estar em outro lugar a não ser presa em seu abraço, alheia ao tempo e às pessoas ao redor, somente aplacando aquele súbito desejo. E por eternos segundos eles se exploraram, saborearam e se perderam um no outro. A mão de Léo, que pairava sob a curva do quadril dela, subiu de forma lenta até sua nuca, que já estava toda arrepiada, segurando-a firme e fazendo as pernas de Jaque amolecerem. Mas, quando Léo interrompeu o beijo, eles se entreolharam ofegantes e ela percebeu seus olhos claros se escurecendo e uma ruga se formando em sua testa, compreendendo o que tinha acabado de acontecer. Então ele desfez o contato, a soltou bruscamente e partiu, deixando-a sozinha e atordoada no meio da pista de dança.

Uma hora mais tarde, a notícia fatídica chegou ao telefone do senhor Leônidas, pai de Léo, que havia acabado de chegar à festa de formatura de Jaque. Seu filho havia sofrido um grave acidente de moto e agora estava entre a vida e a morte. Todos saíram apressados rumo ao hospital, em busca de notícias, e no momento estavam na antessala de um pronto-socorro municipal lotado, aguardando por notícias que não chegavam nunca.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

A mãe de Jaque estava inconsolável e aflita, já que tinha um carinho especial por Léo, havia praticamente criado o garoto depois do abandono e falecimento da mãe biológica e ainda da constante ausência por conta do trabalho do Sr. Leônidas.

Já o próprio senhor Leônidas estava aos berros ao telefone exigindo a transferência de seu filho do hospital público para um particular com mais estruturas, mas a equipe médica não cedia, devido ao estado grave em que Léo se encontrava.

Jaque estava mortificada tentando entender como sua noite mágica se transformou em uma completa catástrofe. Era bem típico de Léo acabar com sua alegria. Sempre foi assim, desde crianças. De algum modo, ele estragava tudo, mas, no final, retornavam à amizade e seguiam inseparáveis. Dessa vez, não seria diferente.

Léo era filho do conceituado empreiteiro Leônidas Carvalho e da famosa modelo internacional Bia Carvalho. Seus passos, desde quando nasceu, foram seguidos pela imprensa, curiosa e ávida por informações do conturbado casal. A família toda se tornou ainda mais alvo de fofocas quando Bia foi encontrada morta pela governanta, a mãe de Jaque, na casa de veraneio da família. Na época, Léo estava com dez anos e cresceu em meio às investigações e suspeitas, até o processo ser arquivado muitos anos depois, com a confirmação de que ela havia cometido suicídio.

Depois desse fato, a doce criança que brincava com Jaque no quintal da casa dos fundos, onde ela e a mãe moravam, deu lugar a um menino rebelde e incontrolável, passando a não ouvir ou respeitar ninguém, nem mesmo o autoritário pai, exceto Dona Laura, mãe de Jaque, que fazia mais o

papel de sua babá do que o de governanta da casa.

Jaque e Léo cresceram juntos, ele como filho do patrão e ela como filha da empregada, mas ambos brigavam e implicavam tanto um com outro que até pareciam irmãos. Conforme cresceram, mesmo com todo o desentendimento, geraram um laço forte de amizade que, nos momentos mais cruciais, sempre predominava. E neste momento era esse sentimento que aprisionava o coração dela, estava completamente tomada pelo medo da possibilidade de nunca mais tê-lo por perto. Jaque não conseguia se mexer e seus olhos estavam presos à porta da emergência, de onde saíam e entravam pessoas, entretanto ela não recebia uma única notícia sobre Léo.

Quando os rumores chegaram aos ouvidos da imprensa, os jornalistas começaram a se acumular na porta do pronto-socorro, alguns tentaram entrar na emergência e muitas especulações começaram a se formar. Infelizmente duas delas não eram mentiras. A primeira era referente seu ao estado alcoolizado e a outra era que, durante o acidente, enquanto sua moto voou pelo canteiro central, Léo acabou atropelando dois trabalhadores em ofício, fazendo reparos na avenida. E nesse momento Jaque estava estática olhando para a família de um deles, que acabara de receber a notícia de que o pai não resistira e entrara em óbito.

Enquanto Jaque observava a viúva chorando baixinho junto ao filho, um sentimento muito conflitante tomou conta dela. Primeiro sentiu alívio por não ter sido ela a receber a triste notícia, depois remorso por ter sido egoísta e pensado dessa forma enquanto outra pessoa sofria, então raiva de Léo por, mais uma vez, ter sido inconsequente e, por fim, esperança de uma possível mudança nos rumos dos acontecimentos. E pensou talvez, se ele deixasse, ela poderia ajudá-lo, pois o conhecia bem e sabia que aquele menino bondoso

ainda habitava em algum lugar de sua alma enegrecida. Afinal, eram amigos, aliás, sentia algo muito mais profundo, eram quase irmãos! Mas para isso ele precisaria resistir! Então resolveu se juntar à sua mãe, em oração, quieta em um canto em um clamor silencioso. Ela segurou sua mão e juntas pediram que Deus derramasse sua imensa piedade e bondade sobre elas e tirasse, mais uma vez, Léo de uma grande emboscada do destino.

Capítulo 2

“O que tanto me comove nesse príncipe adormecido é sua fidelidade a uma flor; é a imagem de uma rosa que brilha nele como a chama de uma luz, mesmo quando dorme...”

As horas se transformaram em dias, os dias em semanas e logo havia se passado um mês, e Léo sobreviveu! Depois de uma grande luta e angustiante espera, ele já se encontrava fora de perigo, porém ainda permanecia na UTI, sob cuidados intensivos, devido às múltiplas fraturas em decorrência do grave acidente. Seu pai finalmente conseguiu sua transferência do hospital público e agora ele estava aos cuidados da melhor equipe de trauma do hospital mais conceituado de São Paulo.

Após ter superado a fase de risco iminente, foi transferido e operado, mas houve algumas complicações e ele foi colocado novamente no coma induzido por mais alguns dias. Os médicos estavam animados com seu estado de recuperação, porém havia uma dúvida pairando no ar referente à lesão em sua coluna, agravada pela demora na realização da cirurgia que deveria ter ocorrido nas primeiras 48h após o trauma.

O interesse da mídia no caso diminuiu quando outro *playboy* tomou os holofotes por ter espancado a namorada famosa. Então os jornalistas mudaram o foco e pararam de cercar o hospital, afoitos por mais uma fofoca sobre o filho do empreiteiro que pilotava uma moto, alcoolizado, e terminara tirando a vida de um trabalhador, além de acidentar outro gravemente.

O senhor Leônidas, após ter conseguido a transferência do filho, pareceu ter se libertado de algo incômodo e voltou para sua vida atribulada de reuniões e viagens. Fazia raras aparições no hospital, mas geralmente evitava as visitas a todo custo, constrangido por toda a situação e pelas fofocas.

O processo ainda estava em curso, Léo estava sendo indiciado sob acusação de vários crimes, incluindo tentativa de homicídio doloso eventual, quando há intenção de matar. As autoridades entenderam que ele assumiu o risco quando saiu embriagado pilotando uma moto em alta velocidade pelas ruas com limite de velocidade de 50 km/h, mesmo com toda a influência de seu pai sobre as autoridades e com a experiência e o peso do melhor advogado especialista na área.

A presença da polícia era constante no hospital, devido à alta cobertura da mídia especulando sobre uma possível impunidade, visto que, mais uma vez, o Senhor Leônidas havia conseguido livrar a cara do filho de ter que se entender com a justiça. Porém, quando achávamos que o assunto fora esquecido, algum programa sensacionalista cutucava o passado turbulento de Léo ou entrevistava um parente do trabalhador morto no acidente. A outra vítima, que acabou perdendo uma perna quando a moto pesada caiu sobre ele, estava fazendo um verdadeiro alvoroço, apesar de todo o amparo dado pelas assistentes sociais e os advogados da empreiteira, os quais o senhor Leônidas disponibilizou para dar-lhes atenção especial.

Enquanto isso, Léo continuava alheio a todo o estrago que sua inconsequência provocou dessa vez.

Nenhum amigo foi visitá-lo ou procurou por notícias suas, talvez por medo de toda a repercussão negativa do caso. Nem mesmo seu melhor

amigo, o Jorginho, como gostava de ser chamado, apareceu para prestar algum tipo de condolência. Ele estava com Léo no dia do acidente e sumiu pilotando sua moto minutos antes de tudo acontecer.

Somente Dona Laura e Jaque permaneceram em vigília alternada no hospital. Estavam sempre orando, levando carinho, mesmo com os médicos insistindo em dizer que, em seu estado de coma, Léo não percebia quem estava ao seu lado. Mas Jaque acreditava que ele sentia, sim, conforto por não estar sozinho em um lugar tão frio e triste, e seguia, dia após dia, segurando sua mão livre quando permitiam sua entrada nos horários de visita da unidade semi-intensiva, onde ele se encontrava. Sentia as lágrimas arderem ao vê-lo naquele estado tão debilitado, vulnerável e sendo julgado por seus atos, sem poder se defender das acusações. Ela sentia, no fundo do peito, que havia algo mais. Ele não teria sido tão irresponsável, alguma explicação deveria existir, e mesmo sendo tudo verdade, ainda acreditava na capacidade do ser humano de se tornar passível ao perdão e à regeneração.

Em sua última visita, a equipe médica avisou que a sedação começaria a ser retirada no horário da tarde e que sua transferência para o quarto estava prevista para o mesmo dia, e Jaque queria estar presente quando Léo abrisse os olhos.

Pontualmente no horário, lá estava Jaque, segurando aflita a mão de Léo, pedindo aos céus que ele acordasse, já que os sedativos haviam sido retirados há mais de quatro horas. Léo poderia acordar a qualquer momento ou permanecer naquele estado de coma por tempo indeterminado.

Ela sentou-se ao seu lado, como fazia todos os dias, abriu o pequeno exemplar de *“O pequeno príncipe”*, do escritor Antoine Saint-Exupéry, e leu

mais um capítulo para ele. Começou com essa rotina desde quando sua mãe lhe contou que, após a morte da Bia Carvalho, Léo só conseguia dormir depois que ela lia um capítulo do livro. Foram dias difíceis em que ele tivera pesadelos com a cena encontrada na sala de casa durante suas férias.

Jaqueline não sabia explicar, mas sempre que começava a sua narrativa, sentia-se conectada a ele e podia jurar que ele estava ali, absorvendo cada trecho.

Estava quase na hora de sua partida, e nada de Léo acordar. Jaque resolveu depositar um beijo casto em sua face, quando, subitamente, ele abriu os olhos e olhou dentro dos seus. Por longos segundos, ela ficou observando aqueles seus lindos olhos verdes, esperando por alguma reação, enquanto ele a fitava perdido, sem entender o que estava acontecendo.

Jaque sentiu lágrimas de alívio se formarem em seus olhos, mas segurou firme a emoção, para não demonstrar a ele nenhuma vulnerabilidade. Todavia parecia tarde, os olhos dele também se encheram de lágrimas com a percepção de onde estava e um acesso de tosse e espasmos começou a sacudir o seu corpo, deixando-a desesperada. Prontamente uma equipe de enfermeiros a colocou longe daquele espaço etéreo, causando-lhe aflição com todos os apitos dos aparelhos ligados a ele. Ela queria chorar, porém o bolo que se formava em sua garganta a impedia; não poderia perdê-lo agora, depois de tanta luta.

Ligou para a mãe, desesperada. Não sabendo o que dizer, chorou ao telefone, deixando a pobre senhora do outro lado da linha aflita, sem informações sobre o que estava acontecendo. Entre soluços, conseguiu explicar o ocorrido e acabou por acatar o conselho da mãe; prostrou os

joelhos em um canto da ala de visitantes do hospital e se pôs a orar silenciosamente, rogando pela oportunidade de ter seu amigo de volta.

Aos poucos, seu coração aflito foi se acalmando e ela permitiu-se ter esperança no decorrer das angustiantes horas em que aguardou pela atualização de seu estado.

A notícia que tanto esperou chegou somente no final da tarde. Léo havia tido um pico de estresse e encontrava-se estável. Ansiosa por vê-lo, não deu atenção para a enfermeira, que lhe falava sobre o desejo do paciente de não receber nenhum tipo de visita. Apenas entendeu quando foi impedida por um segurança de passar pela porta da unidade semi-intensiva, com os outros visitantes. As lágrimas voltaram-lhe na mesma hora e ela se recusou a partir naquela noite. Estava com o coração apertado pela angústia de deixá-lo sozinho nos primeiros momentos de sua volta à realidade, que seria dura demais para seu grande amigo aguentar sozinho.

Do outro lado da porta, Léo já se encontrava estável, mais acordado do que gostaria. Se pudesse, voltaria a dormir. Eternamente.

Conforme os minutos se passaram após abrir seus olhos para a realidade, lembranças de uma noite trágica foram voltando, uma a uma, à sua memória. Quis atribuir as alucinações aos remédios, mas sua consciência pesada, juntamente com seu estado molestado, não lhe permitiu se enganar. Maior que a dor aguda sentida em seus membros eram as sensações assolando seu peito, sufocando-o.

Lembrou-se do pedido de seu pai para que não estragasse a festa de formatura de sua pupila e da raiva sentida por mais uma vez estar sendo

julgado por ele. Sentiu ciúmes de Jaqueline por ela ser a filha que seu pai queria ter, em vez dele, e remorso por realmente ser o cara que sempre acabava com as expectativas dos outros.

A imagem de Jaque em seu vestido azul, e com a pele morena exposta que parecia reluzir sua alegria, acalentou seu coração. Quando a viu tão linda e plena, rodopiando no salão de baile, teve a sensação de lar e de paz, um sentimento puro e genuíno o arrebatou, fazendo-o querê-la para si. Por isso não pôde resistir a beijá-la, e quando o fez teve a certeza de que ela era a mulher que procurou em tantos outros braços, enquanto tentava fugir de um sentimento despertado ainda na infância.

E enquanto se perdia em seus lábios tão macios, as palavras duras de seu pai sobre ele não ser bom o suficiente para uma menina de coração tão puro fê-lo ter ódio de si mesmo por se permitir ter esperanças de algum dia ser uma pessoa feliz. E ele a deixou ali plantada, fugindo mais de si do que dela. Encontrou-se com Jorginho, que o esperava no bar, e tomou em um único gole a bebida oferecida por ele, sentindo o líquido grosso queimar enquanto passava por sua garganta, sem questionar o que estava tomando. Queria algo para abrandar a confusão em sua mente e as batidas frenéticas de seu coração. Como a bebida não fora suficiente, pegou sua moto e saiu pilotando para achar a liberdade que sua mente enevoada procurava, mas, conforme o vento gelado batia em sua pele, a sensação de sufocamento ia ficando cada vez mais angustiante; somente queria acabar com aquele desconforto que o dominava a ponto de cegá-lo. Então viu luzes, muitas delas, e sentiu seu corpo ser arremessado em alta velocidade, aterrissando contra o asfalto e sentido a dor mais lancinante de todas, até não suportar mais e se entregar à escuridão.

Tentou mexer os braços, que formigavam, mas um estava engessado e o outro ligado a vários conectores. Sua cabeça martelava de dor, com a cervical, em um grande desconforto. Sua coluna abaixo do pescoço era o que mais o incomodava, e o imobilizador em volta dela o estava deixando com uma terrível falta de ar, mesmo com todo o oxigênio que entrava pela máscara em seu rosto.

Precisava se ajeitar. Tentou sem êxito. Havia algo errado... Era como se seu corpo não obedecesse aos comandos de seu cérebro. Tentou mais uma vez, e outra, mas não obteve sucesso. Queria mexer as pernas, e não conseguia. Um sentimento de pânico o dominou enquanto se forçava a levantar. Arrancou de uma vez os fios ligados ao seu corpo, fazendo todos os aparelhos apitarem descontrolados, e com a mão livre passou a socar seus membros inferiores, sem sentir nada.

Beliscou a pele, puxou os pelos... Quando fez o mesmo com seus braços e sentiu a dor que procurava ao tocar em suas pernas, o reconhecimento do que estava acontecendo consigo fez com que um grito angustiado saísse de sua garganta, ecoando pelos corredores do hospital e chegando até os ouvidos de Jaque, ainda apoiada sobre a porta, que se recusava a partir e deixá-lo sozinho para descobrir sua triste realidade.

Capítulo 3

“Era uma vez um pequeno príncipe que habitava um planeta pouco maior que ele, e que precisava de um amigo” [\[3\]](#)

Dois meses se passaram sem que Jaqueline conseguisse vê-lo. Ao ser transferido para o quarto, Léo deixou ordens expressas para não ser incomodado por ninguém. As únicas visitas que não pôde evitar foram as constantes dos investigadores e advogados que trabalhavam no seu caso. Segundo informações da Dona Laura, mãe de Jaque, a única permitida por ele de entrar em seu quarto, mesmo tendo sido orientado por seus advogados de somente falar em juízo, Léo repetiu por diversas vezes o ocorrido. Foi à formatura, bebeu um drink, pegou a moto, saiu em alta velocidade, sentiu-se mal e caiu. Depois disso, não se lembrava de mais nada, somente de acordar no estado em que se encontrava, prostrado em uma cama.

Sua confissão foi um prato cheio para a imprensa, que voltou a explorar o caso, a cada dia incorporando uma nova fofoca do passado de Léo. Um programa diário bastante sensacionalista cobrava respostas das autoridades, diariamente, em suas apresentações, entrevistando o trabalhador que perdeu um terço da perna e mostrando as dificuldades enfrentadas por sua família. Jaque, quando via o programa, se revoltava, pois, apesar de terem se afastado durante certo período, sabia que metade das reportagens eram pura especulação acerca do passado de Léo. O senhor Leônidas também estava acionando os advogados para entrar com uma ação contra o programa e o trabalhador, o qual negou toda a ajuda acertada e entrou com uma ação por

perdas e danos muito maior do que a oferecida pelo senhor Leônidas, baseada nas expectativas de ganhos de um funcionário de prefeitura e ainda um bônus generoso. Mas como ele percebeu a oportunidade de ganhar mais, recusou todas as suas ofertas e passou a fazer chantagens sobre procurar a imprensa, caso seus pedidos fossem negados.

Todos os dias quando chegava do seu curso de pós-graduação, Jaque procurava a mãe para se atualizar, ansiosa por informações sobre estado da recuperação de Léo — os gritos dele quando descobriu sua situação ainda a assombrava —, mas as notícias eram cada vez mais desanimadoras.

Assim que recebeu alta do hospital, permaneceu trancado em seu quarto, sem aceitar ajuda ou dar continuidade ao tratamento. Dona Laura relatava que, por muitas vezes, ele só se alimentava quando era praticamente forçado por ela. Jaque se desesperava, pois sabia o quanto os tratamentos intensivos seriam importantes para amenizar seu estado.

Infelizmente sua condição de paraplegia foi confirmada. Em sua queda, Léo teve uma fratura na última vértebra torácica. A princípio seria reversível, caso a cirurgia tivesse ocorrido logo nas primeiras horas, mas, como o Senhor Leônidas fez um escarcéu pela transferência do filho, a cirurgia acabou acontecendo tarde demais para reverter o quadro da lesão. Contudo esse fato foi omitido a todos, já bastavam as especulações e fofocas que cercavam o caso, isso sem contar a depressão em que Léo se encontrava desde que soube de sua nova condição.

Mais um mês se passou e tudo permanecia na mesma rotina inquietante para Jaque. O estado catatônico de Léo afligiu até seu rigoroso pai, que resolveu procurá-la clamando por ajuda.

— Não sei se sou apta para atender suas expectativas.

— Você é perfeitamente capaz! Falei com seus professores e todos teceram muitos elogios a você, dizendo que se formou com as melhores notas e que, se caso viessem a precisar, gostariam de ser tratados por uma profissional competente como você.

— Agradeço a confiança Senhor Leônidas, mas... ele me proibiu de entrar em seu quarto. A última vez que o vi foi quando ele acordou do coma — Jaque respondeu aflita, sem saber como atender ao inusitado pedido do chefe de sua mãe.

— Ele precisa de ajuda, minha querida, e eu não sei a quem mais recorrer.

— Não sei de que forma posso ajudá-lo, sem poder entrar em seu quarto.

— Jaqueline, ele dispensou e maltratou todas as melhores equipes contratadas. Foram muitos terapeutas, fisioterapeutas, psicólogos e médicos que agora estão fazendo minha caveira por aí. Eu não vejo melhor pessoa para ajudá-lo do que a melhor amiga dele.

— Nós não somos melhores amigos há muito tempo!

— Sei disso, minha querida, mas sei o quanto vocês se gostam, e também de sua capacidade para dobrá-lo.

— Qual o motivo disso, senhor Leônidas? O que o senhor pretende?

— Nada, minha filha. E por mais que todos achem que eu não tenho coração, não posso deixar meu único filho morrer à míngua.

Aquela informação convenceu Jaque. Era tudo o que ela mais queria: uma oportunidade para ajudá-lo. Foi esse um dos motivos para ela ter se matriculado no curso de pós-graduação em fisioterapia neurológica; descobriu a vocação no próprio hospital em que passou horas ao lado dele. O curso era considerado um dos melhores da cidade, o qual já pagava com seu trabalho como fisioterapeuta em uma clínica perto do local. Correu esperançosa para ajustar sua agenda entre os pacientes agendados, pois o estado de Léo dedicaria muito de sua atenção.

No dia seguinte, logo pela manhã, Jaque entrou no quarto de Léo nas pontinhas dos pés, utilizando da chave que pegou escondida de sua mãe. Encontrou, em plenas 9h da manhã, o quarto imerso na escuridão. As cortinas pesadas não permitiam que nenhuma fresta de luz entrasse para clarear um pouco o cômodo. Observou por um longo tempo, com o coração na boca, o vulto de Léo sobre a cama, imóvel, até começar a temer pelo pior, e resolveu se aproximar para conferir se havia algo errado.

Levou um baita susto quando, ao se aproximar com as pontas dos dedos sobre a testa de Léo, ele segurou abruptamente sua mão, impedindo-a.

— O que faz aqui? — Sua voz forte demonstrava frieza, fazendo com que Jaque se retraísse.

— Fiquei preocupada por você estar tão quieto e resolvi verificar se estava com febre — ela respondeu, se atrapalhando com as palavras.

— Não estou com febre! Agora que matou a sua curiosidade, já pode

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sair.

— Não posso. Iremos iniciar o seu tratamento hoje.

— Que tratamento? Quem foi que te chamou?

— Seu pai me contratou. Você sabe, eu me formei em fisioterapia e estou me especializando em neurologia.

— Então você resolveu que eu serei sua cobaia?

— Não! De forma alguma. Já possuo bastante experiência na área e posso lhe garantir que me informei sobre o seu caso e sou completamente apta para ajudá-lo.

— Ajudar em quê? Caso não saiba, minha condição é definitiva.

— Eu sei, já me informei sobre o seu caso. Estou aqui para descobrir a melhor forma de te ajudar.

— A não ser que você faça milagres, não há nada há ser feito!

— Sempre há esperança! E podemos ao menos devolver sua autonomia e mobilidade. Você ainda pode ter uma vida normal se iniciarmos o tratamento o quanto antes.

— Normal? Como alguém pode ter uma vida normal dependendo dos outros?

— Sim, pode! Posso enumerar diversos casos similares ao seu, em que os lesionados levam uma vida perfeitamente independente. Podemos iniciar
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

os exercícios agora, eu andei pesquisando bastante sobre seu caso — Jaque falou tudo de uma vez, enquanto Léo a observava com total impaciência.

— Muito obrigado. Mas dispenso!

— Você não pode desistir sem ao menos tentar.

— Por que você está me ajudando? Não vê que eu mereço esse castigo?

— Isto não é um castigo, é uma consequência, e temos que lutar para passar por ela da melhor forma possível.

— Temos? Não... Eu tenho. Você não precisa gastar o seu tempo com um ser desprezível e assassino. Volte para seu mundinho perfeito para não se contaminar!

— Você não é nada disso. Sim, você errou e já está pagando um preço alto, mas não é se culpando que sairá dessa situação, é lutando!

— Muito bonito tudo isso, mas não há pelo o que lutar, Jaqueline.

— Você pode lutar para ser feliz, Léo, não perca a fé.

— Fé? Eu não sou digno disso e muito menos merecedor de nada. E se você terminou por hoje a sua boa ação, já pode partir.

— Eu não vim fazer boa ação nenhuma. Vim trabalhar, e é isso o que vou fazer.

— Não se atreva a encostar em mim! E só volte aqui caso descubra
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

alguma cirurgia milagrosa que me faça andar novamente.

— Você sabe que isso não é possível.

— Não? Então só volte caso queira me ajudar a dar um fim à minha desprezível existência.

Aquelas palavras a assustaram. Como ele podia pedir uma coisa dessas a ela? Sentiu um sufocamento que fez sua emoção aflorar, mas não podia demonstrar fraqueza. Provaria para ele que ainda era possível ter sua vida de volta. Tomou aquilo como objetivo pessoal e resolveu partir para planejar o que faria; não conseguiria nada naquele momento, devido ao desgaste emocional em que já se encontrava. Teria um novo dia pela frente e uma nova oportunidade.

— Eu vou, Léo, por hoje. Mas não pense que desisti.

Saiu em disparada do quarto, pois as lágrimas traiçoeiras se acumulavam em sua face. Léo não se deu o menor trabalho de responder. Estava com o olhar perdido em algum ponto do teto e assim permaneceu pelas horas que se aproximaram.

Voltou no dia seguinte, após estudar sobre mobilidade durante toda a noite; ele fingia dormir profundamente. Jaque esperou por horas, então desistiu.

Mais um dia e mais uma noite em claro. Jaque leu sobre como lidar com pessoas em quadro depressivo e voltou no mesmo horário, esperançosa. Ele fingiu não notá-la e, mais uma vez, dormiu.

Outra noite de estudos e mais uma tentativa. Encontrou a porta do quarto trancada, e sua chave não a abria de forma alguma. Mais tarde, descobriu que tinha sido trocada a fechadura. Aquilo a deixou muito nervosa a ponto de perder a paciência.

Fingiu esquecê-lo por dois dias — quem sabe se ela lhe desse um tempo, ele pensaria com mais clareza.

Passados os dois dias, quando já estava prestes a derrubar a porta, ouviu um gemido baixinho de dor vindo de seu quarto.

Conseguiu convencer a mãe a deixá-la entrar. Realmente o gemido vinha de Léo, que se encontrava virado de lado na cama, gemendo por desconforto.

— Por favor me deixe ajudá-lo, me mostre onde está doendo...

Léo apontou para a região das costas e não protestou quando Jaque levantou seus lençóis para verificar a razão de seu desconforto.

— Jesus, Léo, você está cheio de feridas e com febre!

Jaque não pensou duas vezes e ligou para a empresa de Home Care, que lhe haviam indicado. Em menos de meia hora, uma equipe adentrou o quarto, dispensando toda atenção aos seus cuidados.

Foi constatado que Léo estava com úlceras de decúbito decorrentes do grande período em que passara preso à cama.

Ele aceitou todo o tratamento como uma criança que precisa do

remédio amargo. Durante todo o período ficou calado, somente observando.

Jaque foi instruída pelo médico a mudar seu decúbito a cada duas horas, a trocar a cama por uma cirúrgica, com colchão especial. Foram prescritos os melhores medicamentos e pomadas disponíveis, e também a melhor forma de cuidar das feridas.

E ela fez tudo com maestria. Cuidou dele pela semana que entrou, ajudando em sua recuperação.

Nenhuma palavra foi trocada nesse período. Léo balbuciava um discreto “obrigado”, mas não passava disso. Na maioria do tempo, Jaque falava somente amenidades.

Até que finalmente ele passou por mais essa etapa, sentia-se melhor e a febre havia cessado. E Jaque achou que já estava na hora de iniciar o tratamento.

Chegou animada, abriu as cortinas para a claridade adentrar na penumbra e se pôs a iniciar os exercícios.

— O que você está fazendo?

— Iniciando finalmente seu tratamento!

— Não me recorde de te pedir isso.

— Mas eu achei...

— Achou errado então. Não iremos iniciar nada.

— Acaso quer ter escaras novamente? Você já teve o gostinho do quanto elas são desconfortáveis.

— Eu as mereci!

— Ninguém merece isso, Léo. Se o que busca é punição, aguarde para se entender com a justiça.

— Sou tão inútil que nem na cadeia me querem. Porém não há prisão maior que essa cama.

— Olha, Léo, eu entendo tudo o que está passando, mas você tem que olhar por outro ângulo. Tire uma lição de tudo isso e continue a lutar de forma digna. Não se entregue. Você nunca foi um perdedor.

— Mas agora sou um destruidor de famílias! Por favor, eu não preciso de sua piedade. Me deixe só!

— Não!

— Não?

— NÃO! — Jaque enfatizou, mostrando que não se amedrontaria.

— Não? — Léo falou em tom autoritário, como se estivessem medindo forças.

Aquela reação tão infantil despertou a Jaqueline birrenta da época de adolescência, quando Léo sempre fazia de tudo para irritá-la e depois tentava agradá-la por se sentir culpado.

Jaque, em um acesso de raiva, passou a abrir todas as cortinas pesadas e, em seguida, as janelas permitindo que toda a claridade do dia invadisse o quarto, até então imerso na escuridão.

— Feche já essas janelas, Jaqueline!

Por um segundo, ela pensou em acatar a ordem dele, porém, ao olhá-lo, pôde reparar agora, à luz do dia, como estava magro e debilitado. Os cabelos e a barba estavam crescidos e desalinhados; olheiras profundas marcavam seu rosto. O homem grande que conviveu com ela agora parecia pequeno e frágil sobre a cama. Mas o que mais a marcou foi o semblante perdido em tristeza. Isso cortou seu coração, todavia, ela não se permitiu vacilar. Empinou bem o queixo e utilizou a arma que sempre a ajudava no passado, quando eram unidos. Desafiá-lo!

— Você quer as janelas fechadas? Venha e feche!

— Você sabe que eu não tenho como, não seja cruel!

— Não estou sendo cruel. Estou tentando ajudá-lo. Se você permitir, eu posso devolver sua liberdade e sua mobilidade. Mas... caso prefira ficar imerso em seu mundo de autopiedade, vai depender dos outros pelo resto da vida para tarefas muito simples.

Dito isto, virou-se de costas rumo à porta.

— Jaqueline, não faça isso. Volte aqui e feche a merda dessas cortinas!

Ela não voltou, passou a chave na porta e saiu em busca do senhor
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Leônidas, contando com a ajuda dele para emitir ordens expressas de que ninguém se aproximasse do quarto de Léo sem a autorização dela. Ele, como nunca negou nada à pupila, riu de sua atitude e pensou que, dessa vez, Léo estaria realmente perdido.

Capítulo 4

“Era uma pessoa igual a cem mil outras pessoas. Mas eu fiz dela um amigo, e agora ela é única no mundo!”(4)

Jaqueline

Eu já estava a ponto de desistir, quando Léo resolveu me chamar. Estava parada à porta de seu quarto, reunindo toda a coragem necessária para ouvir o que ele tinha para me dizer; se por acaso fosse para pedir que eu parasse com a invasão em seu quarto, não saberia mais quais armas usar. Foram longos quinze dias na mesma rotina. Eu entrava em seu quarto pontualmente às nove da manhã levando seu café com a dieta especial dada por uma nutricionista de minha confiança, abria as cortinas e janelas e perguntava se ele havia mudado de ideia. A resposta continuava sendo a mesma, um não enfático. Minha mãe voltava com seu almoço, única refeição aceita por ele; eu retornava no início da noite levando seu jantar e encontrava a bandeja do lanche da tarde intacta. Temendo que algum golpe de ar resfriasse seu corpo já fragilizado, eu fechava as janelas, enchia meu coração de esperança e perguntava mais uma vez se poderíamos começar seu tratamento no dia seguinte; sentia-me despedaçar a cada novo não recebido.

Nesse período, o processo contra Léo correu rapidamente e as investigações já estavam quase concluídas. Um fator alarmante aconteceu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

quando o resultado de seus exames toxicológicos realizados sem o consentimento da família, no dia do acidente, acusou um traço de uma droga similar ao ecstasy em seu organismo, agravando sua situação perante a justiça e jogando ainda mais holofotes da imprensa no caso que parecia nunca ser esquecido.

Havia horas em que eu até agradecia por Léo se encontrar acamado, pois a população estava sendo impiedosa em seu julgamento. Os muros da mansão onde vivíamos estavam sendo constantemente pichados com a palavra “assassino” e o senhor Leônidas teve até que reforçar a segurança da casa por causa das ameaças que a família vinha recebendo.

Minha mãe estava muito assustada com toda essa repercussão, temendo ser descoberta. Apesar de já terem se passado vinte anos desde que saímos fugidas de nossa terra natal, ela ainda se apavorava com a possibilidade de sermos encontradas por seu ex-marido, meu padrasto.

Quando eu tinha apenas cinco anos de idade, partimos de Itumbiara, cidade do interior de Goiás, fugindo sem destino. Dona Laura tomou essa atitude após desconfiar de seu marido e pegá-lo no flagra bolinando sua filha, no caso, eu.

Eu já vinha sofrendo abusos da parte dele há muito tempo, mas, por ser muito criança, somente tinha noção de que aquilo era errado quando ele me ameaçava, dizendo que, se eu contasse para alguém, machucaria minha mãe. Como ele sempre batia nela, nunca duvidei de sua palavra.

Não era sempre que ele aparecia, geralmente era na calada da noite, quando eu estava dormindo, e ele chegava bêbado, vindo das madrugadas de

jogatinas.

Mário era um conceituado comerciante da cidade. Filho de fazendeiro, duplicou a fortuna de sua família fazendo empréstimos para a cidade toda. Apesar de seu ramo de agiotagem, era estimado por todos e venerado pelas generosas doações à prefeitura. Até a pobre da minha mãe acreditou em suas falsas boas ações. Quando seu marido, meu pai, foi assassinado brutalmente na porta de nossa casa por um homem mascarado, deixando-a viúva com uma filha de dois anos, ele cuidou de tudo, pagou o enterro e nos acolheu. Pouco tempo depois, assumiu publicamente minha mãe como sua esposa, e ela, com medo de passar fome e grata por tudo que havia sido feito por nós, menos de cinco meses após ter enterrado meu pai, casou-se com Mário mesmo não o amando como amou seu primeiro esposo.

A primeira surra foi ainda na lua de mel. Muito inocente, mamãe atribuiu o fato à noite de bebedeiras. Apanhou durante um ano, sempre arrumando desculpas. Ela também se culpava por fazer as coisas errado, depois começou a apanhar pela janta atrasada, o feijão salgado, o arroz insonso... até perceber que Mário tinha índole ruim. Acabou pedindo ajuda ao padre da cidade, e ele apenas a aconselhou a rezar mais e ser submissa ao marido. Minha mãe tentou por mais tempo, mesmo sendo vítima constante, ainda com medo de ficar desabrigada com uma filha pequena, pois não tinha outros familiares. Levou uma surra que quase a matou na noite de Natal. Nesse dia, ela temeu pela nossa segurança e procurou o delegado da cidade, que ligou para o Mário ir buscá-la. O maldito nos ameaçou de morte, por isso ela resolveu se calar.

Eu assistia a tudo isso com muito medo, me escondia debaixo da cama, ouvindo os gritos e choros de mamãe por toda a noite.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Porém, neste dia, mamãe o flagrou. Não me lembro ao certo das coisas que ele fazia comigo, mas foi o suficiente para ela tomar aquela atitude. Apanhou um abajur próximo à cama e o atingiu na cabeça, pegando-o desprevenido. Ele cambaleou, mas ainda conseguiu reagir. Saiu correndo atrás dela, que fugiu em direção à cozinha. Não ousei me mexer e, do meu quarto, ouvi vários gritos e barulhos de coisas se quebrando. Até que tudo ficou muito quieto e ela finalmente apareceu, para meu alívio, me abraçou forte e disse que tudo ficaria bem.

Ainda de pijama, fui arrastada levando apenas uma pequena sacola de roupas, que eu mesma arrumei sob a ordem de minha mãe, enquanto ela pegava tudo de valor que coubesse em uma pequena bolsa de feira. Ao passar pela cozinha, avistei o homem robusto desmaiado e alguns pingos de sangue pelo chão. Não tive coragem de olhar novamente e muito menos de perguntar sobre o ocorrido.

Fugimos naquela noite sem destino, andamos por toda a madrugada. Chegando à cidade vizinha pela manhã, pegamos o primeiro ônibus, sem nem ao menos olhar o destino.

Após quase um dia de viagem, chegamos à cidade do Rio de Janeiro. Não descemos do ônibus para nada nesse trajeto, tamanho era o temor de mamãe. Não a vi derrubar uma única lágrima em todo o caminho, que ela fez abraçada a mim sussurrando que sempre me protegeria e pedindo para eu perdoá-la. E eu nem sabia o significado dessa palavra.

A cidade era gigante, cheia de prédios, morros e muitas casas. Primeiro ficamos em uma pensão, trancadas, até quando Dona Laura achou que seria seguro sairmos. Ela alugou uma pequena casa de dois cômodos

dentro de uma comunidade famosa. Logo que nos estabelecemos, minha mãe começou a fazer faxinas enquanto eu ficava quietinha dentro de casa. Uma amiga dela passava de vez em quando para ver como eu estava, geralmente me dava o almoço e logo ia embora para cuidar dos seus muitos filhos. Porém nunca perdi o hábito de ficar embaixo da cama, fazia isso todos os dias, quando ela saía para trabalhar. Eu pegava meu cobertorzinho, minha boneca de pano costurada por ela e construía ali o meu mundinho. Passava horas perdida, imaginando historinhas como se nada pudesse me fazer mau.

Já estávamos adaptadas à nossa nova realidade, e de certa forma felizes — só nós duas —, quando a barriga de mamãe começou a crescer, revelando sua gravidez, e ninguém mais quis lhe oferecer trabalho. O restante de nossas economias estava indo embora, e tudo piorou com o nascimento do meu irmão. Ele era um bebê bem gordinho que chorava bastante. Eu percebia mamãe cada dia mais triste, e ela não conseguia trabalho de forma alguma, pois tinha que carregar duas crianças o tempo todo. Íamos dormir muitas noites com a barriga roncando de fome.

Certo dia, mamãe saiu bem cedo com meu irmãozinho, mas voltou sem ele nos braços, chorando copiosamente, e me pediu para eu nunca mais tocar no assunto. Ela me contou que o entregou a uma de suas ex-patroas, que há tempos tentava engravidar, e que ele teria uma vida de príncipe, a qual ela nunca poderia lhe oferecer. Fiquei muito triste também, queria tanto um irmão... eu adorava brincar com ele. Todavia não chorei para não deixá-la ainda mais triste.

Logo mamãe voltou a trabalhar e o alimento chegou à nossa mesa. Ela jurou que não me deixaria passar fome nunca mais na vida. Mas aconteceu algo que balançou as nossas estruturas novamente. Um incêndio gigante

aconteceu na comunidade onde nós morávamos, passou em todos os jornais. Por sorte nossa casa não foi atingida, em compensação, a mídia fez uma cobertura intensiva do caso e, mesmo a contragosto de mamãe, acabaram filmando seu rosto quando ela chegava de mais um dia de faxinas. Poucos dias depois, nossa vida já se normalizava, e passei a observar da pequena janela de casa o vai e vem das pessoas. Na verdade, eu tinha muito medo por causa do incêndio, ficava a postos caso algo acontecesse com a nossa casinha. Mamãe saía para trabalhar apavorada por me deixar só, porém não tinha outro jeito. Foi então que vi, do lugar onde estava escondida, um homem parecido com o Mário fazendo perguntas aos moradores.

Juntei tudo que uma criança de cinco anos conseguia carregar e saí escondida quando o vi entrar em uma vendinha. Esperei sentada, encoberta pelo mato que cobria o ponto. Quando vi mamãe descer do ônibus, corri em sua direção e contei quem eu achava ter visto. Ela não duvidou de mim nem por um segundo. Deu um beijo na minha bochecha e disse que viajaríamos de novo, e que eu era uma menina muito esperta.

Novamente pegamos o primeiro ônibus, sem destino, e pela primeira vez eu vi o mar através da janela de onde estava sentada. Senti um pouco de tristeza... Ele era tão lindo. Eu queria poder pular as ondas e brincar na areia branca, mas aos poucos aquele lindo cenário foi dando lugar a montanhas e a um lugar muito cinza.

Desembarcamos em uma cidade muito grande, com o dobro de prédios, e mais uma vez ficamos em uma pensão no centro da cidade de São Paulo. Logo nos estabelecemos em um cortiço nada bonito, mas pelo menos ainda tínhamos uma à outra e um teto sobre nossas cabeças. E assim, mais uma vez, começamos do zero, voltando à nossa rotina. Agora mamãe não

permitia que eu saísse para nada enquanto ela trabalhava fazendo faxinas. Deixava minha refeição pronta e eu a comia fria, pois mamãe tinha medo que eu mexesse com fogo. Eu obedecia. Não queria desapontá-la, não queria que ela chorasse nunca mais, apesar de vê-la soluçar durante a noite agarrada à manta de meu irmão.

Aos finais de semana, começamos a frequentar uma igreja próxima à nossa casinha. Aos poucos, mamãe foi fazendo amizades ali e doando seu tempo para ajudar nas várias obras assistenciais feitas pela igreja, deixando a tristeza de lado e levando nossa vida de volta ao normal. Foi em uma dessas obras que ela conheceu Dona Amelinha, mãe do senhor Leônidas, uma das pessoas mais caridosas que tive a oportunidade de conhecer na vida. Ela nos ajudou em tudo, inclusive a arrumar um trabalho na casa de seu filho para minha mãe e um lar decente para nós, quando descobriu onde morávamos e por tudo o que havíamos passado. Mamãe não escondeu nenhum fato dela, que ouviu tudo sem julgá-la e ainda estendeu sua mão para nos ajudar.

E enfim, conforme os dias se passaram, pude ver minha mãe voltar a sorrir. Todas as noites ela me ensinava a orar e a agradecer por nosso lar, pelo alimento e pelas nossas vidas. E foi assim que cresci sendo eternamente grata àquela família que nos acolheu e devolveu a paz para dona Laura. Por este motivo, farei tudo que estiver ao meu alcance para retribuir o que nos foi dado.

Bati de leve na porta, mas não obtive resposta. Entrei no quarto silenciosamente e encontrei Léo já sentado na cama.

— Pra que tanta cerimônia para entrar? Cansou de invadir minha privacidade?

— Oh, me desculpe. Mas bem que você mereceu!

— Eu mereço muito mais que isso...

— Esse sentimento de autoflagelo não vai ajudá-lo. Tente ver pelo lado positivo... Você está vivo, Léo. Quer dádiva melhor que essa?

— Ah, Polyana, não comece com seu discurso sobre ver o lado bom das coisas.

— Polyana?

— Sim. Você parece aquela menina irritante daquele livro que nos obrigaram a ler no colégio — disse, fazendo o joguinho do contente.

— Pelo menos seu bom humor voltou.

— Só no quesito de te provocar. Mas não pense que vou deixar essa sua invasão ao meu quarto sair de graça.

— Você me chamou aqui para isso?

— Não. Foi para dizer que eu aceito ser sua cobaia. E podemos começar com as experiências hoje mesmo.

— Não podemos começar nada com você falando desse jeito.

— Tá ok, eu aceito ser seu paciente! Mas tenho uma condição...

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 5

“É preciso que eu tolere duas ou três lagartas se quiser conhecer as borboletas. Dizem que são tão belas!” [\[4\]](#)

Jaqueline

— Qual condição?

— Quero que ajude as pessoas que arruinei. Consigo conviver com esse sentimento de ser um perdedor inválido, mas não consigo pensar que fui o responsável por prejudicar tantas vidas inocentes.

— É um grande passo para curar seus males da alma.

— Você não imagina o que é viver sendo constantemente julgado por suas escolhas, com todos ao seu redor esperando o pior de você. Então você vai lá e comprova que é o completo idiota que todos imaginavam; além de destruir minha própria vida, saí por aí atingido pessoas inocentes. Acho que para essa ferida que se abriu dentro de mim não existe cura, mas preciso tentar pelo menos amenizar o sofrimento deles.

— Muito bonito esse seu gesto, Léo.

— Não se trata disso, Jaqueline, é puro egoísmo. Preciso saber que aquelas crianças terão uma vida digna e feliz na medida do possível. Não

aguento conviver com essa culpa que me corrói. Já bastam os anos me martirizando pelo que fiz à minha mãe.

— Como você pode ter feito algo à sua mãe, se era apenas um menino? — perguntei, tomando a liberdade de me sentar na beirada da cama, não fornecendo brecha para ele me expulsar do quarto logo agora que avancei um pouco em ajudá-lo a falar sobre seus sentimentos.

Ele escondeu a rosto com as mãos, como se quisesse afastar uma memória ruim, e começou a se abrir:

— Eu fui o responsável pelo que aconteceu com a minha mãe.

— Não posso acreditar nisso. Eu já te conhecia naquela época, esqueceu? Sei que era apenas um garoto levado, cheio de energia.

Léo afastou a mão do rosto e me olhou com pavor estampado em sua face. Completamente atordoado pelas lembranças, ele começou a falar sem pausas e eu ouvi tudo com muita paciência, não ousando interrompê-lo.

— No dia em que tudo aconteceu, nós estávamos brincando de esconde-esconde e você bem sabe que eu era perfeito em arrumar os melhores esconderijos. Então, de onde estava escondido, presenciei minha mãe chegar acompanhada por um homem que não era o meu pai. Ela olhou desconfiada para todos os lados, e não me viu atrás da cortina na janela do escritório do Leônidas. Ela abraçou o homem por um longo tempo e depois o beijou. Não me contive e comecei a gritar para o cara soltar minha mãe. Ela se assustou e veio correndo em minha direção, mas eu me escondi e ela não foi capaz de me achar.

— Eu me lembro bem desse dia, fiquei por horas te procurando.

— Até que sua mãe me encontrou... Eu já estava faminto, porém me tranquei no meu quarto quando a Bia, com a desculpa de levar minha refeição, entrou para falar comigo, tentando me explicar o impossível. Começou a dizer que eu era a única pessoa com quem ela se importava, que não queria me magoar, mas precisava ser feliz.

— Ela realmente te amava — tentei consolá-lo, pois seu semblante estava carregado de tanta tristeza que despertava em mim uma vontade absurda de arrancar todo aquele sofrimento.

— Não! Ela nunca foi capaz de amar ninguém, além de si mesma. Cresci com suas lamúrias por ter perdido sua carreira e a maternidade estragado seu lindo corpo.

— Ela teve depressão pós-parto e nunca se curou, Léo. Você não deve carregar mais isso em seu peito. Já se passaram tantos anos.

— Dentro de mim são sentimentos vivos, passei tanto tempo me culpando por tudo que não consigo me livrar de mais esse fardo. Talvez, se minha reação fosse diferente, ela não tivesse acabado com a própria vida. Eu gritei muito com ela, xinguei os nomes mais feios que sabia, ameacei contar para o meu pai, enquanto ela somente chorava diante do meu acesso de raiva. Não satisfeito, eu ainda disse que a odiava e que queria a dona Laura como mãe.

— Você só estava confuso e magoado, Léo.

— Pode ser, mas joguei em sua cara tudo que um menino rancoroso

podia falar, só que muitas daquelas coisas nem eram verdadeiras. Depois ela saiu do meu quarto chorando muito e se trancou no dela por dois dias. Assim que o Leônidas chegou de viagem, contei tudo para ele. Mas ele pareceu nem se importar, viajou logo em seguida e o resultado, no dia seguinte... você já sabe.

— Sim, aquela imagem não saiu da minha cabeça por dias.

— Sorte sua, porque a mim continua atormentado. E ultimamente, desde o acidente, me causa terror. Sei bem como é crescer com uma perda dessas.

— Então é por isso que quer ajudar as famílias das vítimas?

— Sim. Eu vi o menino no programa de televisão, parecia tão frágil e desolado tentando consolar a mãe... Saber que eu fui o responsável por tanto sofrimento me dilacera.

— Mas é só uma questão de ver as coisas por outro ângulo. Talvez você só precise assumir seus erros e tentar tirar uma lição de tudo o que passou para seguir em frente, em busca de paz. A questão é que muitas vezes não conseguimos isso sozinhos.

— Sua fé em mim é admirável, Jaque, e seu coração é o mais puro que conheço, mas, sinceramente, não sei se sou capaz de mudar essa situação, por isso ponderei em aceitar sua ajuda.

Pensei sobre tudo o que ele falou e me senti, de certa forma, aliviada. Imaginei os mais diversos pedidos para sua condição, e aquilo era muito mais fácil, além do fato de que eu já tinha a intenção de ajudar as famílias das

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vítimas envolvidas no acidente. Há dias procurava uma forma de me aproximar delas e acabei descobrindo a necessidade do menino órfão de fazer tratamentos específicos. Ao olhá-lo percebi algo diferente, porém fiquei tão imersa nos problemas ligados a Léo que acabei adiando a ação. Agora, mais do que nunca, me sobravam estímulos.

— Tudo bem — me peguei respondendo com muita convicção.

— Tudo bem? Mas ainda não acabei.

— O que você quer mais, Léo?

— Um prazo... um prazo curto para você tentar todo tipo de tratamento comigo, poucos meses, ou melhor... até minha sentença sair. Não vou questioná-la, colaborarei em tudo e prometo também me esforçar para alcançar os seus objetivos.

Escutei sua voz pausada com o coração na boca, imaginando milhões de possibilidades para o que viria a seguir.

— Eu poderia aguentar qualquer coisa, menos que você perdesse esse brilho de esperança tão nítido em seus olhos caso falhasse comigo.

— O tratamento é longo, Léo, poderia durar praticamente toda a sua vida, mas podemos ter muitos ganhos nesse período que você está me impondo — atrolei suas palavras, ansiosa por mais esse pedido.

— Não me importo com a opinião de ninguém, somente com a sua e a de sua mãe. Se caso nada der certo ou nenhuma cirurgia milagrosa aparecer nesse período, não quero que se martirize. E te proíbo de me visitar na

penitenciária.

— Você nem sabe se realmente será condenado!

— Não pretendo utilizar quaisquer artimanhas para me livrar de nada. E pagarei toda a minha pena. Quero acertar todas as minhas contas com a justiça e sair pela porta da frente, mesmo que seja carregado.

— Mais alguma condição? — perguntei de forma irônica, antes que ele impusesse mais alguma coisa, e também para mudar de assunto, pois a possibilidade de vê-lo encarcerado me deprimia.

— Por hora é só. Mas posso pensar em algo se quiser.

— Não! Está ótimo, estamos acertados e começaremos já.

— Não podemos começar amanhã? Para eu me preparar psicologicamente para as pesquisas com sanguessugas...

— Engraçadinho... Pode deixar que pensarei em uma forma de utilizar isso aí. Mas por enquanto eu me contento em providenciar alguém para dar uma melhorada nessa sua aparência horrorosa — brinquei.

— Mas o que a minha aparência tem a ver com meu tratamento?

— Nada. É só para eu conseguir te olhar, você está tenebroso!

— Acontece que para muitas pessoas isso aqui — passou uma das mãos pela barba crescida e depois apontou para o cabelo já sem corte definido e todo bagunçado — é estilo.

— Estilo eremita, isso sim.

— Vamos chegar a um acordo então. Eu deixo *você*, eu disse *você*, não outra pessoa, aparar minha barba e prender o meu cabelo. Nada mais.

— De acordo. Não é a melhor opção, mas vai servir por enquanto. Já volto.

Parti em busca de todos os apetrechos necessários, na verdade, eu já havia comprado tudo na esperança de que ele aceitasse começar o tratamento. Não me importava com sua aparência de fato, para mim ele continuava lindo, mas sabia o quanto isso poderia melhorar sua autoestima. Voltei rápido, receosa de perder a oportunidade.

Cheguei em seu quarto já montando tudo, não dando espaço para ele mudar de ideia.

— Posso saber se andou fazendo curso de cabeleireira pelo YouTube? Onde arrumou essas coisas?

— Digamos que eu seja uma mulher precavida. E pare de tentar me distrair.

Comecei sentando-o na cadeira de rodas, para levá-lo até o banheiro. Ele fez uma cara de desconforto com todo o meu esforço para movimentá-lo, porém não disse nada, parecia conformado com tudo o que eu planejava. Coloquei-o de frente para o espelho, ele baixou os olhos evitando se ver. Fingi não perceber e continuei, apoiando sua cabeça sobre o lavatório improvisado. Iniciei lavando seus cabelos, a sensação sob meus dedos era maravilhosa. Perdi-me enquanto massageava sua cabeça e depois passei para

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

a barba. Conforme seus lindos lábios iam aparecendo, eu pensava em como seria bom se por um segundo eu o beijasse, mas logo descartei a possibilidade, não deveria misturar as coisas. A partir daquele momento, eu seria sua cuidadora e fisioterapeuta e me concentraria nisso, somente nisso. O restante devia continuar adormecido, como sempre esteve. Ele era meu amigo que precisava de ajuda, e agora também era meu paciente.

Quando prendi seus cabelos — da forma que realmente pesquisei sobre como fazer, mas nunca admitirei para ele —, vi o resquício daquele rapaz tão cheio de energia. Meu penteado, mesmo torto, com a barba já bem-feita revelaram sua beleza. Enquanto ele permanecia de olhos fechados, com um semblante leve e de paz, e com seu rosto tão próximo ao meu, me distraí ao olhar para seus traços e fui pega em flagrante, observando-o. Fingi estar concentrada terminando o serviço já pronto.

— Como estou? — ele perguntou de forma presunçosa, após me flagrar, mas como eu nunca daria o braço a torcer, soltei uma gargalhada deixando-o confuso.

— Você está parecendo a Pedrita.

Ele se olhou no espelho, conferindo meu serviço.

— Bem, eu gostei. E fico feliz que pelo menos eu sirva para te fazer dar risadas.

— Agora que você está mais apresentável, podemos começar. Tenho que te apresentar para toda a equipe que contratei.

— Que equipe? Eu aceitei o seu tratamento, somente.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Oras, pode deixar que eu irei te acompanhar em tudo, mas você sabe que tem necessidade da ajuda de outros especialistas, e nem tudo eu posso pesquisar no YouTube. — eu disse, dando uma piscadela para ele, que baixou a guarda, sorrindo.

— Eu só espero que você seja melhor fisioterapeuta do que cabelereira.

Respondi com um sorriso feliz por ele ter aceitado o tratamento e estar começando a melhorar seu humor, e me permiti sentir a esperança de que dias melhores estariam por vir.

Capítulo 6

“É loucura odiar todas as rosas porque uma te espetou.” [\[5\]](#)

Os dias passaram tranquilos, logo Jaqueline impôs um ritmo atribulativo para a rotina de Léo. Ela acabou cancelando o acompanhamento a todos seus pacientes para dar atenção exclusiva a ele, tentando conciliar com as aulas de pós-graduação no período noturno e ainda estudar uma forma de se aproximar dos familiares a fim de resolver as pendências no acordo feito.

Léo estava cumprindo sua parte também, não contestava nada, conforme havia prometido, e esforçava-se bastante para colaborar com os profissionais contratados, que não eram poucos.

Além das atividades com Jaqueline de alongamento e fortalecimento dos membros, Léo ainda fazia sessões com uma terapeuta ocupacional, uma psicóloga, uma nutricionista e os médicos neurologista e urologista, todos escolhidos a dedo por ela, e sob sua supervisão. Jaque ficava feliz a cada pequena evolução e assistia, dia após dia, Léo recuperar um pouco de sua vitalidade, peso e força.

A interação entre ambos aos poucos foi retornando, a antiga cumplicidade de dois amigos que cresceram juntos, e Jaque por muitas vezes se distraía imaginando como seria o futuro de Léo e se existiria um pequeno espaço para ela reservado em sua vida.

Em sua noite de formatura tudo ocorreu de forma tão abrupta, e os dias de tensão que se seguiram não permitiram a Jaque sequer pensar sobre o beijo que ele lhe deu. Ultimamente, com tanta proximidade, seus sentidos estavam muito aguçados e a lembrança voltava nítida à sua memória a cada toque que se prolongava, cada pequeno sorriso dado por ele, quando era provocada ou até mesmo quando ele se fechava com o olhar perdido. Nesses momentos, ela se controlava para não dar razão ao impulso de acalotá-lo, na tentativa de diminuir um pouco seu sofrimento.

Segundo a terapeuta, ele estava começando a falar sobre suas aflições, mas Jaque o entendia bem, ele sempre foi arredo, demorava muito para confiar nas pessoas e no primeiro momento fazia de tudo para espantá-las.

Foi assim com ela e sua mãe quando chegaram à mansão. Em seu primeiro contato, as ignorou por completo. Jaque ficara feliz por encontrar outra criança, pois sempre havia sido muito sozinha, e ficava de longe tentando uma maneira de se aproximar, enquanto ele fingia não notá-la e continuava a brincar com seus brinquedos mais caros. Jaque não o invejava por isso, adorava sua boneca de pano; ela queria somente um amigo.

Quando foi matriculada na mesma escola de Léo pela bondosa Dona Amelinha, com direito a todo o material escolar e uniforme, achou que talvez ele passasse a lhe dar atenção. Ledo engano. Léo continuou distante, sem lhe dar uma única brecha. Isso durou quase um ano letivo inteiro. Até que um dia, na hora do recreio, Léo presenciou algumas crianças falando de seu cabelo, dizendo que era ruim e jogando seu lanche ao chão, enquanto Jaque chorava sem entender o porquê de estar sendo agredida verbalmente, principalmente naquele dia, pois sua mãe havia feito duas marias-chiquinhas, que ela adorara, e seu lanche estava tão gostoso. Das outras vezes não tinha

ligado, mas naquele dia sentiu-se muito triste, nunca fez nada para merecer aquele tipo de tratamento.

Léo correu em sua direção, deu um soco no garoto que tinha estragado seu lanche, ameaçou todo mundo e se sentou ao seu lado, oferecendo o lanche dele e consolando-a, dizendo que achava seus cabelos os mais lindos do colégio. Daquele dia em diante, nunca mais a deixou sozinha no intervalo. Ele esperava pacientemente por ela no final das aulas e nunca mais Jaque sofreu com *bullying* das crianças. Algumas até fingiam ser suas amigas, mas Jaque desconfiava, conforme os anos passavam, que as meninas só falavam com ela para tentar se aproximar do garoto mais popular da escola.

Isso durou até Léo se formar, um ano à frente dela, depois voltou a ser hostilizada. E mesmo não contando para ninguém o que acontecia no colégio mais caro de São Paulo, pago pelo Senhor Leônidas, Léo ia sempre buscá-la com o motorista. Até o dia em que tirou sua carta e passou a dirigir seu próprio carro, e todos os dias quando Jaque saía do colégio, lá estava Léo a esperando. Tornaram-se amigos e confidentes. Ele, quando passava a confiar na pessoa, era o mais fiel e companheiro.

Os problemas começaram quando ele foi para a faculdade. Seu grande sonho era ser músico. Ele tinha uma habilidade nata, tocava de tudo, somente de ouvir uma única vez, e sua voz era doce e aveludada. Desejava cursar a faculdade de música, porém seu pai foi veementemente contra, impôs os cursos de administração ou engenharia para que ele pudesse cuidar dos negócios da família. Léo insistiu e seu pai cortou todas as suas regalias. Foi nessa época que conheceu o Jorginho, um rapaz bem mais novo, mas que parecia exercer um domínio ruim sobre as ações de Léo. Juntos, eles

montaram uma banda e saíram em busca de integrantes. Léo abandonou a faculdade e passou a tocar em bares. Vieram as muitas mulheres, as bebedeiras e as confusões. Jaque assistia a tudo distante, com muita tristeza e com saudades de seu amigo. Enquanto Léo colecionava namoradas, ela se dedicava ao máximo aos seus objetivos. Nunca se permitiu envolver por ninguém, acreditava ser uma perda de tempo e concentração para alcançar sua independência financeira e dar uma aposentadoria digna à mãe. Possuía outros valores, acreditava em coisas de difícil entendimento para as pessoas com quem se relacionava, e por isso preferia ter raros amigos e nenhum namorado.

Conseguiu naquele dia uma informação valiosa com seus colegas do curso de pós-graduação sobre o filho do trabalhador morto. Os pais vieram para São Paulo em busca de tratamento para ele, pois na cidade onde moravam não conseguiram descobrir qual doença o garoto tinha. Jaque teve a ideia de se passar por alguém do posto de saúde e ir visitá-los. Correu para contar a novidade a Léo, que vinha ansiosamente perguntando sobre os avanços na ajuda às famílias. Achou que a novidade o deixaria um pouco menos ansioso.

Ao chegar à mansão, ficou estarecida ao ver o Jorginho saindo do quarto de Léo. Ela se encheu de coragem e resolveu confrontá-lo, ele não seria boa influência logo agora que estavam avançando no tratamento.

— O que faz aqui, Jorge?

— Boa tarde para você também, *Jaqueline*.

— Eu te fiz uma pergunta. O que faz aqui?

— Vim visitar meu grande amigo, por acaso isso é proibido?

— E posso saber por onde andou todo esse tempo que ele precisou tanto de “um grande amigo”? — Jaque enfatizou de forma irônica suas palavras.

— Não queria me expor com tanta repercussão negativa da mídia. Hoje, como percebi que não havia ninguém da imprensa por aqui, resolvi ver com meus próprios olhos o que andam falando por aí.

— E o que estão falando?

— Que ele se tornou um inválido, oras. E realmente não é mentira.

— Ele não se tornou nada disso. Agora é somente portador de uma deficiência, e poderá ter uma vida perfeitamente normal.

— Normal? Dependendo de uma cadeira de rodas?

— Sim! E tem mais, acho melhor você não aparecer mais por aqui.

— E eu posso saber por quê?

— Você não é boa influência para ele, especialmente agora que estamos evoluindo em seu tratamento.

— Existe alguma possibilidade de ele voltar a andar?

— Isso somente Deus deve saber.

— Deus? — Ele soltou uma risada sarcástica. — Se Ele realmente
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

existir, deve estar punindo o Léo por todas que aprontou na vida. E me deixe passar, já perdi muito tempo com você.

— Estou falando sério, Jorge. Falarei com o senhor Leônidas e tenho certeza de que ele acatará meu pedido de proibi-lo de entrar aqui.

— Além de ser marmita de meu amigo, você anda se deitando com o patrão também? Espertinha você, hein... E eu te subestimando!

— Eu nunca me sujeitaria a nada disso!

— Mas eu não te condeno, afinal, de que outra forma pessoas de sua raça conseguem algo na vida?

— O que você quer dizer com “sua raça”, acaso me acha inferior?

— Claro! Você não tem espelho em casa? Nunca reparou na sua cor?

— Tenho muito orgulho da minha cor, e o fato de você me achar inferior não me diz nada; não esperava menos de uma pessoa tão mesquinha como você.

— Era só o que me faltava, uma negra querendo me dar lição de moral...

— Você sabia que preconceito é crime e eu posso te processar?

— Vai lá, faz isso, me processe! O máximo que ganhará com essa idiotice será algumas cestas básicas. Ou esqueceu que pessoas de classe não vão para cadeia.

— Não vou perder meu tempo com um ser tão preconceituoso.

— Não se trata de preconceito, e sim de reconhecimento de cada um no seu devido lugar.

— Você é digno de pena. Nada mais.

Ao falar isso, Jaque escutou um barulho forte vindo do quarto de Léo, assustou-se e correu em direção ao som, mas foi impedida por Jorginho, que ainda a ameaçava.

— Nós queremos a mesma coisa e você sabe bem disso. Não irei facilitar nada. Você não faz ideia do que eu sou capaz.

Jaque somente o encarou, não se deixando amedrontar, sua maior preocupação no momento era descobrir o que acontecera com Léo. Ela soltou bruscamente o braço que ele ainda segurava e correu para o quarto, deixando o Jorginho com sua risada de escárnio ao fundo.

Ao entrar no quarto de Léo com o coração na boca, deparou-se com ele caído no chão tentando se reerguer. Lágrimas escorriam por sua face mediante todo o esforço sem sucesso que ele fazia.

— Poliana, eu não consigo! — Sua voz estava enrolada e as palavras que se seguiram foram muito confusas, alternando entre um choro convulsivo e risadas de desespero, e ainda a chamando pelo apelido.

Jaque conseguiu, com toda a sua técnica, levantá-lo e colocá-lo em sua cadeira de rodas. Mas Léo estava muito diferente e Jaque se assustou com a possibilidade de ele estar em confusão mental, por conta dos medicamentos,

ou ter sofrido algum agravante em seu quadro.

Resolveu acionar a equipe médica. E, enquanto esperava, tentava de toda forma conter Léo, que passou a ficar agitado, tentando a todo custo se levantar sozinho.

O médico neurologista chegou e o examinou minuciosamente. Fez várias anotações em seu prontuário e resolveu conversar com Jaqueline a sós.

— Ele ficará bem, doutor?

— Se parar com o uso de drogas, sim. Os remédios dos quais ele faz uso diariamente não podem ser misturados com mais nada, caso contrário, esses ataques serão constantes e seu tratamento poderá ser prejudicado.

— Drogas, doutor?! Tem certeza?

— Sim, ele fez uso de algo que, misturado aos medicamentos, ocasionou esse tipo de reação nele. Acredito ser bem útil uma conversa esclarecedora para convencê-lo a aceitar algum tratamento específico. Primeiro precisamos descobrir qual o tipo de vício dele, então, caso ele aceite, direcionaremos os psicotrópicos corretos.

Jaqueline não conseguia acreditar no que ouvira. Estava ciente do fato de terem encontrado ecstasy em seu organismo no dia do desastre, mas achou que fosse algo ocasional. Léo não parecia ser do tipo dependente químico. Até antes do acidente, exibia uma forma invejável e já há algum tempo vinha abandonado sua vida de farras. Quando Jaqueline o convidou para ser seu padrinho de formatura, ele confessou ter desistido da banda e se matriculado no curso de Administração para realizar o desejo do pai e assumir um cargo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

de confiança na gerência da empreiteira. Jaque ficou realmente feliz por ele estar, enfim, tomando um rumo na vida. E segundo Léo, os créditos de sua mudança se davam ao bom exemplo que ela lhe dera, além do cansaço extremo pela vida vazia que vinha levando.

Tudo aquilo parecia uma grande brincadeira do destino para Jaque, e pela primeira vez desde que começaram o tratamento, ela se sentiu desesperar. Como iria lidar com mais esse problema?

Capítulo 7

“Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde às três eu começo a sorrir.” [\[6\]](#)

Jaqueline

Velei seu sono inquieto por dois dias inteiros. Meus sentimentos eram conflitantes, tinha hora que eu queria me deitar ao seu lado e fazer cafuné em sua cabeça, noutra hora queria bater nele até despertá-lo. Como ele podia ser tão inconsequente?

Resolvi sair para espairecer um pouco, não podia me deixar influenciar por algum julgamento precipitado. Eu teria uma conversinha com ele, não poderia permanecer naquela situação se ele continuasse sendo desleal comigo, omitindo informações.

Com o endereço da família em mãos, me enchi de coragem e fui procurá-los, com a desculpa de ser uma agente de saúde. A residência ficava no extremo leste da cidade, em um bairro muito longe e carente. Pedi ao motorista da mansão para me deixar um pouco distante, para não levantar suspeitas; ele fora colocado à minha disposição pelo senhor Leônidas. Mesmo com meus protestos, ele alegou que, devido à fase ruim que a família estava passando por todas as ameaças, ficaria mais tranquilo em dar certa

segurança para eu me deslocar. O Senhor Leônidas me tratava como se eu realmente fosse sua filha, eu ficava até receosa de aceitar seus cuidados para comigo, não gostava de tanta benevolência por parte do patrão de minha mãe, tinha plena consciência de qual era meu lugar naquela casa.

Coloquei o jaleco e o crachá da faculdade virado, escondendo meu nome, para dar mais veracidade à minha encenação. Ao bater na porta e me apresentar dizendo que era uma agente de saúde, a mãe, que descobri se chamar Rose, não questionou muita coisa, pareceu aliviada ao ver alguém disposto a ajudá-la e já me colocou dentro de sua casa sem rodeios. Fiquei até constrangida por tanta receptividade, uma vez que estava forjando uma situação.

Ela me levou até o pequeno quarto que continha uma cama de casal e um beliche ao canto. Na parte de cima, um rapaz escutava algo em seu fone de ouvido, fingindo não me ver chegar; na parte de baixo, o garoto que vi no dia de todo o ocorrido estava encolhido, gemendo embaixo de cobertas, mesmo com o calor que fazia naquela época do ano. Aproximei-me dele e coloquei minha mão sobre sua testa, notando que ele estava com febre.

— Há quanto tempo ele está assim? — perguntei, muito preocupada com o estado da criança.

— Já está assim há três dias. Levei ao posto aqui do bairro, mas eles me mandaram para casa, dizendo que se trata de mais uma virose.

— Virose? E o que receitaram para ele?

— Somente hidratação e um remédio para baixar a febre. Tentei explicar que ele está sempre assim... Faz dois anos que vivemos atrás de um

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

tratamento, e nada!

— Dois anos? O que ele sente?

— Fraqueza nas pernas, dores pelo corpo e febre. Na minha cidade, chegaram a desenganar meu menino, por isso viemos aqui para *Sun* Paulo atrás de tratamento, mas já faz oito meses que estou na fila do posto esperando, enquanto ele sofre.

— Não se preocupe, iremos descobrir o que ele tem, mas a senhora precisa confiar em mim.

— Claro, foi Deus quem mandou a senhorita aqui. Hoje eu ia com uma *cumadre* atrás de uma cirurgia espiritual, porque já não sabia mais onde procurar ajuda.

— Podemos levá-lo ao hospital se a senhora concordar.

— Mas como iremos levá-lo se ele *num* se aguenta em pé?

— Chamaremos um táxi.

— Eu não posso pagar. Além do mais, eles não entram aqui no bairro, por medo de assalto.

— Como a senhora fez das outras vezes?

— Meu *cumpadre*, antes de ir para a feira, deixa a gente nos médicos. Mas agora já é dia alto, e ele só volta de noitinha.

— Então ligarei para um amigo que trabalha como motorista, ele nos
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ajudará.

Liguei para Robson, o motorista da mansão que estava muito próximo, ele voltou desconfiado de minhas ações, mas, como estava temeroso por minha segurança, chegou rápido e somente me avisou que mais tarde conversaríamos.

— Moça, não quero prejudicar seu amigo. Se o patrão dele descobre que está levando pobres no carrão dele, vai acabar mandando ele embora.

— Não tem problema, senhora, meu patrão está viajando. Eu estava de bobeira visitando uma amiga aqui perto, se é que me entende... — foi Robson quem respondeu, dando uma piscadela para Rose e fazendo-a corar. Seus traços, apesar de todo o sofrimento exposto no rosto, escondia uma beleza singular.

— Tudo bem, se o senhor diz... — Rose foi para o quarto e tentou levantar o menino sozinha. Ela dispensava tanto amor e cuidado ao garoto que se tornou bonito de ver tanta dedicação. Robson, compadecido com a situação, pegou-o no colo e o levou gemendo de dor para o carro.

Levei Davi até o hospital público Nossa Senhora do Livramento, onde fiz meus estágios da faculdade e tinha muitos colegas, tinha certeza de que alguém por lá nos ajudaria.

Não precisei de muito esforço para conseguir atendimento para ele, para minha sorte, logo na triagem encontrei Patrícia, a enfermeira que geralmente fazia os plantões comigo. Ao ver o estado de Davi, ela já providenciou tudo muito rápido. Ele estava com febre alta e muita fraqueza e deu entrada na emergência. Foram pedidos muitos exames por parte da

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

equipe médica. E nos foi avisado que demoraria bastante. Dispensei o motorista com a promessa de ligar assim que tivesse algum retorno, Robson já havia se afeiçoando ao garoto, era impossível não se compadecer com tanto sofrimento.

Rose estava uma pilha de nervos, porém muito grata por enfim ter encontrado ajuda. Enquanto aguardávamos, consegui convencê-la a comer algo, quando descobri que já estava em jejum há muitas horas.

Ela tinha uma história sofrida. Conforme o tempo foi passando, ela foi confiando em mim e se abrindo, parecia aliviada por alguém finalmente estar disposto a ouvi-la. Para mim era um aprendizado escutar um relato de tanta luta.

Ela, como muitas, engravidou muito cedo e teve o rapaz que vi jogado no beliche de sua casa e, conseqüentemente, abandonada grávida, passou por muitas necessidades. Quando o garoto nasceu, precisou deixá-lo aos cuidados da avó e partiu à procura de emprego. Segundo ela, passou por todo tipo de provações, até fome, para enviar o pouco de dinheiro que conseguia para a mãe cuidar de seu bebê. Foram anos de luta e desespero, quando, segundo ela, teve de se submeter a todos os tipos de humilhações. E quando já estava a ponto de desistir de tudo, conheceu Josué. Ele prometeu tirá-la da vida que estava levando.

Nesse momento, percebi Rose segurar o choro, parecia ser algo de que ela não se orgulhava muito. Josué deu-lhe um abrigo, ele também estava cansado e buscava um novo rumo. Rose voltou para sua cidade, pegou o filho crescido e tentaram reconstruir suas vidas em outro lugar. Ficaram felizes com a gravidez, mas, desde que nasceu, a saúde de Davi era frágil, estava

sempre doente, começando a se agravar dois anos atrás. Quando Josué decidiu vir para a cidade grande, como chamava, em busca de tratamento para o filho.

— Você precisava ver como ele amava nosso menino. Josué era um homem cheio de pecados, mas reencontrou a fé quando tivemos Davi.

— Ele realmente parece ser um garoto muito bom.

— É sim! E por isso sou muito agradecida à senhorita. Josué ficaria muito feliz em saber que seu filho finalmente está sendo tratado.

— Não há nada para agradecer, ainda temos de descobrir o real motivo de seu problema.

— Ainda assim... foi muito mais do que qualquer pessoa fez por ele até hoje, a senhorita só pode ser um anjo enviado por Deus.

Fiquei constrangida com tanta gratidão e muito mal por estar mentindo, mesmo que fosse por uma boa causa.

Voltamos em busca de notícias sobre o estado de Davi e fomos informados que ele seria internado para investigação da causa de sua febre que não cedia.

Parti deixando Rose e o filho com a promessa de passar em sua casa e providenciar algum alimento para Wesley, seu filho mais velho. Ao voltar à pequena casa, encontrei o rapaz muito mal-humorado fazendo pouco caso de toda a situação.

— Tanto faz, aquele mala vive doente mesmo... a Rose nunca teve tempo para mim.

— Seu irmão realmente tem uma doença que precisa ser descoberta e tratada.

— Não mudará nada, iremos continuar na merda. Aliás, eu te conheço de algum lugar...

Eu me assustei com aquela informação. Busquei na memória se ele estava no hospital no dia do ocorrido, mas, se nem a Rose se lembrou de mim, não seria aquele rapaz que se lembraria.

— Pode ser. Bom, preciso ir agora, já está tarde. Boa noite e lembre-se de que sua mãe pediu para você não ir aos bailes está noite. — Resolvi sair com Robson, antes que Wesley me respondesse, nem eu nem ele estávamos gostando da forma que o rapaz me encarava.

— Você, mocinha, tem umas explicações para me dar — Robson me disse assim que entramos no carro luxuoso.

— Robson, preciso apenas que confie em mim e não fale nada para minha mãe.

— E por que eu faria isso?

— Porque é por uma gigante causa!

— Bem, confio no seu coração generoso, mas ficarei à espreita caso precise de algum tipo de ajuda. A outra família prejudicada não é tão amável

quanto essa senhora foi hoje. Ok?

— Prometo que tomarei cuidado, Robson, e te chamarei, sim, caso precise.

Agora eu teria outro problema para resolver. Apesar de a hora estar adiantada, precisava me certificar de que o senhor “Bela Adormecida” já estava acordado para tentar realizar alguns exercícios a fim de não atrasar o tratamento.

Cheguei ao seu quarto e o encontrei mais animado do que de costume.

— Nossa, resolveu aparecer, Poliana?

Apenas revirei os olhos em resposta, não estava com humor para piadas. Depois de tudo o que tinha visto hoje, queria somente fazer o meu serviço; era inevitável não julgá-lo pelo sofrimento daquele pobre garoto.

Comecei com os exercícios de alongamento, que deveriam ser diários, fingindo estar extremamente concentrada em minha atividade.

— Que foi? Está de TPM? Não vai conversar comigo hoje? Nem perguntar como foi o meu dia? — Léo ficou me provocando, enquanto eu seguia quieta, ignorando-o.

— Qual é, Poliana? Você não vai fazer o jogo do contente hoje?

Somente o encarei, contando mentalmente até mil para não responder. Estava ficando cada vez mais furiosa com ele, aliás, não entendia como uma pessoa que sempre teve tudo na vida poderia se envolver com drogas. O

acidente e a paraplegia eu acreditava ser fatalidade, mas o uso de drogas para mim era uma opção de pessoas não muito inteligentes.

Acho que acabei puxando bruscamente sua perna, o que o fez soltar um grito de dor.

— Qual é? Você não sente nada! — respondi irritada, mas já me senti mal por ter falado isso.

— Você foi muito cruel agora, Jaqueline.

— Ah, me desculpe. Foi sem querer.

Léo soltou uma gargalhada e disse que estava brincando, o que me deixou ainda mais irritada. Soltei sua perna de uma vez, virando-me para sair do quarto, mas ele me puxou pelo braço, fazendo-me aterrissar na cama, muito próximo a ele.

— Você está muito nervosa. Converse comigo, fale o que está te incomodando. — Ele me segurou firme com uma das mãos, enquanto com a outra ajeitava meus cabelos bagunçados ao longo do dia.

— Me solte! Não me encha!

— Qual é? É somente isso que você consegue? Vamos lá, me xingue... Sei que é isso o que quer. — Ele continuou segurando forte o meu corpo, ainda muito perto do dele.

— Me solte, seu idiota!

— Está começando a melhorar... mas quero algo mais forte. Não sabe falar nenhum palavrão? Aliás, você já falou algum na sua vida? Posso te ensinar um milhão deles.

— Não tenho dúvidas disso!

Ele me soltou e cruzou os braços me encarando.

— Vamos lá, estou esperando, faça o seu melhor, garanto que meu pobre coração aguenta. — As provocações não paravam, não sei aonde ele queria chegar com aquilo.

— Tem horas que você esquece que cresceu!

— Sei que você precisa disso, pense no palavrão mais podre que tenha aprendido.

— Oras, seu... seu... — Tentei mas não consegui, fui educada de tal forma que sempre fui incapaz de xingar alguém, mas seu olhar de deboche cada vez mais me tirava do sério. — Seu *boboca*!

Ele soltou uma gargalhada e ficou rindo de se contorcer. Joguei as almofadas em cima dele e saí batendo a porta. Toda aquela situação era demais para mim, principalmente por eu ainda sentir formigar nos lugares onde ele encostou ao me segurar. Não sabia se naquele momento eu sentia mais raiva dele por seu acesso de infantilidade ou de mim por ser tão vulnerável a ele.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 8

“Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que a fez tão importante” [\[7\]](#)

Léo despertou sozinho assim que o primeiro raio de sol adentrou o quarto. Desde que permitiu a troca das cortinas pesadas por outras mais leves e claras, aceitando assim a sugestão de Jaque para ele deixar a claridade iluminar sua vida, essa era sua nova rotina. E vinha surtindo efeito. Conforme os dias passavam, começava a se sentir consideravelmente melhor, menos triste, derrotado e desprezível. Aquele sentimento opressor em seu peito havia diminuído e as crises que o cegavam, fazendo-o pensar que morreria a qualquer momento, também haviam cedido.

Ele tinha plena consciência de seu estado irreversível, mas começava a nutrir esperanças de poder ter uma vida digna. Voltou a considerar a possibilidade de se profissionalizar na música desde que Jaque tirou seu violão do fundo do armário e o colocou ao lado de sua cama. Fez uma pesquisa rápida em seu notebook e descobriu também muitas modalidades de esportes adaptáveis para sua nova condição. A partir de quando começou com as sessões de fisioterapia, suas dores também se tornaram suportáveis e agora tinha certeza de que, como Jaque prometera, tudo melhoraria. Só cabia a ele reagir. E por ela, Léo queria ser uma pessoa melhor, digno de arrancar aquele sorriso tão lindo que fazia seu coração palpitar cada vez que ela o olhava.

Ele sempre evitou olhá-la de forma diferente, mas se tornou inevitável à medida que cresciam. Certo dia quando a fitou, ela não era mais uma menina enxerida. Ela era linda aos seus olhos, sua pele morena, com seus

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cabelos encaracolados sempre rebeldes, lábios carnudos e olhos tão expressivos que pareciam enxergar sua alma. E como não se bastasse tudo isso, conforme se tornava mulher, suas curvas se moldavam, deixando-o alucinado de desejo. Porém sabia que nunca poderia tê-la em seus braços da forma que seu corpo gritava.

Ela era boa demais para ele, pura, em todos os sentidos. Seu pai percebeu logo o despertar de seus olhares para sua pupila e tratou de lembrá-lo quão longe ele deveria se manter. Por isso, passou a evitá-la mesmo desejando o contrário. Sentia falta das conversas, das brincadeiras, das confidências e até mesmo dos valiosos conselhos dela.

Por isso a proximidade recente despertou nele aquele sentimento trancafiado a sete chaves, e por ela, Léo queria lutar. Jaque o fazia sentir especial e querer reagir para provar a ela que as pessoas podem mudar para melhor.

Estava acostumado com sua presença todos os dias, passou a aguardar ansiosamente o momento em que ela entraria em seu quarto para mais um dia juntos. E quando acordou e não a viu por um dia inteiro, começou a se sentir sufocado novamente. Continuou esperando por mais um dia, então teve o mal presságio de ter estragado tudo mais uma vez e voltou a se entregar à escuridão. Mas quando ela abriu a porta de seu quarto, trazendo a claridade de volta depois de dois dias angustiantes, não pôde conter a alegria que sentiu.

Porém Jaque estava distante, diferente, e mais uma vez ele soube que havia errado. Passou a se colocar na defensiva, provocando-a. Preferia sua raiva ao desprezo. E conseguiu seu objetivo, deixá-la irritada. Mas assim que

ela passou pela porta, completamente transtornada, ele se arrependeu de sua atitude, e a escuridão tornou a ameaçá-lo.

Enquanto isso, em seu quarto, Jaque enumerava os motivos para nunca mais voltar àquele cômodo. Mas precisou somente de um para, na manhã seguinte, voltar à sua rotina junto a Léo. Ela sentia em seu coração que, se desistisse, estaria empurrando Léo de volta ao fundo do poço. E isso a deixava extremamente infeliz.

Entrou no quarto às nove da manhã, abriu as cortinas e se pôs a dar o seu melhor.

— Você voltou!

— Temos pouco tempo, e eu te fiz uma promessa.

— É só por isso que você está aqui... por causa de uma promessa?

— Não sou mulher de voltar atrás no que me proponho.

— Então, se for somente por esse motivo, eu te libero. Não quero que se sinta obrigada a nada.

— Eu quero muito te ajudar, Léo, mas para isso você precisa ser honesto comigo.

— O que quer dizer? Você é a única pessoa em quem confio nesse mundo. Eu não seria capaz de esconder nada, pois tenho certeza de que enxerga além de mim. — Nesse momento, Léo a segurou mais uma vez, próximo ao seu corpo, olhando fixamente dentro dos olhos de Jaque. —

Somente você conhece o verdadeiro Léo.

— Eu achei que te conhecia bem, mas estava enganada. — Jaque tentou se desvencilhar e Léo não a impediu. — Nunca imaginei o seu envolvimento com drogas, você poderia ter me contado esse pequeno detalhe, evitaria muito constrangimento.

— Eu nunca usei drogas! Do que você está falando? Já tenho problemas demais para arrumar mais esse. — Léo ficou surpreso com aquela acusação, Jaque nunca tirava conclusões precipitadas.

— Nenhum viciado reconhece ter esse problema. — Jaque estava determinada a tirar a verdade de Léo, pois ele precisava se tratar.

— Eu não tenho esse tipo de problema e não estou te entendendo. Sempre tive uma queda pela bebida, mas nunca nada além de um bom destilado. O que te fez pensar isso?

— Talvez o fato de terem encontrado drogas sintéticas em seu organismo nos exames no dia do acidente. Ou por acaso você não está a par dessa informação?

— Sim, mas não é verdade! Meus advogados contestaram essa informação, pois esses exames foram realizados sem o meu consentimento. Assumo tudo o que fiz naquela noite, todas as burrices, mas essa não.

— Ainda assim, foi achado. Vai negar isso?

— Vou! Nunca utilizei isso que os exames estão acusando, será solicitada uma contraprova. E eu também já me coloquei à disposição para

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

fazer um exame toxicológico.

— E como você explica a overdose de dois dias atrás? — Jaque, mesmo sentido que Léo falava a verdade, estava determinada a resolver aquela questão.

— Não sei realmente do que você está falando. Nunca utilizei nenhum tipo de droga. Como já disse, tenho problemas demais para arrumar mais esse.

— Eu não consigo entender, os médicos garantiram se tratar de alguma reação medicamentosa associada com o uso de entorpecentes.

— Então teremos que verificar com a equipe médica quais são esses medicamentos. Não utilizei nada, dou minha palavra a você, se é que ela ainda vale alguma coisa.

— Você se lembra de algo?

— Não muito, somente que me senti muito mal durante esses dias, alternando entre a euforia e a depressão. Lembro-me de que em um minuto eu estava me divertindo com a futilidade do Jorge e no outro estava sufocando, em um estado completamente alucinado, até apagar. Desde então tenho pequenos flashes na memória.

A dúvida pairou sobre Jaque, que teve uma lembrança muito forte de ambos os momentos, o ocorrido de dois dias atrás e o fatídico acidente.

— Léo, o que o Jorginho veio fazer aqui?

— Veio me visitar, ora!

— E por acaso vocês tomaram algo?

— Já te disse que não uso essas coisas, não tomamos nada mais que um suco de laranja que ele mesmo me serviu.

— E no dia do acidente... foi ele quem te deu o whisky também, não foi?

— Sim. Mas isso não quer dizer nada. Onde você está querendo chegar?

— Claro que tem! Você não percebe? Foi o Jorginho quem te drogou!
— Jaque concluiu, inconformada por não ter percebido antes.

— Não diga bobeira, Jaqueline. Qual motivo ele teria para isso?

— Isso nós teremos que descobrir.

— Sua fé em mim é louvável, mas não acusarei outras pessoas com os erros que são somente meus.

— Não estou te pedindo isso. Se você diz que não usa nada, eu acredito, mas você também terá que confiar em mim.

— Não existe outra pessoa no mundo em que eu confiaria mais, você sabe disso.

— Então, somente me deixe tomar algumas providências. Vamos tirar essa história a limpo, se eu estiver certa, será um fator importante a
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

acrescentar nos autos do processo.

— Sim, eu me lembro da informação de meu advogado sobre os fatores que poderiam diminuir minha pena. Mas, como já disse, quero cumprir todos os anos que forem necessários para eu pagar pelo meu erro.

— Eu te entendo, Léo, mas... se eu estiver certa, você não deve ser responsabilizado sozinho. O Jorge deve pagar pelos erros dele também. Ele não pode ficar impune, para continuar agindo de forma a prejudicar as pessoas.

Léo refletiu sobre a acusação de Jaque. De fato, sabia dos gostos peculiares do amigo, esse era um dos fatores pelos quais vinha se distanciando dele, mesmo antes do acidente. Jorge gostava da vida fácil, do caminho mais curto e de bastante esbórnia. Por um tempo, sua companhia foi agradável para ele, enquanto somente queria fugir do mundo em que vivia, mas depois de tanto tempo entregue às muitas mulheres e constante bebedeiras, começou a se sentir extremamente infeliz e decepcionado com suas escolhas. Todavia Jorge queria continuar se esbaldando. Ele era jovem, muito mais do que Léo, e por isso o distanciamento foi a melhor posição. Ainda assim, Léo acreditava que o inconsequente Jorge seria incapaz de tal atitude. De qualquer modo, daria a Jaque mais esse voto de confiança, precisava descobrir o que havia de errado em toda essa história.

— Não sei o motivo, mas sinto que irei me arrepender de te envolver em mais esta história. Sinto cheiro de confusão.

— É claro que tem confusão, você está envolvido.

— Engraçadinha... Agora que você não está mais desconfiando de
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mim, podemos retomar as atividades? Estou com muitas dores na coluna.

— Claro! Me desculpe, mas peço de coração que não me esconda mais nada, do contrário, me afastarei.

— Eu seria incapaz disso. Voltei literalmente para o inferno nesses dois dias. Agora sei que não consigo passar por tudo isso sozinho, você despertou em mim a vontade de lutar, acreditou quando eu já não era mais capaz.

Essa tão singela declaração fez Jaque se emocionar. Sabia que sua luta não seria em vão. Juntos eles conseguiriam reconstruir as vidas destruídas, e nesse dia ela estaria realizada.

Segurou as lágrimas quando viu Léo observá-la, não o desapontaria. Daria a ele exatamente o que ele estava pedindo: compaixão.

E se viu falando:

— Eu estarei sempre ao seu lado, independente do que o destino reserve para nós.

De repente se viram presos em uma conexão que a atraía para ele. Léo segurou sua mão e depositou um beijo suave em sua palma aberta. Ela entreabriu os lábios e aproximou-se inconscientemente ansiando por mais.

— Obrigado. — Léo quebrou o contato declarando sua gratidão e fez com que Jaque saísse do transe no qual se colocou. Entendendo que foi boa essa reação dele, ela não deveria dar vazão aos seus desejos, um envolvimento poderia colocar tudo a perder.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Nos dias que se seguiram, ambos voltaram à rotina. Léo se mostrava determinado em sua recuperação e esperançoso em consertar toda a desgraça que provocou.

Jaque teve notícias de Davi, que continuava internado, entretanto, segundo sua mãe, teria alta em breve e já se recuperava bem. Rose informou a ela, em uma das visitas, que a doença de seu filho não tinha cura, mas seria possível fazer um tratamento a longo prazo. Com a conduta correta, ele poderia vir a ter uma vida normal, porém esse fato a preocupava por conta de suas limitações financeiras e também pela falta de um emprego, já que dispunha de todo o seu tempo para ficar ao lado do filho. Jaque a tranquilizou quanto à parte financeira após conversar com Léo e ele lhe garantir todo o custeio. Rose ficou extremamente agradecida e nem desconfiou de onde vinha a ajuda.

Jaque voltou para mais um dia de exercícios, ansiosa para contar a Léo sobre os avanços de Davi, e desejava sua ajuda para bolar um plano de aproximação com a família problemática também.

Estava agitada e distraída realizando os exercícios e nem percebeu o desconforto em que Léo se encontrava. Continuou tagarelando enquanto se debruçava sobre a mesa de exercícios para lhe permitir maior flexibilidade com as atividades.

— Você ia adorar conhecer o Davi. Ele é um menino tão bom, sabe? Mesmo com todo o sofrimento dele, nunca o vi reclamar de sua condição, e a mãe dele é uma guerreira. Já sofreu tanto nessa vida.

Léo tentou se ajeitar sem sucesso e ainda levou uma bronca.

— Pare de se mexer! — E continuou debruçada e alongando a perna dele. Com uma das mãos segurava firme sua coxa e com a outra estendia a perna.

— Sabe, a Rose está tão agradecida. Queria tanto poder falar que é você quem os ajuda. Não poderemos esconder esse fato por muito tempo, eu tenho certeza de que ela te perdoará caso você peça perdão.

Léo soltou um palavrão, atraindo enfim a atenção da agitada e falante Jaque.

— Que foi? Hoje você está impossível!

— Jaqueline, por favor... será que você pode, *por favor*, parar somente por um instante?

— Ah não, Léo. Estou animada assim, porque iremos amanhã àquele hospital de reabilitação. Foi muito difícil te convencer, e agora precisamos continuar com o alongamento.

— Jaqueline, só estou te pedindo uma pausa!

— Ah, mas você está muito reclamão.

— Você pode *pelo menos*, então, *por favor*, afastar sua mão da minha virilha?

Quando Jaque olhou, percebeu que, em sua empolgação, não se atentou para o local que estava massageando. Léo era seu primeiro paciente jovem, e a maioria dos casos similares ao dele perdia aquela função que

estava bem proeminente, próximo de onde repousava sua mão.

— Hum... Pelo visto o acidente não deixou lesões nesta função — falou, bastante envergonhada, ainda tentando manter a compostura.

— É involuntário na maioria das vezes, e não precisa de estímulo. Mas você parece que gosta de me torturar, falando aí sem parar, me massageando empolgada dessa forma e, ainda, debruçada sobre mim.

— Ora, você poderia ter me avisado — Jaque respondeu, totalmente sem jeito.

— Se você me ouvisse... E além do mais, é a primeira vez que acontece com estímulo.

— Eu não te estimulei!

— Não de forma consciente. Mas, por favor, pelo bem-estar de minha sanidade mental, troque este perfume também.

— Ah, me poupe, Léo! Não vou ficar aqui discutindo sobre... isso — falou, apontando para a ereção que despontava sob a calça de Léo, sem conseguir pronunciar a palavra.

Ela saiu do quarto, batendo a porta, com as bochechas bastante vermelhas de tanta vergonha, jurando que nunca mais voltaria. Enquanto Léo não conseguia parar de sorrir com o que lhe acontecera. Mesmo feliz por não ter lesionado aquela função, ficou preocupado com a reação de seu corpo toda vez que ela se aproximava. O perfume suave de Jaque ainda permaneceu no ar, mesmo depois de sua partida, tornando impossível diminuir o desejo

que lhe consumiu desde o momento em que sentiu sua aproximação. Ele estava em uma verdadeira enrascada. Como faria, para manter suas mãos bem longe de sua doce Jaqueline?

Capítulo 9

“Eu não preciso de ti. Tu não precisas de mim.

Mas, se tu me cativares, e se eu te cativar, ambos precisaremos um do outro.”[\[8\]](#)

Jaqueline

Queria um buraco para me enfiar. Como pude ser tão relapsa? Em minha empolgação, acabei ultrapassando uma regra muito importante na relação fisioterapeuta-paciente. E não digo pelo fato de eu não ter percebido a reação dele ao meu toque, e sim das reações que isso despertou em mim.

Meu cérebro travou uma luta entre o desejo e o dever. Por um momento, enquanto tentava lidar com o embaraço da situação, olhei para ele como um homem lindo, atraente, e me perdi. Desde que começamos os diversos tratamentos com a equipe médica, Léo vinha, cada dia mais, recuperando sua forma física. O corpo magro e flácido pós-acidente voltava a ser moldado por músculos, e por muitas vezes quando o encontrava despido, eu fingia não olhar para seu abdômen definido ou para seus braços que estavam ficando muito fortes. Léo passou a transferir seus esforços para se locomover para a parte superior do tronco conforme avançávamos com os procedimentos de fortalecimento. Já não havia muitos empecilhos para ele, eu não precisava mais levá-lo, virá-lo ou fazer qualquer outro esforço, todas essas coisas ele já fazia sozinho. Quase tudo estava se resolvendo bem,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

exceto a parte psicológica, que por muitos momentos o abatia com grande força.

Eu fazia o possível, com as terapeutas, para não deixá-lo afundar na depressão pela culpa que sentia e também pelo medo do que o futuro lhe reservava, mas era impossível evitar a apatia sempre que uma reportagem surgia ou a cada visita de seus advogados ou investigadores. Naqueles dias, nada o animava. Porém ele não queria mais ficar sozinho nesses momentos, passou a requisitar minha presença, tornando nossa proximidade maior no decorrer dos meses.

Hoje, antes de irmos ao hospital de traumas iniciar os tratamentos com as barras, eu fui visitar Davi, que finalmente teve alta após um longo período hospitalizado. Descobriram que sua doença se tratava de artrite idiopática juvenil, o que requeria um tratamento extenso e incessante. prontamente me ofereci para iniciar as sessões de fisioterapia com ele. Rose nem desconfiou quando eu disse que era fisioterapeuta e não enfermeira do posto, sua gratidão era tão grande que ela nem questionava nada, apenas aceitava minha ajuda de bom grado.

Rose, em momento nenhum, aceitou algum valor em dinheiro, mesmo com toda a dificuldade que passava. Então comprei todos os remédios, alegando ter pego na farmácia do posto, e ainda abasteci de forma generosa sua casa, com todos os suprimentos de mercado. As contas atrasadas também foram pagas em segredo, por Léo, permitindo que ela tivesse um mínimo de sossego quando retornasse para casa.

Quando vi Davi, ele estava com uma aparência consideravelmente melhor e esboçou um grande sorriso ao me ver, fazendo meu coração

transbordar de alegria.

— Obrigada, dona Jaque.

— Não há de que, Davi, o empenho é todo seu.

— Não, a senhora é um anjo que veio para me ajudar. E agora posso sonhar novamente em jogar bola.

— Você gosta de futebol?

— Sim, e serei goleiro. A senhora vai ver quando eu agarrar um monte de bolas lá no meu timão.

— Ah... Já consegui entender qual é o seu time.

— É claro, né, tia? É o melhor!

— Estou muito feliz por vê-lo tão animado — digo, me dirigindo a Rose, que assiste à animação do filho com os olhos lacrimejantes.

— Sim, desde quando ele recebeu alta está assim, sonhando alto. Eu nunca vou cansar de agradecer toda a ajuda da senhorita.

— Não fiz nada de mais, apenas o levei até as pessoas certas. Agora teremos que correr atrás do prejuízo em seu tratamento. Iniciaremos amanhã as sessões de fisioterapia.

— Como a senhorita quiser. Ele também está ansioso para ir para escola.

— Ele não estuda?

— Não mais. Acabou perdendo o ano por causa das dores, e esse ano nem voltou, até perdi a matrícula. Meu menino não sabe nem ler direito ainda. — Rose me contou com muita tristeza sobre essa situação, alegando ainda que seu maior sonho era ver seus filhos formados, já que ela e o marido não conseguiram concluir nem ao menos o primeiro grau.

Fiz uma nota mental para resolver mais esse problema com Léo. Nenhuma criança devia ficar distante da escola e eu tinha certeza de que ele daria um jeito de garantir os estudos do menino pelo tempo necessário, assim como fizeram comigo.

Parti com a sensação de dever cumprido e animada para a próxima sessão ao lado de Léo.

Chegamos ao hospital com certa apreensão, pois, desde a alta, Léo ainda não havia saído de casa. Ele foi muito calado e pensativo durante todo o trajeto. Ao descer, não aceitou minha ajuda nem a de Robson para passar à cadeira de rodas totalmente motorizada, na qual já se mostrava no controle da situação. Ignorou os olhares curiosos e seguiu com a coluna ereta rumo ao andar de reabilitação. No elevador, ele pareceu um tanto desconfortável, resolvi brincar com a situação.

— Agora me chame de baixinha... — provoqueei enquanto ele me encarava um pouco abaixo de mim. Minha baixa estatura sempre foi motivo de chacota para Léo, apesar de, na realidade, eu ser baixinha somente em relação a ele, em seus 1,85 m de altura.

Léo me encarou sem dizer nada, de um jeito indecifrável, e temi tê-lo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

magoado.

Meus professores já o aguardavam com os melhores equipamentos à sua disposição. Fiquei um tanto envergonhada com os elogios deles sobre mim.

— Realmente, Leônidas Júnior, você não poderia estar sob melhores cuidados. Jaqueline é uma profissional brilhante — meu antigo professor falava enquanto eu via uma ruga se formar na testa de Léo, que simplesmente detestava ser chamado pelo seu nome de batismo. Segurei o riso ao ouvi-lo dizer de forma taciturna:

— Por favor, me chame de Léo, doutor. — E mais uma vez ele me dispensou um olhar indecifrável, fazendo-me engolir o riso que estava um tanto solto, porém eu não conseguia conter a alegria naquele dia com todos os avanços obtidos.

Léo fez todos os exercícios com muito esforço, sem se deixar abater; ele estava muito determinado em obter melhorias. Com a aproximação do julgamento, nosso tempo estava cada vez mais curto, e sem provas que atenuassem sua pena o cenário que o esperava era desanimador. Ele fez uma força quase sobrenatural para se apoiar em pé sobre as barras. Nesse momento, corri em seu auxílio temendo que seus braços não aguentassem o peso. Mas ele conseguiu se equilibrar e senti uma emoção imensa ao vê-lo, outra vez, me encarar por cima de minha cabeça.

— E agora, sua baixinha, vai me provocar? — ele disse, satisfeito consigo mesmo, não deixando passar em branco minha provocação anterior. Só que eu estava emocionada demais para revidar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Já chega por hoje, meu rapaz. Podemos ver do que você é capaz e retornar na segunda-feira com uma bateria específica para seu tratamento, após eu discutir com a equipe médica.

— Existe alguma esperança de eu voltar a ficar em pé, doutor?

— Esperança sempre há. Se quer saber se voltará a andar... isso eu não posso te prometer. Mas garanto que logo se tornará independente — meu ex-professor respondeu, antes de sair da sala.

— Vamos embora, Leônidas Júnior.

— Hoje você está impossível, Jaqueline baixinha — ele respondeu com bom humor, parecia feliz por sua conquista.

O clima leve e descontraído continuou por todo o trajeto de volta para casa. Ao passarmos em frente ao shopping, Léo avistou o *outdoor* de um filme que, segundo ele, queria muito assistir.

— Vamos descer então! — convidei-o percebendo sua vontade.

— Acho melhor não. Mesmo tendo passado algum tempo de todo o ocorrido, ainda posso ser reconhecido e não quero sofrer insultos novamente.

— Podemos ir direto ao cinema, não é justo se privar de um divertimento se sua condenação ainda não saiu.

— Fui condenado pela opinião pública, e essa é a mais implacável. Sinceramente, não desejo provar o contrário. Além do mais, nem sei como funcionam essas coisas de lugares adaptáveis. Irei me sentir muito mal com

qualquer olhar de piedade direcionado a mim.

— Tudo bem, mas você ficará me devendo um passeio ao cinema.

— Prometo pagar essa dívida assim que tiver cumprido minha pena. Isso é, se você ainda quiser... até lá.

— Promessa é dívida e eu irei cobrar.

Não sei ao certo por quanto tempo teria que esperar, mas já me encontrava ansiosa, torcendo para que Léo não se esquecesse de sua promessa.

Nós nos despedimos no saguão da mansão e eu fui para a casa onde eu e minha mãe morávamos desde a nossa chegada àquela família, ao fundo do imenso quintal. Era bem pequena, com apenas uma suíte, que eu dividia com ela, e uma pequena sala com cozinha americana, mas ali era o nosso lar, onde finalmente encontramos a paz, e vivíamos felizes somente nos duas.

Contei todas as novidades para minha mãe. Ela também se emocionou com meu relato de ter visto Léo novamente em pé. Também não consegui esconder o fato de estarmos ajudando a família de Rose e, apesar de apreensiva, ela aceitou por se tratar de uma boa ação. Disse ainda que o menino Davi ficaria bom logo e que continuaria suas orações, pois tinha fé no alcance da misericórdia para Léo.

Fizemos nossa refeição juntas, isso era quase um ritual. Podíamos passar o dia todo cheias de afazeres, mas o jantar era sagrado para nós. Sentávamos à mesa e, geralmente, eu contava a ela sobre o meu dia, ouvindo sempre seus bons conselhos ou recebendo seu apoio sobre tudo. Antes de ela

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ir se deitar, deixou uma recomendação:

— Somente tome cuidado, minha menina, com as armadilhas do coração. — Não esperou que eu respondesse, me deixou sozinha conjecturando com o que ela disse.

Tomei um banho, preendi meus cabelos em um coque frouxo, coloquei meu pijama preferido, largo, de corações estampados e peguei um livro para ler, mas não consegui me concentrar nele, lembrando o olhar triste de Léo por não poder desfrutar de uma simples ida ao cinema. Tive uma ideia um pouco ousada.

Fui ao quarto de Léo munida de um balde imenso de pipocas e uma seleção de filmes diversos que apanhei na sala de TV de sua casa.

Bati na porta, pedindo sua autorização para entrar.

— Desde quando você começou a ter cerimônia para entrar em meu quarto? — Léo perguntou assim que autorizou minha entrada.

— É diferente, Léo, estou fora da hora de atendimento. Não posso simplesmente invadir sua privacidade.

Ele estava vestido somente com um short curto, sem camisa, esparramado na cama, passando os canais da tevê com o controle remoto. Pude observar seu violão fora do lugar onde deixei.

— Você é uma pessoa difícil de entender, Jaqueline, já que minha privacidade vem sendo invadida por meses. Nem dormir à vontade eu posso mais.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Mais à vontade do que isso? — perguntei, apontando para seu short curto. Léo levantou uma das sobrancelhas, fazendo-me entender como ele gostaria de ficar. — Ah... Tudo bem, tenho que admitir sua razão neste ponto. Mas tudo o que faço é para seu bem — concluí, bastante envergonhada mais uma vez.

— Sei disso, talvez por esse motivo eu ainda não tenha mandado trocar as fechaduras de meu quarto. Agora, por favor, me passe esse balde de pipocas, pois faz muito tempo que sua gangue de médicos não me deixa comer nada parecido — Léo falou tentando diminuir meu constrangimento.

— Trouxe alguns filmes para você escolher também.

Passei os filmes para ele, que me ignorou, comendo as pipocas concentrado como uma criança.

— Escolha algum, Jaqueline, para assistirmos juntos.

Fiz cara de espanto, pois não tinha a intenção de ficar com ele àquela hora da noite.

— Vamos, Jaque, igual como éramos adolescentes. Escolha algo e fique aqui comigo.

— Tudo bem. Vou ficar, mas não durma como sempre fazia.

— Só se você não escolher nada meloso demais.

— Nada de guerra ou terror.

— Então só nos sobra uma boa comédia.

Por fim, acabei escolhendo o filme *Os intocáveis*, que falava sobre a amizade de um tetraplégico com seu cuidador. Coloquei o filme e fui me sentar no sofá disposto ao lado de sua cama.

— Nem pensar, fique aqui comigo. Caso contrário, terei que me espremer aí nesse sofá com você.

Sentei ao seu lado, na sua gigante cama, e juntos assistimos ao filme enquanto devorávamos o balde de pipocas. Léo estava concentrado no filme e um sentimento de paz tomou conta do quarto com ele ali, tão sereno, ao meu lado. Fiquei refletindo sobre o poder da amizade nos processos de cura e percebi que Léo também estava reflexivo.

Ao final do filme, me levantei para partir e Léo segurou minha mão, pedindo para eu ficar. Uma luzinha acendeu no fundo de meu cérebro, alertando que eu não deveria, mas ignorei o alerta e fiquei. Coloquei outro filme qualquer, já estava bastante cansada, e me deitei ao seu lado, tomando todo o cuidado para não ficar muito perto, porém confesso que nem sabia ao certo o teor da história que passava. Estava aflita demais tentando ignorar o calor que se apoderou de meu corpo, com ele ali... tão próximo.

Fizemos esse passatempo muitas vezes quando éramos mais jovens, passávamos a madrugada toda assistindo a filmes de todos os gêneros, alternando entre os meus romances e seus filmes de guerras. Até o momento em que Léo passou a ter outros interesses e segui sozinha. Desde então, troquei os filmes pelos cadernos e ele, pelas mulheres.

Esse pensamento acabou me distraindo. Léo parecia alheio a mim e
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

muito concentrado na TV.

— Se aquiete, Jaqueline!

— Mas eu estou quieta — falei, inconformada, pois estava bastante distante, perdida nas lembranças.

— Não está, não. Fica se mexendo sem parar. Deve estar sentindo calor com esse pijama da vovó que você resolveu colocar.

— Eu gosto dele, é confortável.

— Você se cobriu toda por medo de mim? Se foi, não adiantou nada! Não consigo parar de imaginar o que tem por baixo de toda essa roupa. — Ele se aproximou um pouco, com dificuldade. Achei que fosse me beijar, mas somente me puxou para seu lado, deitando minha cabeça sobre seu braço.

— Sempre fizemos isso antes, quando foi que tudo mudou? — perguntei, aconchegando-me ao seu abraço.

— Mudou quando desisti de fingir que não te notava. — Nesse momento, ele se virou mais para mim, passando delicadamente o polegar pela extensão da minha face e deslizando-o lentamente por cima de meus lábios já entreabertos. — Foram esses olhos e esses lábios que vieram à minha mente quando apaguei no dia do acidente, e também foi esse rosto lindo que eu vi ao acordar naquela UTI. — Léo segurou meu rosto entre suas mãos, fixando seus olhos nos meus. — Desde então, por mais que eu fuja, você está sempre presente, seja fisicamente ou pairando nos meus sonhos. — Sua mão passou para minha nuca exposta, deslizando por ela e enviando arrepios por onde passava. — Eu sei que não devo, mas não consigo mais. — Léo aproximou

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

seus lábios dos meus, que já ansiava pelos dele. Fechei os olhos enquanto, delicadamente, ele continuava acariciando meu rosto. Quando eu já estava entregue, com o coração aos pulos, ele ainda falou, me dando uma última chance de partir: — Minha doce Jaqueline, por favor, me mande parar!

Em resposta, abri os olhos e pousei meus lábios nos dele. Ficamos ali parados, respirando o ar um do outro, nos encarando, tentando controlar as batidas descontroladas dos nossos corações. Mas, como se não aguentasse mais, Léo me abraçou, fundindo nossos corpos e lábios. Ele me beijou, explorando, tocando levemente nossas línguas, sentindo... ora de forma suave, ora de forma voraz. Não me controlei e me sentei sobre ele, passando minhas pernas ao redor de seu corpo. Senti seu ofegar e permiti que sua mão, antes na minha nuca, passasse por baixo de minha camisa do pijama e deslizesse por toda a extensão das minhas costas, enquanto continuávamos nos beijando como se precisássemos disso para viver. Seus lábios passaram para minha nuca, subindo e descendo. Nunca senti tamanho desejo antes, principalmente quando Léo começou a morder o lóbulo de minha orelha, retornando à minha boca de um modo mais voraz. Sua respiração estava ofegante e eu sentia, embaixo de mim, a força de seu desejo.

A mão que fazia carinhos em minhas costas passou a deslizar por toda a lateral do meu corpo, subindo até minhas costelas, uma a uma, chegando até a curva de meu seio. Eu já não conseguia controlar mais nada em meu corpo, e ele entendeu que poderia deslizar para a frente de meu tórax, que subia e descia ofegante, visto que não encontrou nenhuma resistência. Deslizou devagar seu polegar pelo meu seio intumescido, encaixando-o de forma perfeita em sua palma, primeiro reconhecendo-o ao tocar suavemente, fazendo-me ansiar por mais. Seus olhos claros pareciam duas bolas de fogo me olhando e sua respiração ficou ainda mais acelerada quando voltou a me

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

beijar. Senti um vazio enorme quando ele me soltou.

— Quero te ver! — ele disse em um sussurro próximo ao meu ouvido e passou aos botões de minha camisa larga. Abriu o primeiro com os dedos trêmulos, o segundo, o terceiro...

Capítulo 10

“Tú poderias cuidar de mim?...”(10)

Jaqueline

Minha pele parecia queimar ao mínimo toque dos dedos de Léo. Ele foi abrindo os botões, um a um, em uma deliciosa tortura. A cada pedaço de pele que se revelava, me faltava o ar com a expectativa do seu próximo toque. Mantivemos nosso olhar perdido um no outro. Léo também parecia respirar com dificuldades à medida que meu corpo ia se revelando. Quando o último botão foi aberto, ele parou por um momento e me observou. Eu me senti um pouco desconfortável e levantei as mãos para me cobrir, mas Léo me deteve, segurando-as e beijando um a um os nós dos meus dedos me ajudando a relaxar. O desejo era nítido em sua face. Ele mantinha os lábios entreabertos, que se umedeceram quando passou sua língua entre eles.

— Muito mais linda que em meus sonhos...

Depois de falar, Léo deslizou minha camisa vagorosamente pelos meus braços e voltou a me observar com desejo. Ele se aproximou novamente, soltou meus cabelos, que estavam presos em um coque, fazendo meus cachos pesados caírem sobre meus ombros, e me observou por mais alguns longos segundos, então me beijou de forma sôfrega. A impressão que eu tinha era de que ele mostrava por ações o que se tornou impossível demonstrar por palavras. Ambos nos perdemos em uma nuvem de um puro

desejo, pelo menos de minha parte, nunca sentido.

Meus lábios formigaram quando Léo os abandonou e passou a descer pela curva de meu pescoço, irradiando conexões por todo o meu corpo trêmulo de ansiedade. Fechei os olhos aproveitando o momento, me entregando a ele. Suas mãos começaram a passear por todo meu corpo exposto e o calor parecia queimar minha pele sensível. Então, com sua boca molhada, capturou um mamilo e minha respiração ficou suspensa por um segundo inteiro. Tentei puxar o ar, mas era como se ele não entrasse em meus pulmões. Uma lembrança veio à tona naquele segundo em que tentei respirar e a minha pele, cujas mãos de Léo pareciam queimar, se tornou fria. Senti minha alma gelar e de repente eu não estava mais no quarto dele, era um quarto pequeno, com móveis antigos, onde uma mão escamosa passeava pelo o corpo de uma Jaque ainda menina.

Abri meus olhos em busca de reconhecimento e senti um medo atordoante, cuja duração foi de apenas alguns segundos, porém a lembrança do que acontecera comigo perdurou em minha mente enquanto me perdia nos braços de Léo, me fazendo estragar o momento ao sair correndo e me vestindo, para fugir de algo que eu nem ao menos sabia o que era. Deixei Léo sozinho e gritando por meu nome, sem entender o que acontecera.

Corri sem parar até chegar em minha casa, com a respiração ofegante, aterrorizada por lembranças que começaram a invadir minha mente, uma a uma. E resolvi me proteger no único lugar que eu conhecia como seguro: embaixo de minha cama.

Mamãe acordou assustada quando entrei de forma abrupta em nosso quarto com lágrimas escorrendo por meu rosto.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Meu Deus, Jaqueline, isso de novo? — mamãe indagou ao me ver enfiada no lugar em que eu costumava ficar quando algo me assustava. — Achei que esses surtos tinham passado, já faz tempo que não acontecia... — concluiu com muita preocupação em seu tom de voz.

Por muitas vezes, após nossa fuga, tive pesadelos acerca de tudo que passei na mão de meu ex-padrasto, mas com o tempo e a distância começaram a se dissipar, até desaparecerem por completo. Infelizmente, até aquela noite, quando enfim pude saber o que era ser tocada e amada por um homem, me entregando da forma que nunca fui capaz antes.

Mamãe, compreendendo meu estado e o que me perturbava, fez o que sempre fazia durante minhas crises. Esticou um edredom no chão, próximo a mim, pegou minha mão num gesto para me mostrar que eu não estava só e ficou ali, pacientemente, esperando os meus soluços cessarem por completo. Até eu adormecer.

Acordei com o primeiro raio de sol batendo em meu rosto e o corpo moído. Meu sono foi inquieto, tomado ora por pesadelos, ora pela sensação de estar novamente nos braços de Léo. Mamãe ainda estava adormecida ao meu lado e pensei em como explicaria a ela o que aconteceu, quando eu mesma não sabia. Não queria preocupá-la de forma alguma — ela não merecia padecer e se culpar pelo abuso que sofri nas mãos daquele ser inescrupuloso — e muito menos me sentia à vontade para confessar o que aconteceu no quarto de Léo.

Mas em sua sabedoria, quando acordou, ela somente cuidou de mim, como se eu fosse apenas uma menina. Não questionou e esperou pacientemente que eu tivesse coragem para colocar em palavras o que havia

me atormentado. Não consegui, me enrolei tanto que dona Laura decidiu não perguntar mais nada sobre o acontecido e disse que, quando eu me sentisse confortável, estaria pronta para me dar apoio.

Passei o sábado amuada no quarto, a sensação era de que um caminhão havia passado sobre meu corpo. Tentei distrair meus pensamentos de toda forma, que oscilava entre as sensações do toque de Léo e a palpitação pelo medo das lembranças.

— Você precisa fazer terapia, minha filha, colocar para fora todos esses fantasmas. — Minha mãe, mais uma vez, me tirou de meu devaneio.

— Eu sei, mãe, achei que as crises não iriam acontecer mais.

— Mas aconteceu, e você não pode viver refém do passado já sendo moça feita.

— Tem razão. Na segunda mesmo falarei com Anita, a terapeuta do Léo, para ela me indicar alguém.

— Faça isso, minha menina. Você tem que deixar seu coração se entregar a alguém. Eu não me conformo por você, tão especial dessa forma, nunca ter tido um namorado, e me culpo por isso também.

— Mãe, eu nunca namorei ninguém por opção. Não queria desviar minha atenção dos estudos. Fique tranquila, tudo acontece na hora certa.

— Mas eu tenho medo dessa sua paixão pelo Léo. Apesar de ele estar mudado, não pertence ao nosso mundo. — Fiz cara de espanto com a afirmação dela. Nunca parei para rotular meus sentimentos pelo Léo, e ouvir

isso de minha mãe me fez sentir uma pontada de preocupação. Será que era assim tão estampado?

— Mãe, eu só estou ajudando um grande amigo, nada mais.

— Jaqueline, você pode querer se enganar, mas faz anos que eu percebi seu encantamento por ele. Não vou me intrometer em suas escolhas, mas também não posso evitar a preocupação de ver você sofrendo ainda mais.

Em resposta, somente a deixei me abraçar por um longo tempo. Não sabia como responder, nem ao menos eu entendia meus sentimentos... E além do mais, depois daquela noite perturbadora, era capaz de Léo nunca mais querer olhar para minha cara.

Já no finalzinho da tarde, fui informada por dona Laura que Léo estava aflito me chamando em seu quarto. Resolvi ignorá-lo. Eu não poderia voltar lá, não naquele momento. Ainda me encontrava oscilando nas emoções e precisa encará-lo estável, completamente ciente de quais seriam minhas ações. Naquele mesmo dia, mais tarde, minha mãe me avisou que Léo estava me aguardando em nossa pequena cozinha. Outra vez, não tive coragem de encará-lo.

— Apenas diga a ele que estou indisposta.

— Direi, mas acho que vocês precisam conversar. Ele parece bastante perturbado.

Ponderei que realmente precisávamos conversar, mas teria que ficar para outro dia, quando eu conseguisse ser sincera; ele merecia isso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Filha, vou à igreja. Você ficará bem sozinha por um tempo?

— Pode ir em paz, prometo que ficarei bem.

Minha mãe me deixou sozinha em nosso quarto e eu me entreguei ao sono depois de uma noite muito mal dormida. Acordei com pequenas batidas em minha janela, que dava para os fundos da casa, próximo à nossa área de serviço.

— Abra a janela, Jaqueline, minha cadeira não sobe os degraus que vão para seu quarto.

Tentei ignorá-lo, sem sucesso. Léo fazia isso sempre que se arrependia na época em que éramos crianças. Eu fugia de alguma de suas brincadeiras, e aí ele aparecia em minha janela, pedindo desculpas e jurando que nunca mais faria algo parecido, como me assustar com bichos nojentos, por exemplo.

— Por favor, abra pelo menos para me xingar. Estou ficando desesperado sem saber o que eu fiz de errado.

Resolvi abrir a janela e conversar com ele, não era justo Léo continuar pensando que eu saí correndo feito uma louca por sua culpa.

— Oi — eu disse, pela fresta que abri da janela.

— Oi — ele respondeu e eu percebi sua aflição ao buscar meu olhar com um semblante muito abatido.

Fiquei quieta, tentando achar uma forma de colocar em palavras o que me afligia.

— Jaque, por favor, me perdoe se eu fiz algo ou avancei algum sinal que não deveria.

— Não há nada do que eu possa te perdoar, Léo.

— Como assim? Eu preciso saber. Não consigo me conformar com o terror que vi em seus olhos. Estou me sentindo muito culpado e, no momento, o pior dos seres humanos.

Abri a janela por completo e me debrucei para fora, a fim de pegar sua mão. Entrelacei nossos dedos em um gesto amigável. Ao meu toque, ele começou a relaxar.

— Não foi nada que você tenha feito, o problema foi comigo.

— Me explique isso melhor. Com certeza, foi algo que eu fiz para você ter aquela reação. Você parecia apavorada! Sinto muito, Jaque, eu fiquei tão louco de desejo que devo ter ignorado algum sinal. Ou talvez eu tenha dito algo... Já repassei tudo em minha mente um milhão de vezes e não consigo chegar à outra conclusão que não seja, mais uma vez, eu ter estragado tudo.

— Léo, preste atenção, você não fez nada de errado. Eu desejei estar com você e adorei cada momento, mas tenho alguns problemas... questões que me atormentam e que eu devo resolver antes de me envolver com alguém.

— Como assim se envolver? O que houve entre nós parecia improvável até ter acontecido. Converse comigo, me explique o que te atormenta.

— Léo, muitas coisas aconteceram comigo e minha mãe no passado, e ninguém da família sabe ou deveria saber, exceto sua avó, dona Amelinha. Foi ela quem nos ajudou. Eu achei que aquelas coisas tinham realmente ficado para trás, então elas voltaram a me assombrar na noite passada. Até agora não consigo entender o que aconteceu, mas posso te tranquilizar: não foi nada que você tenha feito.

— Você sabe tudo sobre mim, Jaqueline, acredito que até bem mais do que eu gostaria que você soubesse. Confie em mim, me deixe te ajudar.

Senti uma cumplicidade incrível em sua preocupação e me vi finalmente contando tudo para ele, em uma avalanche, para não perder a coragem ou, mais uma vez, me entregar ao pânico. relatei tudo desde o começo: o assassinato de meu pai; o novo casamento de minha mãe com uma pessoa influente e perigosa; as agressões que ela sofria e as visitas dele ao meu quarto em seu estado de embriaguez. Nesse ponto, Léo cerrou os punhos como se estivesse pronto para atacar alguém. Continuei com meu relato antes que perdesse a coragem e acabei falando tudo sobre os abusos permanentes, até chegar ao dia fatídico, quando o ex-marido de minha mãe foi descoberto e atingido brutalmente na cabeça. Por fim, contei acerca de nossa fuga na calada da noite sem nunca ter olhado para trás.

Léo parecia tenso ao ouvir meu relato e os nós de seus dedos começaram a ficar muito vermelhos de tanto que ele os apertava em seu estado de tensão.

— Esse desgraçado ainda está vivo? Porque... se estiver, darei um jeito de fazer com que ele pague por tudo o que fez.

— Léo, deixe essa história para trás. É assim que eu e minha mãe fazemos. Só te contei tudo isso porque não queria te ver daquele jeito, queria te dar um alívio.

— Não existe forma de me deixar aliviado, não depois de ouvir tudo o que você acabou de me contar. Estou sentindo um ódio mortal... Eu seria capaz de matar esse homem que te molestou com minhas próprias mãos.

— Ficou no passado, Léo, não temos o mínimo contanto com essa pessoa e muito menos sabemos se ele ainda está vivo.

— Amanhã mesmo darei um jeito de mandar caçar esse desgraçado. Não tenho mais nada a perder mesmo.

— Léo, por favor, me prometa que esquecerá tudo isso que eu te contei. Não quero remexer no passado, e essa história pode prejudicar minha mãe. Saímos fugidas e ela tem um verdadeiro pavor de ser encontrada.

— Como vou esquecer algo assim? — Léo estava muito agitado e nervoso.

— Por mim! Esqueça por mim, e me ajude a esquecer tudo isso também — falei, me aproximando novamente dele.

— Eu faria qualquer coisa nesse mundo para nunca mais ver você sofrendo dessa forma.

— Só quero encontrar um jeito de conseguir isso, Léo.

— Eu te ajudo, se você aceitar. Juntos, conseguiremos vencer mais

esse trauma. Assim como você fez comigo. — Léo beijou a palma de minha mão com os olhos grudados nos meus, aguardando com esperança pela resposta.

— Sim, juntos, um curando o outro. — Eu me debrucei ainda mais sobre o parapeito, com a noite que ia caindo devagar, e me deixei ser acalentada por ele, que acariciava meus cabelos e limpava minhas lágrimas. A palpitação que tomou conta do meu coração o dia todo aos poucos foi se acalmando e dando lugar a um sentimento mais terno, me fazendo sentir protegida em seus braços.

Capítulo 11

“A minha flor perfumava todo o planeta”(12)

No domingo, Léo fez uma descoberta impactante...

Jaque adormeceu em seus braços quando a paz do silêncio pairou sobre ambos. Léo, ao mesmo tempo em que não se achava merecedor de tamanho presente, queria, com todas as suas forças, ser digno de dar a Jaque o melhor de si. Mas como faria isso, se um ódio primitivo dominara sua mente? Como um ser humano poderia molestar uma pessoa tão inocente e pura? Ele tentava entender o que ela havia passado, enquanto observava seu busto subir e descer com a respiração suave de um sono tranquilo. Seus braços começaram a formigar pela posição em que ficou para poder abraçá-la, e dentro de seus braços sua Jaque adormeceu. Sua Jaque... A alegria desta constatação encheu seu coração de orgulho. Quanto tempo desperdiçou à procura de consolo em outros corpos. Por tantas vezes se deitou com alguma modelo famosa, imaginando o corpo macio de Jaque. Entretanto tê-la era muito melhor do que sonhava.

Ela era linda!

Queria ter se controlado ao vê-la tão entregue e sedutora, degustado de sua presença como a um vinho raro, mas foi incapaz. Seu corpo ficou em chamas por muito tempo, tomado por um desejo descomunal de posse desconhecido por ele até então. Se não fosse pela preocupação por ter feito

algo errado, teria buscado alívio sozinho. Essa situação era novidade para ele. Sempre teve tantas mulheres aos seus pés, e agora se sentia como um adolescente apaixonado, satisfeito em tê-la somente dormindo em seus braços. Aquela sensação terna em seu peito era tranquilizadora e vê-la ali, tão bela, o fazia sorrir satisfeito. Naquele momento, descobriu o que era o amor. Um sentimento novo para ele, pois nunca se permitiu amar ou ser amado — nem amor fraternal ele conhecia —, até entregar o coração à sua doce Jaque e deixar que ela o preenchesse. E pela primeira vez desde que se lembrava em toda a sua existência, dormiu em paz e plenamente feliz.

Jaque acordou em sua cama, em seu pequeno quarto, com a manhã já adiantada. Não sabia como fora parar lá, mas teve uma noite tranquila de sono sem a presença dos pesadelos. O domingo amanheceu preguiçoso, um pouco chuvoso e cheio de nuvens. Procurou por sua mãe e não a encontrou. Lembrou-se de que ela podia ter ido ao culto. Dona Laura não se afastava da sua fé e dizia que a filha deveria voltar a frequentar a igreja. Jaque reconhecia que deixara sua crença de lado em prol dos estudos, ponderou que talvez fosse esse um dos motivos para as crises terem retornado. Como dona Laura dizia: “Quando você se afasta de Deus, fica entregue ao abismo da alma”. E ela tinha razão. Há tempos não exercia sua religiosidade que tanto lhe trouxe paz nas horas mais aflitivas.

Ficou por um tempo olhando os finos pingos de chuva descerem pelo vidro de sua janela. Sentiu-se um pouco solitária, não queria tomar o café da manhã sozinha.

Resolveu que deveria agradecer a Léo por ter sido tão compreensivo com ela na noite passada. Então fez uma bandeja suculenta, com um café da manhã fresquinho preparado por sua mãe. Entrou na mansão carregando a

bandeja, nas pontas dos pés. Ficou sabendo que o senhor Leônidas havia chegado de viagem e não gostaria de encontrá-lo naquele instante.

Ia bater à porta, mas se deteve ao ouvir uma música suave vindo do quarto de Léo, logo identificou a sua voz rouca acompanhada pelo som do violão. Abriu a porta lentamente e o viu junto à janela, sentado em sua cadeira, imerso na melodia. Jaque ficou parada com a bandeja em mãos, encantada e emocionada com a cena; a música parecia refletir o que se passava dentro dele.

“Se um dia eu pudesse ver

Meu passado inteiro

E fizesse parar de chover

Nos primeiros erros

O meu corpo viraria sol

Minha mente viraria ar

Mas só chove, chove

Chove, chove”[\[9\]](#)

Quando Léo abriu seus olhos, ao terminar a música, encontrou os de Jaque marejados.

— Oi — ele disse parecendo um pouco envergonhado por ter sido flagrado.

Jaque se limitou a responder apenas com um sorriso devido ao bolo que se formava em sua garganta. Ambos ficaram parados, em silêncio no conforto de um instante único de cumplicidade. A música tocara a alma de Jaque, fazendo-a entender a forma como Léo se sentia. Ele ainda se culpava por seus erros, e talvez nunca se perdoasse de fato. Ambos tinham feridas na alma, mas, acima de tudo, agora tinham um ao outro.

Depositou a bandeja em uma mesa próxima dele e sentou-se com as pernas cruzadas aos seus pés. Deitou sua cabeça no colo de Léo, absorvendo aquele momento.

Jaqueline

— Ele chegou de viagem depois de tanto tempo fora e não veio me ver — Léo falou, após longos minutos, quebrando o silêncio.

— Você está falando de seu pai? — perguntei a ele, que somente balançou a cabeça em confirmação. — Se você quer vê-lo, pode ir até ele também. Você não precisa mais ficar limitado a este cômodo.

— Não estou dizendo que não posso, estou constatando que meu pai voltou de viagem depois de um longo tempo fora e nem veio atrás de seu filho inválido.

— Agora você se tornou um inválido também? — Eu não gostava de vê-lo se depreciando daquela forma e não poderia aceitar tal comportamento. — Sabe o que vejo? Um homem magoado e orgulhoso. Você e seu pai precisam sentar e conversar para resolver todos os desentendimentos e mágoas do passado.

— Não é tão fácil. Se eu estou preso a essa cadeira, é por causa do orgulho dele. Ele deve ter se incomodado muito por ter que ficar em um pronto-socorro público e lotado...

— Não foi bem assim, Léo. Eu estava lá e presenciei os esforços do senhor Leônidas para salvar a sua vida. O que você enxerga como egoísmo eu vejo como uma tentativa desesperada de um pai querendo dar o melhor que ele podia ao filho. E talvez ele não tenha vindo até aqui justamente pelo receio de como você o tratará. Com toda certeza, ele deve se sentir culpado também.

— É porque você enxerga somente o lado bom das pessoas. Seu coração é puro.

— Eu tento entender todos os lados da história antes de formar uma opinião. Só isso. E não veja o fato de estar preso a essa cadeira como um castigo, e sim como um aprendizado. A vida lhe deu uma nova chance, não a desperdice.

— Tive uma nova chance e tenho que aprender com meus erros. Eu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

aguentaria qualquer coisa para tê-la ao meu lado, Jaque, mas queria ser um homem completo para você.

— Hey! Não fale mais isso. Juntos nos tornaremos completos. Foi o que você me disse ontem — falei e me aproximei dele, sentando-me em seu colo e tomando o lugar de seu violão, que coloquei ao lado.

— Sim. — Ele me abraçou, relaxando. — Queria não ser tão egoísta a ponto de prendê-la a mim nessas condições que tenho a lhe oferecer, mas não sou nobre o bastante. Quero você ao meu lado, porque, quando você está distante, é como se eu estivesse incompleto. — Ele ergueu meu rosto e me beijou docemente. Havia tanta ternura em seu gesto que aqueceu meu coração. — Estou viciado em você — Léo falou entre beijos suaves. Também comecei a me sentir consideravelmente melhor.

— Logo, logo você irá me proibir de entrar aqui de tanto que eu irei te perturbar.

Ele voltou a sorrir, dizendo que seria eu a enjoá-lo primeiro. O clima entre nós voltou ao de cumplicidade e amizade, além de algo mais que eu não queria rotular naquele momento.

— É o bolo de banana da dona Laura nessa bandeja? — Léo perguntou, já avançando sua cadeira comigo ainda no colo. Ele sempre foi comilão. Por muitas vezes, abandonava o requinte de sua cozinha e ia fazer as refeições conosco, nos fundos de sua suntuosa mansão. — Como eu estava com saudades das coisinhas feitas pela Lala.

— Léo, você ainda vai continuar chamando minha mãe de Lala? — perguntei, um pouco enciumada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Hum... ficou com ciúmes? Quer um apelido fofo também? — Léo estava visivelmente alegre e comia parecendo um esfomeado.

— Você me chama de Jaque e isso já é um apelido. — Pensei em revelar a ele nossos verdadeiros nomes, mas concluí que talvez quebrasse o clima descontraído do momento.

— Ah, que pena... Achei que você queria que a gente fosse igual àqueles casais que se chamam de nominhos fofos, como benzinho, ursinho, mozinho...

Abri minha boca, com cara de espanto; sua naturalidade em nos chamar de casal me assustou, me deixando sem palavras.

— Que foi, Jaqueline? Não gostou desses? Quer escolher outros? Acho que docinho combina com você. — Ele ainda estava sorrindo e brincando com a situação. — Por que você está com essa ruga na testa? — perguntou, colocando a bandeja de lado.

— Não achei que já fôssemos um casal.

— Já passamos da fase de amizade há muito tempo, você não acha? E não consigo dar outro nome para nós que não seja *casal*.

Continuei quieta, pois, como sua fisioterapeuta, eu não poderia simplesmente misturar as coisas. Esse fato poderia tanto atrapalhar seu tratamento quanto prejudicar minha carreira. Além da preocupação: caso essa relação não desse certo, o que sobraria de nossa amizade?

— Jaque, o que você quer? Está com cara de espanto... Não quero fingir que nada está acontecendo entre nós.

— Eu não sei o que quero — respondi sinceramente. Por mais que eu soubesse a realidade de meus sentimentos, não queria colocar tudo a perder.

— Pois eu sei. Eu quero você! Da forma que for, do jeito que puder ser. Não me importo com mais nada nesta vida, desde que você esteja presente nela.

Sua declaração me emocionou e, mais uma vez, me peguei contando a ele sobre os meus receios. Era tão bom poder conversar abertamente com ele, ter alguém em quem confiar. De repente, já não me sentia tão sozinha.

— Então vamos aproveitar cada instante que pudermos, sem rótulos. Eu também não sei como será quando sair a minha sentença. A última coisa que eu quero é fazê-la ir me visitar naquele inferno, mas não sou capaz de me afastar de você. — Léo voltou a me abraçar entendendo os meus motivos, somente o que nós tínhamos já nos bastava.

O dia passou tranquilo. Depois do café da manhã, tive que ir buscar o almoço em minha casa. Léo começou a dizer que estava com saudades do arroz com feijão fresquinho de minha mãe e me vi, novamente, levando uma bandeja suculenta para seu quarto.

— Léo, sua nutricionista vai me repreender se descobrir o que você andou comendo este final de semana.

— Ela só vai descobrir se você contar. — Léo já estava avançando nos pratos que eu trouxe e montei sobre a mesa da varanda de seu quarto.

— Eu não precisarei contar, seu intestino vai te denunciar. Você sabe que tem que levar a dieta à risca, para não precisar novamente de intervenções.

— Ah, não, Jaque... não vou discutir meus problemas intestinais com você. Não estrague o romantismo do momento. — Léo me chamou para sentar ao seu lado e juntos, em um clima completamente descontraído, almoçamos juntos, relaxados como um casal sem problemas.

— Um dia, quando toda essa fase acabar, quero te levar em um restaurante, para um encontro de verdade, só nós dois, à luz de velas.

— Eu ficaria feliz até com um hot dog na praça.

— Hum... Hot dog! Que vontade de comer o hot dog da Lala!

— Léo, você está almoçando e pensando em mais comida?

— Não tenho culpa se você e sua gangue de branco me deixam à base de fibras e água.

— Não comece, é para seu bem.

— Eu sei, mas você poderia pedir a Lala para fazer hot dog no jantar para nós, já que minha dieta foi para os ares hoje. — Léo fez uma cara de menino. — Por favor!

— Ah.... Tudo bem. Eu queria conseguir te dizer não.

— E eu queria fazer tantas coisas com você — Léo respondeu, me

encarando. Colocou o prato de lado e veio em minha direção. Fiquei com os olhos arregalados de tanta expectativa, após o que ele disse.

Ele somente pegou minhas mãos.

— Jaque, eu preciso que você me direcione, toda essa situação é nova para mim. Isso que estamos vivendo eu nunca vivi antes, meus relacionamentos nunca duraram mais que um final de semana. Não sei como lidar com a ansiedade de tê-la em meus braços e ainda ir com calma.

— Tudo isso é novidade para mim também. Nunca tive namorados... Acho que teremos de nos descobrir juntos.

— Nunca teve nenhum namorado? Disso eu já desconfiava, pois nunca a vi com ninguém. Mas... e seus relacionamentos? Como vocês fizeram para superar os traumas? Ou nunca apareceram antes?

— Não tive nenhum tipo de relacionamento antes, então realmente não sei como lidar com meus traumas, nem ao menos sei lhe dizer se acontecerá toda vez que nós nos relacionarmos.

— Como assim você não teve nenhum tipo de relacionamento? — Léo estava um tanto espantando com minha afirmação, e seria engraçado se não fosse o fato de ele estar me olhando como se eu tivesse duas cabeças.

Fiz cara de impaciência e fiquei puxando um fiozinho imaginário de minha roupa, pois realmente não sabia o que ele esperava que eu dissesse.

— Nunca tive nenhum tipo de relacionamento, nada mesmo. Entendeu? — respondi, ainda envergonhada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Meu Deus, Jaqueline.... Você é virgem!

Capítulo 12

*“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.
Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”(13)*

Jaqueline

Nem me dei o trabalho de confirmar, continuei puxando o mesmo fio solto, sem levantar a cabeça. As pessoas nunca entendiam essa minha opção. Mesmo se eu não tivesse me dedicado de forma exclusiva aos meus objetivos profissionais, me envolver emocionalmente com alguém não seria prioridade.

Aprendi algumas lições com tudo o que passei na vida e também com o que vi minha mãe sofrer nas mãos do ex-marido. Somente entregaria meu corpo a quem realmente merecesse receber o meu amor. Não era devido a nenhuma crença ou pelo fato de eu sonhar em me casar virgem, pois nunca sonhei com um casamento também. Eu queria algo além disso para o meu futuro. Acreditava que o sexo não era apenas um encontro de corpos, para mim era algo mais profundo, uma ligação de almas, algo puro que ia além de único momento.

Meu coração estava entregue desde quando eu me entendia por gente, mas nunca me permiti ir além do amor platônico, até me ver como a única pessoa capaz de estender a mão sem julgamentos, deixando que Léo, em sua vulnerabilidade, libertasse aquele sentimento trancafiado há anos.

Léo começou a gargalhar, quebrando o silêncio constrangedor que invadiu o quarto, e me deixando bastante irritada, pois não esperava aquele tipo de reação da parte dele.

— Não sei o que há de tão engraçado no fato de eu ser virgem — respondi, magoadada com sua atitude.

— Não há nada de engraçado mesmo, estou rindo de nervosismo.

— Pois parece que está caçoando de mim, como sempre fez.

— Você tem que concordar comigo que esse fato é, no mínimo, inusitado.

— Ainda não entendi a sua reação infantil, Léo.

— Jaque, você é virgem, e eu não tenho movimento nas pernas. Me desculpe se fiquei nervoso com essa situação totalmente nova para mim, pois não sei como resolveremos esse pequeno dilema.

— Se você vê como um dilema, já estamos começando errado — respondi, decepcionada com sua reação, e me virei para sair da varanda.

Léo segurou meu braço me impedindo.

— E se você virar as costas todas as vezes que eu for um idiota, já teremos começando errado. Não faça isso por favor... Me desculpe!

Ele estava certo, eu não poderia simplesmente virar as costas e me isolar toda vez que nos desentendêssemos. Voltei e me sentei ao seu lado,

enquanto Léo pegava a minha mão e fazia círculos suaves com a ponta de seus dedos, ponderando sobre o que falaria.

— Foi uma opção? Me explique melhor... Tem alguma coisa a ver com sua religião ou com o fato abominável que aconteceu com você?

— Não, Léo! Eu tinha outras prioridades, nunca me permiti interessar por nada relacionado a envolvimento afetivo. Na época do colégio, você se lembra bem, eu estava sempre isolada e nunca fui aceita pelas pessoas do meu convívio. Até meu primeiro beijo foi motivo de fofoca na escola, pois o rapaz, que faço questão de esquecer o nome, apostou que me levaria pra cama, e quando não conseguiu ficou me difamando. Você já havia se formado nessa época e não soube de nada.

— Mas você poderia ter me contando, eu iria arrebentar com esse infeliz.

— Por isso não te contei. Não queria te ver envolvido em mais confusões, já bastavam todas em que você se envolvia.

Léo baixou a cabeça um pouco envergonhado. Ele passou por uma época bastante turbulenta, quando fez todos os tipos de arruaças.

— Depois desse episódio, passei a me dedicar integralmente ao vestibular. Tentei por dois anos, até passar na universidade pública. Depois veio a carga excessiva de estudos, estágios e ainda os poucos trabalhos que eu arrumava. Não cabiam outros interesses em minha rotina.

— Não é possível que você nunca tenha se interessado por ninguém. Veja bem, para mim, você é linda, inteligente, além de muito atraente, não

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

consigo acreditar que ninguém nunca tenha te notado.

— Muitos rapazes se interessaram por mim na época do cursinho e, principalmente, na faculdade. Um de meus colegas de classe está sempre me enviando mensagens, acredita ter chance agora que nos formamos.

— Acho que acabei de descobrir o que é ciúme, estou com palpitação só de imaginar que pode existir alguém querendo te roubar de mim.

— Você é muito bobo mesmo. Isso só seria possível se eu quisesse, mas o fato é que eu não quero. O que temos me basta, somos amigos, companheiros... e eu me sinto à vontade com você, não poderia esperar mais de um relacionamento.

— Eu entendo e agora estou envergonhado por minhas escolhas.

— Não há do que se envergonhar. Você aproveitou a vida, com tudo que ela tinha para oferecer.

— Não, Jaque, eu a desperdicei de todas as maneiras possíveis. Só agora, que a tive em meus braços, pude entender o que é estar com alguém que amamos. O pouco que tivemos foi suficiente para anular tudo que tive antes, me mostrando o quanto eu era tudo superficial e vazio.

— Não se penalize, sempre podemos começar de novo e fazer novas escolhas.

— Sim, e eu escolho você. — Léo ainda segurava minha mão enquanto falava, me permiti ser conduzida ao seu colo, meu coração estava descontrolado desde o momento de sua declaração. Não sei se ele percebeu

ter citado o amor, mas eu o senti em todos os meus poros, quando as palavras saíram de sua boca. Fechei os olhos para tentar controlar as sensações que invadiram meu corpo e senti seus dedos acarinharem toda a extensão de meu rosto, pousando delicadamente em minha nuca e fazendo os mesmos movimentos circulares de antes. Comecei a relaxar aos poucos sob seu toque.

— O que eu faço com você, Jaqueline? — Léo falou bem baixinho, próximo a mim, e me beijou, primeiro em minhas pálpebras fechadas, deslizando seus lábios por toda a extensão do meu rosto, vagorosamente, e quando tomou meus lábios seu gesto tinha tanta ternura que as batidas frenéticas do meu coração passaram a se acalmar. Seu beijo desta vez foi calmo, lento, sedutor. Não tinha a urgência das outras vezes, nem a sofreguidão também. Era um beijo de entrega, com uma conexão que ia além de qualquer entendimento, leve, como se fôssemos duas almas flutuando juntas.

— Aliás, o que você está fazendo comigo? — Léo perguntou quando abandonou meus lábios por pequenos segundos.

O restante do dia foi assim, entre risadas, provocações, carinhos e carícias. Léo não perdeu uma única oportunidade de voltar a me beijar de forma carinhosa, mas, para minha surpresa, e até posso dizer decepção, não tentou nada além desses beijos carinhosos, mesmo quando meu corpo começou a ansiar por muito mais.

— Um pouco por vez, até eu apagar todas essas lembranças ruins de sua cabeça e não sobrar espaço para mais nada além de nós dois — Léo me acalmou quando minha respiração voltou a acelerar, ameaçando estragar mais uma vez a ocasião com a ansiedade que tomava conta de mim. Ele tinha

razão, eu não podia ser afoita demais e voltar a ter crises indesejadas.

A paciência e dedicação de Léo comigo era tão reconfortante que eu tinha certeza de que passaria por mais aquela barreira, já me sentia capaz de sonhar com um futuro ao seu lado.

É claro que tive de ir buscar o hot dog, Léo parecia uma criança pidona e faminta. Minha mãe, ao me ver entrar em casa depois de um longo dia fora, apesar de ter achado graça nos pedidos de seu menino, como ela gostava de chamar Léo, não pôde deixar de se mostrar preocupada com nosso envolvimento.

— Somos de mundos tão diferentes, minha filha. Não quero que se machuque — minha mãe demonstrou sua preocupação, já que eu não conseguia mais esconder o óbvio.

— Mãe, eu não sei onde tudo isso vai parar, mas posso te assegurar que o Léo está mudado, a última coisa que ele faria seria me machucar.

— Eu acredito nisso, ele sempre foi um bom menino, mas minha preocupação é com você. Se isso não der certo... o que será de nós? Você suportará viver aqui se tudo terminar?

— Eu já tinha planos de termos um lugar só nosso assim que eu me estabelecesse, e a senhora sabe disso. Mas não posso e não quero boicotar minha felicidade. Estou vivendo tudo aquilo que sempre sonhei.

— Se você está feliz, é o que importa para mim, minha filha, mas nada me impedirá de dar umas boas palmadas naquele moleque travesso se ele te magoar.

— Aí, dona Laura, nós já crescemos faz tempo. A senhora não percebeu? — falei, achando graça do jeito protetor de minha mãe.

— Para mim vocês serão sempre meus meninos. — Ela respondeu quando eu já estava a caminho do banho, enquanto ela prometia preparar o melhor hot dog do mundo para Léo.

Tomei um banho relaxante — tive o cuidado de prender meus cabelos em um coque —, passei hidratante em todo o corpo e coloquei meu pijama preferido, mas de repente me senti um pouco travessa ao passar em minha nuca o perfume que ele havia me proibido de usar ao seu lado.

Quando entrei em seu quarto com a bandeja, eu o encontrei já de banho tomado — ele não precisava mais de ajuda para essas tarefas —, sentado em sua cama, vestindo uma boxer preta e mais nada. Parei por uns segundos, observando-o sem fôlego. Seu corpo já estava voltando ao estado anterior ao acidente, se não fosse pela cadeira de rodas ao lado da cama, não daria para lembrar que ele esteve tão debilitado.

— Se a sua intenção era colocar um escudo com esse pijama tenebroso, saiba que você ficaria atraente até vestindo um saco de batatas. — Eu sorri quando ele me chamou para sentar ao seu lado, na cama. Léo cheirou longamente a minha nuca, fazendo arrepios percorrem por todo o meu corpo. — Ah, esse perfume... Lembro-me de tê-lo sentido até nos dias em que estava no hospital. Eu sabia que era você ao meu lado, pensava estar sonhando, mas graças aos céus era real.

Mais uma vez, me emocionei. Nada era mais um sonho, agora era tudo real.

E depois de um dia repleto ao lado de Léo, adormeci em seus braços. Enquanto minhas pálpebras se fechavam pelo sono, a única coisa que pedi em prece a Deus foi que Ele me permitisse ter mais dias felizes como aquele.

E com o ouvido sobre o coração de Léo, ouvindo suas batidas tranquilas, eu dormi...

Acordei muito cedo, com a sensação de alguém me observando. Era o senhor Leônidas, ameacei me levantar, me ajeitando bastante sem graça — estava enroscada ao Léo, embora estivesse toda vestida. Ele balançou a cabeça informando que eu não deveria acordar seu filho. Sorrindo, ele se aproximou, depositou um beijo em minha testa e sussurrou um “obrigado”, saindo do quarto logo em seguida. Fiquei estarecida com aquilo, o senhor Leônidas realmente se importava com o filho. Devia sonhar com uma aproximação, porém nenhum dos dois conseguia ultrapassar os muros que construíram.

Aproveitei e me levantei também. O dia seria cheio, logo a equipe médica chegaria e não seria nada adequado me encontrarem daquela forma.

Observei Léo dormindo de forma serena e sorri por toda a felicidade que estava sentindo. Meu coração se encheu de esperanças de que dias melhores estariam por vir.

Mas sempre existe um mas...

Capítulo 13

“A gente corre o risco de chorar um pouco quando se deixou cativar...”(14)

A semana começou cinza, assim como foi o sábado e o domingo, mas, diferente de quando a alegria dominou o coração de Jaque, agora ela se sentia estranha, com uma sensação de que algo ruim estava prestes a acontecer.

Desde que ela e sua mãe fugiram, deixando tudo para trás, Jaque vez ou outra se sentia dessa forma. Tentava identificar os gatilhos que faziam essa ansiedade vir à tona, mas não conseguia. Assim, fez uma nota mental para conversar com Anita, terapeuta de Léo e sua colega de trabalho, e pedir indicação de algum profissional para iniciar seu tratamento. Precisava tirar aquele sentimento do peito para tocar sua vida em paz.

Sua semana seria cheia, mais uma vez... Pensou que precisava visitar Davi naquele dia e ainda encontrar uma forma de ajudar a outra família.

Sorriu ao se lembrar das declarações de Léo, isso sem contar as carícias que experimentou. Já sentia sua falta, e não fazia nem uma hora que haviam se separado. Teria que se controlar durante o dia, evitando estar presente quando não fosse necessário, a fim de não atrapalhar o tratamento, já que o tempo deles era curto. Léo evitava tocar no assunto, mas ela sabia que o julgamento estava próximo. Mais tarde, iria acompanhá-lo à clínica para fazerem a fisioterapia junto aos aparelhos, quem sabe poderiam desfrutar de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

um tempinho juntos à noite.

Aproveitou o período da manhã, em que Léo estaria ocupado com a terapeuta e também com a nutricionista, para resolver suas questões pendentes, aliás, queria estar bem longe quando a Adriana chegasse. Ela havia infringido a dieta de Léo de todas as formas possíveis e não teria coragem de encarar sua colega de trabalho sem entregar os excessos do final de semana. Sorriu mais uma vez ao se lembrar de Léo feliz, saboreando os quitutes de dona Laura.

Ao sair da mansão rumo ao ponto de ônibus, novamente foi acometida por uma sensação ruim, como se estivesse sendo observada. Olhou para todos os lados e não viu ninguém. Lembrou-se de que deveria ter chamado o Robson, mas o motorista teria de ficar à disposição do Sr. Leônidas e ainda levar o Léo à clínica mais tarde. Como ela não queria atrapalhar, resolveu seguir sozinha para o centro da cidade e lá pegar outra condução para o extremo leste, rumo à casa de Davi.

Esperou por um longo tempo, com uma sensação crescente em seu peito, ameaçando virar pânico, que ela tentava controlar a todo custo. Quando finalmente o ônibus chegou e, ao se sentar, viu vários rostos conhecidos em seu trajeto diário, começou a se acalmar e passou a se concentrar nos afazeres do dia.

Chegou cedo à casa de Rose, mesmo após o trajeto de quase duas horas, e encontrou todos animados à mesa do café posta. Sentiu-se feliz por ter proporcionado aquela pequena alegria a eles e não pode evitar sorrir novamente ao se lembrar da generosidade de Léo financiando, de forma anônima, o bem-estar daquela família — mesmo que fosse por sua

consciência pesada.

Rose convidou Jaque para tomar café com eles, era tudo muito simples, contudo ela não pôde resistir ao cheiro do café fresco, recém-saído do coador. Sentou-se à pequena mesa, ansiosa por contar sobre a bolsa de estudos que conseguira — na verdade, patrocinada por Léo, mas aquele pequeno detalhe teria que ser omitido. Wesley, o irmão mais velho, se quisesse, também seria beneficiado com estudos profissionalizantes, mas ele era um pouco mais arredio e um tanto mais difícil de convencer.

— Você está ficando cada vez mais forte, logo poderá voltar a frequentar o colégio — Jaque disse animada a Davi, que tomava seu café da manhã com gosto, ao seu lado.

— E para o futebol também, né, tia?

— Sim, mas primeiro terá que aprender a ler e escrever para poder dar um monte de autógrafos — Jaque respondeu, enquanto bagunçava carinhosamente os cabelos de Davi.

— Eu não vejo a hora de meu menino ir pra escola, o sonho do pai dele era ter um filho letrado, com diploma. Quem sabe com as coisas *miorando* do jeito que estão vou ter um *fio* doutor. — Rose estava empolgada e feliz com a melhora de seu filho.

— E a senhora e o Wesley não pensam em estudar também? Garanto que consigo estender a bolsa para vocês, com algum curso que gostem de fazer.

— Ah, minha *fia*, num sei fazer nada nessa vida. Assim que Davi
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

miorar, vou procurar umas casas pra faxinar. Já vou ficar feliz se meus meninos forem *homis di* bem, mas Wesley *num* quer sabe de nada, só do ficar o dia todo com o ouvido no rádio escutando aquelas músicas feias.

— Mas ele precisa de um rumo na vida também, converse com ele, descubra o que ele gosta de fazer que vou atrás.

— Wesley é um desenhista de primeira, consegue desenhar qualquer rosto de memória — Davi respondeu.

— Sim, mas, desde que o Josué morreu, ele só quer ficar ouvindo essas músicas de funk, abandonou até os desenhos — Rose falou, com uma pontada de tristeza na voz.

— É coisa da idade, daqui a pouco os interesses dele mudam, não perca a fé. Se ele já tem um dom, logo vai querer se aperfeiçoar. Quando isso acontecer, você fala comigo, que eu vou atrás de aulas para ele também — Jaque disse tentando consolar Rose.

— Sim, o padrinho de Davi está chegando e perguntou se eu precisava de algo. Falei a ele que já tinha um anjo ajudando a gente. — Rose segurou as mãos de Jaque em um gesto de gratidão. — Mas, como ele insistiu muito, respondi que, caso ele quisesse, poderia trazer o material de desenho pro Wesley, que já seria de grande valia. — Rose voltou a se animar.

— Que bom, os meninos precisam mesmo de todo apoio possível. — Jaque sentiu-se aliviada por saber que aquela família tinha o amparo de mais pessoas.

— Sim, e o padrinho dele é um *homi* muito bom pra nós. Ele não pôde

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vir antes, por estar bastante enfermo também, mas agora que está *mior* vem pra Sun Paulo.

— Quero conhecê-lo quando chegar aqui em São Paulo.

— Tia, ele jogava futebol com meu pai, vou buscar a foto dele pra senhora ver — Davi falou, se levantando devagar, ainda pela dificuldade de locomoção, para pegar o álbum.

— Nossa, seu pai jogava também?

— Sim, meu pai jogava lá na nossa cidade, e meu padrinho era dono do time.

— Que legal, de qual cidade era o time?

Davi se aproxima, colocando a foto na frente de Jaque, e responde:

— Itumbiara, em Goiás, nossa terra natal.

Jaque sentiu todo o sangue esvair de sua face. A junção da cidade de onde saiu fugida mais a foto que lhe era mostrada a fez desesperar. Ouvia ao fundo, com uma voz que parecia distante, Rose narrar que Josué fora funcionário de Mário e o quanto aquele homem ajudara sua família necessitada, inclusive batizando Davi, por quem nutria um carinho de filho.

Aquele relato fez com que todos os tipos de sentimentos adormecidos viessem à tona naquele momento. Não conseguindo evitar a onda de tremores que se espalharam por seu corpo, Jaque derrubou a xícara de café que segurava e passou a ter dificuldade para respirar, em uma crise de pânico

crescente.

Era ele, não havia dúvida, aquele que pairou sobre seus pesadelos por toda sua vida, seu padrasto, Mário.

Precisava sair dali para respirar. Tentou se levantar, mas os tremores não deixavam suas pernas firmes o suficiente para andar. Temia desmaiar de tanto que o medo se apoderou de seu corpo.

Rose ficou preocupada, sem saber como ajudá-la, e Davi começou a chorar também, já nervoso com o desespero que presenciava.

Jaque foi tentando controlar os tremores, dizendo a si mesma que era somente uma foto, que ela não corria perigo naquele momento. Tentou normalizar a respiração ofegante, mas seu coração parecia querer sair pela boca e uma vertigem dominava tirar seus sentidos. Precisava sair dali, correr para avisar à mãe que mais uma vez teriam de partir.

Levantou-se com dificuldade, balbuciando um “sinto muito” e alegando estar sob uma forte crise de estresse. Rose queria acompanhá-la ou ligar para alguém, mas Jaque não deixou, dizendo que só precisava ir para casa tomar seu remédio.

Pediu desculpas a todos, se despediu de Davi com um beijo no topo da cabeça e, ao sair, sentiu um frio na espinha ao esbarrar em Wesley, que a olhava de forma muito desconfiada, medindo-a de cima a baixo. Fingiu não notar e saiu correndo sem saber para onde ir.

Pegou o primeiro ônibus que passou na avenida, sem sequer olhar o destino, precisava somente sair dali o quanto antes. A sensação de estar sendo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

observada aumentou conforme andava pelas ruas a caminho do ponto. Podia ser apenas sua imaginação, já que o temor de ser localizada a paralisava.

Sentou-se no ônibus e tentou se acalmar, pois precisava ponderar sobre o que fazer a partir dali e quais eram suas opções. A primeira coisa que pensou foi chegar em casa, avisar à mãe e, mais uma vez, fugir com ela sem olhar para trás. Jaque tinha uma reserva para comprar o apartamento delas, mas, na realidade, sempre temeu que aquele dia chegasse e ela precisasse usar o dinheiro para começar uma nova vida. Contudo não podia fazer aquilo com sua mãe, seria uma avalanche na vida da pobre dona Laura. Ela amava sua atual vida, ambas se sentiam protegidas pelos altos muros da mansão, e poder dormir à noite tranquilamente era uma bênção. Além do mais, tinham uma dívida de gratidão com aquela família. Como ela poderia simplesmente virar as costas e fugir, deixando o que construíram para trás? Como poderia abandonar Léo, ele se tornara uma parte tão importante de sua vida que seria inconcebível pensar em um futuro sem a presença dele.

Deixou as lágrimas descenderem por sua face, sentia uma angústia terrível por não saber o que fazer. Qualquer escolha que fizessem faria alguém sofrer.

Mas talvez ela estivesse somente amedrontada. Pensando de forma mais racional, o fato de seu ex-padrasto estar na mesma cidade que ela e sua mãe não significava que seriam descobertas. Dona Laura há muito não usava seus documentos originais, mesmo ainda estando casada no papel com aquele homem, não teria como ele rastreá-la. A mansão onde moravam ficava em um bairro muito distante da pequena casa de Davi e, ainda que Mário viesse a descobrir o paradeiro delas, não teria como ele ultrapassar a segurança da casa, o que lhes daria tempo para fugir caso ele conseguisse passar pelos portões. A única coisa que Jaque deveria fazer seria sumir por um tempo da

residência de Rose. Esse fato também a afligia, pois se apegou àquela família, mas seria melhor assim.

Tomou então uma decisão, guardaria segredo sobre sua descoberta e tocaria a vida, evitando sair para lugares diferentes e distantes. Nem a Léo contaria a verdade, seria capaz de ele mandar dar um fim em seu ex-padrasto, agravando ainda mais sua situação com a justiça. E quanto à sua mãe, a ignorância as vezes é uma dádiva. Com um pouco de sorte, passariam por aquele momento ilesas. Dessa vez, não fugiria, calcularia todos os seus passos antes de tomar qualquer decisão.

Percebeu que o ônibus estava em um trajeto diferente do seu, desceu para pegar outro, rumo à direção correta, porém já havia perdido a hora da fisioterapia de Léo. Não daria tempo de retornar para a casa e teria que ir direto para a clínica.

Chegou muito atrasada ao local do tratamento de Léo, pois se perdeu ao tentar retornar. Quando chegou à clínica, notou um grande alvoroço na porta do local.

Olhou o relógio, estava na hora do final do tratamento. Notou o carro da família parado na vaga para deficientes na frente do prédio e todas aquelas pessoas com cartazes ao redor. Avistou uma câmera televisiva e congelou onde estava ao se lembrar da vinda iminente de Mário para São Paulo. Resolveu se esconder e assistiu de onde estava, de forma impotente, Léo sair escoltado da clínica por seguranças, enquanto as pessoas o hostilizavam, gritando palavras ofensivas, lideradas pela família do trabalhador que foi mutilado. A palavra “assassino” era gritada e ficou ecoando nos ouvidos de Jaque onde ela estava escondida, vendo seu amado com o semblante sofrido

adentrar o carro e partir em disparada, deixando a reportagem para trás a dizer que ele usufruía dos melhores tratamentos quando deveria estar atrás das grades.

Jaque também saiu daquele tumulto às pressas, precisava encontrar Léo e abraçá-lo, mostrar seu apoio. Não devia ser fácil para ele, ela entendia bem o que era estar em um lugar onde sua presença era incômoda. Pensou, triste, em como o dia havia se tornado uma verdadeira catástrofe, mas ela, como sempre, não perderia a esperança.

Capítulo 14

“As estrelas são todas iluminadas...

Não será para que cada um possa um dia encontrar a sua?”(15)

Jaque acabou tendo dificuldades para conseguir uma condução devido ao trânsito que se formou na região, pela curiosidade da imprensa presente no local. Pensou em ligar para Léo, mas havia esquecido o celular em casa e somente se lembrou naquele momento, quando foi procurá-lo em sua bolsa e não o encontrou.

Resolveu pegar um táxi para chegar logo em casa, que a deixou em frente à mansão. Durante o trajeto, concluiu que deveria mesmo guardar segredo sobre sua descoberta naquele dia. Sua mãe não merecia sofrer com a apreensão pela qual ela mesma estava passando, e Léo não precisava de mais problemas — vira a angústia em seus olhos ao sair da clínica, a culpa ainda era nítida em seu semblante enquanto recebia os xingamentos. O coração de Jaque sangrou ao assistir, de forma impotente, toda aquela cena, e ela se sentiu egoísta por não ajudá-lo devido ao medo de ser reconhecida.

Ao descer do táxi, a sensação de um frio na espinha a acometeu. Atribui o fato ao medo atordoante que a dominou desde sua descoberta. Mas, para sua surpresa e também para azedar de vez o seu dia, Jorginho estava parado em frente ao portão da mansão, bloqueando seu caminho.

— O que faz aqui, Jorge? — Resolveu que enfrentá-lo seria a melhor

opção, pois estava com a cabeça cheia e ansiosa para ver Léo.

— Estava te esperando, precisamos ter uma conversinha.

— Eu não tenho nada para conversar com você! — Jaque tentou passar por ele, que a impediu, segurando-lhe de forma bruta no braço.

— Tem sim, e vai me ouvir quietinha — Jorginho respondeu, em tom ameaçador.

— Se você não me soltar, vou começar a gritar aqui. — Jaque se debateu para ele soltá-la, sem sucesso.

— Você não fará nada disso. Sabe por que, *Ana*? Eu tenho informações importantes para te passar. — Ao ouvir seu primeiro nome, Jaque sentiu um arrepio subir por toda sua coluna, fazendo-a congelar onde estava. Nem mesmo Léo sabia que ela se chamava Ana Jaqueline. Por puro medo, parou de se debater e encarou Jorge, com receio de suas descobertas.

— Sabe, *Ana*, é assim que devo chamá-la, correto? — Jorge falou em tom baixo e intimidador depois de soltá-la, confiante de que Jaque não faria nenhum escândalo. — Eu fui impedido de entrar na mansão, sabe por quê? — Ele respondeu em seguida, como se estivesse em um monólogo: — Porque uma *negra* intrometida, que não sabe o seu lugar, encheu a cabeça do meu amigo com acusações fantasiosas.

— Eu só abri os olhos dele, você se queimou sozinho.

— Você tem como provar? — Jorginho desdenhou dela.

— Ainda não, mas tenho certeza de que não precisarei fazer nada. Você se entregará com suas próprias ações.

— Quanta confiança para uma pessoa que está na minha mão... Eu vou falar exatamente o que você irá fazer e não vou me repetir.

Jaque resolveu dar crédito a ameaça dele, pois já havia descoberto seu nome, e ela temia pelo o que mais ele poderia saber.

Jorginho continuou sua ordem:

— Você dará um jeito de limpar todas essas mentiras que inventou para Léo e também para o Leônidas.

— Eu não tenho como fazer isso, as evidências falam por si.

— Não me interrompa! — Jorge gritou com ela. — Dê um jeito, se vire, eu não quero saber... Você vai fazer isso e depois vai sumir do meu caminho.

— Eu posso até inventar algo e sumir do seu caminho, mas já parou para pensar se o Léo compartilha dos mesmos gostos que você? Porque eu posso te assegurar que não.

— Ele é um inválido agora. Para o que eu quero, ele serve perfeitamente.

— Ele não é um inválido! — Jaque se alterou e respondeu à altura a Jorge, que a agarrou pelo pulso, cravando os dedos em sua pele.

— Escute aqui, não será você quem irá me atraparlar. Desde que resolveu se meter entre nós, tudo começou a dar errado. Eu percebi na noite da sua formatura, a forma como ele te cobiçava na cerimônia... E nas semanas anteriores, ele ficava sempre se negando a todos os convites que eu fazia e só falava de uma *negra* estúpida, que agora sairá do meu caminho por vontade própria ou serei obrigado a revelar certas verdades.

— Você está blefando. — Jaque não se deixou intimidar.

— Hoje eu te dei uma amostra do que posso fazer informando à mídia o local onde Léo estaria. Não me subestime!

— Como você se atreve? Não pensa no sofrimento dele?

— Quanto mais ele estiver no chão, mais se dará conta de que eu sou o único com quem ele poderá contar. E é por isso que você sumirá ou eu serei obrigado a denunciar sua pobre mãezinha por falsidade ideológica.

Jaque, ao ouvir aquela ameaça, sentiu uma vertigem de pavor, permitindo a Jorge perceber seu estado de nervosismo. Diante disso, ele começou a gargalhar, cravando ainda mais os dedos ao redor de seu pulso.

— Ficou com medo agora? O que vocês acharam? Que ninguém seria inteligente o suficiente para investigar? Sabe qual foi seu erro? Ser egoísta.

— O que você está insinuando?

— Não foi preciso muito esforço da minha parte. Eu procurei por uma Jaqueline Dias em sua faculdade, e ela não existia. Paguei alguns míseros centavos a um funcionário, que descobriu uma Ana Jaqueline da Silva, filha

de Marisa da Silva, com uma foto sua no portfólio. Depois só foi preciso investigar mais um pouco para descobrir os documentos falsos de sua mãe, que nunca se chamou Laura.

Jaque começou a tremer de medo e, mais uma vez, tentou dominar o ataque de pânico iminente. Jorge torceu seu pulso e continuou com suas ameaças:

— Vou te dar uma semana, nem um dia a mais. Depois disso, nunca mais verei essa sua cara na minha frente. E se você for burra o suficiente para desconsiderar minha coragem de denunciar sua mãe, saiba que eu tenho pessoas trabalhando para descobrir o motivo dos nomes falsos. Eu garanto que vou encontrar toda a podridão que vocês esconderam debaixo do tapete.

Jaque já deixava as lágrimas descenderem pela face, por causa da dor que sentia devido à pressão em seu pulso, quando, para seu alívio, Robson abriu o portão eletrônico da mansão, fazendo com que Jorge a soltasse.

— Está acontecendo algo aqui, Jaqueline? — Robson perguntou desconfiado por conta da situação que presenciara.

Jaque não respondeu, pois o bolo em sua garganta ameaçava fazer com que uma torrente de lágrimas escapasse. Ela passou correndo por Robson e ainda ouviu, ao fundo, Jorge dizer que ela estava com os nervos abalados e que tentava ajudá-la.

Ela não esperou para ouvir o resto da conversa, apressou-se para dentro de sua casa. Precisava pensar com clareza e controlar a crise de pânico. Sua primeira reação foi se apressar até o quarto, em busca das malas, pensando em partir o quanto antes. Dona Laura não entendeu a reação

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

exagerada da filha e se desesperou, imaginando o que poderia ter acontecido para deixá-la naquele estado.

— Jaque, converse comigo. Tente se acalmar, minha filha.

Mas Jaque estava cega de ódio, chorando copiosamente, jogando roupas e mais roupas dentro da mala, enquanto sua mãe assistia a tudo sem reação.

Em seu desespero, ela ouviu uma oração ao fundo, que a tirou de seu transe.

“Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu, Senhor, estás comigo.”¹⁶

As palavras de sua mãe foram, aos poucos, a acalmando, fazendo com que ela relaxasse, parasse para respirar e percebesse seu estado emocional.

Jaque sentou-se na cama, sua mãe pegou em suas mãos e continuou a orar, mas, desta vez, com a companhia da filha. Ficaram juntas por um longo tempo, até ela voltar ao seu estado normal.

— Quer conversar, minha filha?

Jaque balança a cabeça negando e Laura aquiesce, somente abraçando a filha e falando baixinho com ela.

— Estávamos todos preocupados, você sumiu o dia inteiro. Léo já veio aqui diversas vezes e nós ligamos para seu celular até que o achamos na cabeceira de nossa cama.

— Me desculpe, mãe, foi apenas um dia ruim.

— Jaque, você não pode carregar o mundo nas costas. Comece a compartilhar suas aflições comigo, garanto que juntas conseguiremos achar uma solução.

Jaque ponderou sobre contar à mãe, mas primeiro teria que traçar um plano. O sofrimento de Laura, de tantos anos, ainda era latente. Jaque não poderia fazê-la passar por tudo de novo.

— Obrigada, mãe, mas não há nada com que a senhora deva se preocupar — ela se pegou respondendo.

— Então converse com Léo, minha filha, ele estava em uma aflição só. Garanto que ele pode te ajudar de alguma forma. Ou pelo menos você deve acalmá-lo, antes que ele invada esse quarto.

Jaque não queria vê-lo naquele momento, tinha dúvidas de qual seria sua reação e, antes que se visse contando tudo sobre o Jorge, resolveu esperar para pensar com mais clareza acerca de seus próximos passos.

Tentou jantar e não conseguiu, sentia um bolo no alto do estômago. Resolveu banhar-se e, no chuveiro, permitiu que a água escorresse por seu corpo, levando toda a tensão daquele dia e as lágrimas contidas.

Não sabia quanto tempo permanecera ali, mas seus pensamentos clarearam e ao menos conseguiu tomar uma decisão, que deveria colocar em prática o quanto antes.

Desta vez, não colocou um pijama para se esconder. Preferiu uma

camisola rosa de seda não muito reveladora, mas também nada casta; suas curvas modelaram o fino tecido, deixando pouco para a imaginação. Soltou seus cabelos rebeldes, deixando os cachos caírem por suas costas, e passou uma única gota do perfume proibido.

Foi à procura de Léo, não o achou em seu quarto. Rodou por toda a casa até encontrá-lo fazendo uma força sobrenatural puxando pesos na academia. Estava sem camisa e o suor fazia sua pele branca brilhar.

Ao sentir o perfume de Jaque, Léo soltou os pesos que segurava, causando um estrondo ao baterem na aparelhagem.

Ele avançou com a cadeira na direção de Jaque, que correu ao seu encontro também. Ela se jogou em seus braços, sentando-se em seu colo e devolvendo o abraço apertado que ganhava. Ambos relaxaram, acalmaram suas respirações e, por longos minutos, não falaram nada, somente sentiram seus corações baterem um contra o outro e desfrutaram da paz de estar na companhia de alguém a quem podiam desnudar a alma.

Jaque levantou a cabeça, que estava pousada no ombro dele, encarando-o. Léo tirou carinhosamente seus cachos do rosto, demorando-se em admirar os fios soltos e fitando-a nos olhos.

— Onde você esteve o dia todo?

— É uma longa história, Léo, e estou muito cansada agora. Podemos falar disso outra hora?

— Não sei, Jaque. Fui literalmente ao inferno hoje, de novo. E nem foi por tudo o que aconteceu na clínica, mas por todo o medo que senti por falta

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

de notícias suas.

— Me desculpe, Léo, eu esqueci o celular em casa. E depois tive um dia muito difícil ao chegar na casa de Davi. Tentei chegar a tempo na clínica, mas a multidão me impediu. Me perdoe, por favor, foi somente uma série de desencontros.

— O menino está doente novamente? — Léo se preocupou com a situação de Davi.

— O quadro dele é muito instável, mas ele ficará bem — Jaque respondeu de forma evasiva, pois realmente não queria falar tudo pelo que passou.

— Não faça mais isso, por favor! Minha cabeça imaginou os piores cenários com o seu sumiço. Descobri que não posso mais passar um dia sequer longe de você.

Jaque se emocionou com a declaração de Léo e o beijou de forma apaixonada, sentindo e se entregando a ele. Léo correspondeu aos seus beijos, colando seus corpos, como se toda a aproximação não fosse o suficiente para saciar o desejo que tomou posse deles.

A mão de Léo passou a deslizar pelo colo exposto de Jaque. Uma fina alça de sua camisola escorregou, deixando o acesso livre para os lábios dele, que desceram de sua boca, se demorando por toda a extensão de seu pescoço, até chegar ao seu ombro desnudo.

Jaque desfrutava do mesmo desejo que tomou conta de Léo, permitindo-se deleitar pelo prazer transmitido pelos beijos dele.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Esse seu cheiro está me deixando maluco — Léo disse, quando parou de saboreá-la por alguns segundos. — Vamos para meu quarto?

Jaque respondeu balançando a cabeça afirmativamente. E, com ela ainda sentada em seu colo, Léo a conduziu entre beijos para a privacidade e a segurança de um lugar só deles, onde poderiam finalmente ceder ao amor e ao desejo que os consumia.

Capítulo 15

“ O Amor é tão poderoso como a morte; e a paixão é tão forte como a sepultura.

O Amor e a paixão explodem em chamas e queimam como fogo furioso” (17).

O caminho da academia até o quarto de Léo nunca pareceu tão distante. A ansiedade e a preocupação que os dominaram por todo o dia viraram um combustível para o ardor do momento que estavam desfrutando.

Quando passou com sua cadeira pela porta, trancando-a, puderam finalmente ceder ao desejo que estava consumindo a ambos. As mãos de Léo percorriam todo o corpo de Jaque e, ainda assim, não parecia ser suficiente. Ele queria mais, ansiava por senti-la de uma forma mais íntima, com o desejo guardado por tantos anos, sonhando em tê-la exatamente como ela estava, entregue em seus braços. Os lábios, carnudos e entreabertos, de Jaque estavam inchados por causa dos beijos, e Léo não conseguindo resistir, mais uma vez, os sugou e se deliciou com sua textura macia e saborosa. O prazer experimentado era inigualável para ele, poderiam ficar ali por todo o sempre, que já seria muito melhor do que tudo o que vivera antes.

Jaque perdera o controle sobre si desde que pousou os olhos no suor que escorria pelos músculos de Léo. Sentia contrações em seu ventre a cada sugar daqueles lábios hábeis, a cada deslizar daquelas mãos grandes, que estavam por todos os lados de seu corpo, e a cada resfolegar da respiração

quente próximo ao seu ouvido. Isso a fazia desejar algo nunca experimentado, mas que ansiava mais do que qualquer outra necessidade.

Eles voltaram a se beijar com ardor. Ao toque de suas línguas, Jaque sentia um pulsar embaixo de si. Suas pernas estavam ao redor do corpo de Léo, e ela havia sentido a excitação dele assim que se aproximou, sentando-se em seu colo.

A cadeira não incomodava por seu tamanho, pois seus corpos estavam tão unidos que pareciam um só. Por longos minutos eles apenas se beijaram, se entregaram, sentindo um ao outro, entre gemidos baixos de prazer. A boca de Léo abandonou os lábios de Jaque para explorar o corpo. O hálito quente incendiava a pele dela por onde passava, em um rastro de sedução. Descendo o pescoço, ele encontrou um ponto sensível na clavícula e demorou-se por alguns segundos. Passou para os ombros, contornando até chegar ao colo exposto de Jaque, que subia e descia ofegante, buscando uma forma de respirar. A outra alça da pequena camisola caiu, revelando seus seios empinados. Léo parou sua exploração para observá-la e pensou, nunca ter visto algo tão lindo.

Jaque levantou-se do colo dele, permitindo que a camisola escorregasse até seus pés, ficando somente com sua pequena calcinha rosa à mostra, e, dessa vez, quem tentou buscar o ar foi Léo. Jaque não se sentiu envergonhada, ao contrário, estava sublime, achando-se linda e empolgada com a admiração estampada na feição de Léo. Tirou lentamente sua última peça, revelando sua intimidade a ele. Estava se sentindo ousada e voltou sedutora, aproximando-se para ajudá-lo a se libertar do calção que o incomodava. A respiração de ambos se acelerou quando ela subiu novamente no colo dele, encaixando seus quadris, pele contra pele, colando seus corpos

nus.

Jaque explorou com as mãos o peito musculoso do homem que amava, demorando-se ao chegar à nuca, sentindo sob os dedos o arrepio na pele dele. Léo deslizou seus dedos por toda a extensão das costas dela, apalpando quando chegou ao glúteo e encontrou a parte que tantas vezes sonhou em tocar, e era tão macia que ele se deliciou com o prazer daquela pele sedosa.

Léo teve muitas experiências, sentia até vergonha por nem mesmo conseguir calcular a quantidade de mulheres levadas para sua cama, mas, assim como Jaque, aquela seria a primeira vez que faria amor; nada experimentado antes se comparava à beleza sublime daquele momento. Ele queria que Jaque soubesse o quanto ela era importante e o quanto sua dedicação havia tocado fundo em sua alma perturbada, levando paz. Finalmente ele se permitiu declarar. E, ao ouvir a frase “Eu te amo” sair dos lábios dele, Jaque se entregou ao ardor de uma nuvem de paixão que dominou os dois, não dando espaço a nenhum medo ou insegurança, somente ao mundo de sensações e do mais incomparável prazer.

Não fecharam os olhos, por todo o tempo, se olharam perdidos, um dentro do outro. E como se não bastasse toda a aproximação, entrelaçaram às mãos, unindo-se de todas as formas. Apesar de toda sua inexperiência, Jaque dominou o momento, mantendo o controle de seu corpo e da situação, enquanto entregava a Léo aquilo que guardara para o homem que amava. E mesmo com o pequeno desconforto sentido ao romper a barreira de sua virgindade, o prazer alcançado depois, ao encontrarem um ritmo juntos para saciar o desejo que os levou ao ápice, pensou ter valido a pena esperar por seu verdadeiro e inigualável amor.

Enquanto suas respirações se acalmavam e os corpos esfriavam, o único som que se ouvia no quarto era o dos seus corações, que teimavam em bater descontrolados.

Léo a levou para sua cama, Jaque deslizou de seu colo para deitar-se, esperando ele se juntar a ela. E quando Léo o fez, Jaque se enroscou em seus braços. Antes de adormecer, saciada e feliz, o ouviu dizer:

— Obrigado pelo presente divino que você me deu hoje. Sei que não sou merecedor de tanto, mas irei me esforçar para ser.

Ela não conseguiu responder, emocionou-se mais uma vez e somente o beijou delicadamente, tentando demonstrar por meio de atos o que as palavras não preenchiam. E com um sorriso nos lábios, dormiu em paz.

Léo acordou realizado, achando ter vivido um sonho, contudo o perfume suave de sua Jaque estava impregnado em sua pele, não deixando dúvidas sobre a noite esplêndida que viveram. Abriu os olhos e a procurou, queria amá-la novamente, parecia estar viciado nela. Porém um frio tomou conta de seu corpo ao perceber o outro lado de sua cama vazio. Tentou enxergar na escuridão do quarto e notou, triste, que ela não estava mais ali. Achou engraçado o seu pudor em não dormir com ele. Mas, mesmo Jaque pedindo para ele não rotular o relacionamento, Léo não via mais motivos para se esconderem. Queria gritar aos quatro cantos do mundo que ela era sua, precisavam oficializar a situação e, se Deus permitisse, Jaque seria para sempre sua mulher.

Acordou mais animado que o habitual, nunca havia sentido uma alegria tão plena. Banhou-se — já o fazia sozinho há algum tempo — e

percebeu que conquistara a independência que sua adorada Jaque lhe prometera. Sua vida tomou rumos totalmente diferentes, mas já não se achava um completo incapaz. Pensou que, se não fosse pelas dores de sua nova condição, sua vida não teria um novo sentido e, agora, a esperança de finalmente ser feliz. Acertaria suas contas com a justiça e sairia de cabeça erguida, pela porta da frente, de onde, por ventura, ficaria preso, e tomaria as rédeas de seu futuro com sua doce Jaque.

Olhou no relógio, preocupado. Já passavam das nove da manhã, e nada de ela adentrar seu quarto.

Chegaram a terapeuta, a nutricionista, o personal... e Jaque não apareceu. Tentou se distrair cumprindo todos os exercícios. Como não conseguiu se concentrar para conversar com a terapeuta, resolveu dispensá-la e realizar pesquisas no computador acerca de esportes adaptáveis à sua condição. Encontrou um site com informações sobre um esporte novo para cadeirantes, o golfe, e lembrou-se de que sempre detestou o ritmo lento, pois requeria extrema concentração, algo impossível para sua mente agitada.

Veio à sua lembrança um momento de sua infância. Estavam em um clube de campo frequentado por toda a elite da cidade. Leônidas segurava sua mão, tentando ensiná-lo a acertar o alvo. Iam de buraco em buraco, com o pai ao seu lado tendo um sorriso terno no rosto. Ele estava até gostando de brincar, queria chegar ao último obstáculo para ganhar o sorvete prometido. E conseguiu. Acertou o alvo e ganhou o prêmio. Passaram o dia tranquilos e felizes, mas, ao chegarem em casa, Léo foi correndo para o quarto, a fim de contar à mãe como tinha se divertido. Ele a encontrou chorando, como todas as outras vezes, e se sentiu culpado por tê-la deixado sozinha. Depois, lembrou-se de que, toda vez que seu pai o chamava para ir ao clube, se

negava, com receio de encontrar a mãe chorando novamente. Assim, passou a evitar o golfe. Resolveu tentar agora, sua mente precisava de coisas novas, era um novo homem e a concentração seria muito mais fácil. Anotou o endereço, os requisitos necessários e se programou para ir até lá no sábado; precisava avisar Jaque para que ela se programasse para o final de semana.

Distraiu-se por um momento, ao perceber sua caixa de mensagens cheia. Deteve-se ao ver várias do Jorginho; apagou todas sem ler.

Encontrou também muitas do escritório da empreiteira de seu pai, onde havia voltado a trabalhar pouco antes do acidente. Parou para ler e se atualizar. Pegou-se respondendo alguns e-mails e se deu conta de que muitas planilhas e solicitações poderiam ser resolvidas por ele, com um simples clicar no computador. Então se decidiu: voltaria a trabalhar com afinco, até sua sentença sair. Quando saísse, precisaria de um trabalho para sustentar de forma digna a família que já planejava ter com sua amada.

Enviou um e-mail ao pai, relatando sua intenção de voltar a trabalhar por *home office*. Em menos de dois minutos, a resposta chegou. No e-mail, Leônidas dizia o quanto estava feliz com sua decisão e que Léo poderia falar com a secretária dele, para ela providenciar tudo o que fosse necessário para seu retorno. Léo sentiu um alívio enorme pela receptividade do pai e, mais uma vez, lembrou-se de Jaque; ela ficaria orgulhosa.

Mas onde ela estava?

Olhou o relógio e notou que já se aproximava a hora do almoço. Resolveu esperar. Talvez Jaque tivesse ido visitar o menino Davi.

Almoçou sozinho, mas se pegava pensando nela o tempo todo e seu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

corpo se incendiava a cada lembrança da noite passada. Para ele foi diferente, em todos os sentidos. Não imaginava atingir o êxtase daquela forma. Sempre ligou o fato à ejaculação, mas não era. Os terapeutas já haviam conversado com ele sobre essa parte da fisiologia, que era a mais complicada em paraplégicos. Todos os médicos consultados, desde que começou a buscar alívio sozinho, afirmaram que, se por acaso algum dia ele quisesse ter filhos, deveria ser através de inseminação artificial. Ficou aliviado com a informação, e naquele momento mais ainda, pois sonhava em formar uma família com a Jaque, após cumprir todas as suas obrigações com a lei.

Na parte da tarde, para sua surpresa, recebeu a visita de seus advogados. Vieram comunicar-lhe que seu julgamento havia sido marcado. Ao mesmo tempo em que essa informação o afligiu, também lhe trouxe um pouco de alívio. Era como se sua vida estivesse em suspenso, aguardando a decisão do destino, através das mãos de um juiz. Mas, por mais que os cenários que o esperavam não fossem nada animadores, precisava virar aquela página de sua vida para poder tocá-la para frente.

— Meu Deus, onde estará a Jaqueline? — Mais uma vez, pegou-se precisando compartilhar algo com ela, e não sabia de seu paradeiro.

Não podia mais esperar, resolveu ir atrás de Jaque, já que ela nem sequer havia visualizado as mensagens que ele mandara.

Um sentimento ruim foi tomando conta de Léo ao atravessar o jardim a caminho dos fundos, rumo à edícula. Ele não era inseguro a ponto de achar ter feito algo errado na noite passada ou de Jaque não ter gostado do momento que tiveram; a paixão estava estampada no olhar dela. Seu peito se apertou ainda mais quando se lembrou de que havia se declarado, e Jaque lhe

respondera somente com um beijo casto. Sentiu um leve enjoo por pensar na possibilidade de seu amor não ser recíproco, de forma alguma saberia lidar com a avalanche de sua vida sem ela, especialmente agora que Jaque havia preenchido, de todas as formas, o vazio que vivera até ali.

Encontrou dona Laura na pequena cozinha, chorando, amparada por Robson, e, mais uma vez, se sentiu sufocar.

— O que aconteceu? — perguntou com um fio de voz, com medo da resposta.

Robson se aproximou solidário, entregando-lhe uma pequena carta endereçada a ele e à dona Laura. Léo notou a caligrafia de Jaque e um frio lhe subiu pela espinha, receoso de ler seu conteúdo.

“Meus queridos,

Preciso de um tempo para mim, para colocar minha vida novamente no lugar que tanto lutei para chegar. Peço que respeitem minha decisão e não me procurem. Ficarei bem. Retornarei assim que tiver resolvido minhas prioridades.

Sua Jaque”

Léo deixou o pequeno bilhete cair, atônito com o que acabara de ler. Como ela se atrevia a partir assim, deixando somente um bilhete? Não era possível, logo Jaqueline voltaria.

— Ela levou tudo, meu menino. Partiu sem dizer para onde iria.

— Como aconteceu isso? Por que ninguém me chamou? — Léo estava exasperado e sentia um desespero tomar conta dele.

— Foi de madrugada, meu filho, não sei ao certo. Acho que eu estava dormindo, porque não a vi sair.

— Como esse bilhete foi parar em suas mãos, Robson?

— Ela me entregou de manhã, antes das seis, e pediu que eu entregasse a vocês somente no final da tarde. Agora entendo que era para vocês não irem atrás dela.

Um soluço se ouviu no pequeno cômodo, que Léo pensou ter vindo de dona Laura, mas se assustou ao perceber que vinha de sua própria garganta. De repente, o ar pareceu não irrigar os seus pulmões. Precisava sair dali, estava sufocado e se sentindo perdido. Saiu derrubando tudo à sua frente. E enquanto tentava controlar o choro prestes a se derramar, como há anos não acontecia, constatou que Jaque premeditou a noite que tiveram juntos.

Não tinha sido uma noite de amor, fora uma despedida...

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 16

“ Quando a gente anda sempre em frente, não pode ir muito longe”.
(18)

Jaqueline

Segredos, mentiras... duas palavras que não saíam de minha cabeça. Eu estava me sentindo uma completa covarde desde que fugi na calada da noite, deixando tudo para trás.

Enquanto me banhava, essa ideia maluca me veio à cabeça e pareceu um bom plano. Na verdade, não pensei com muita clareza em minhas ações, a única certeza que eu tinha era da necessidade de deletar essas duas palavras da minha vida, e para isso eu precisaria sumir por uns tempos. Não pretendia deixar ninguém preocupado, e muito menos queria que viessem me procurar, por isso deixei um bilhete bastante evasivo. Eu sabia que causaria sofrimento às pessoas mais importantes de minha vida, mas não podia, simplesmente, contar com a ajuda de Léo ou de minha mãe. Eles seriam contra, e eu estaria presa a estas duas palavras: segredos e mentiras.

Quando parei para analisar o que estava vivendo, me dei conta da rede de intrigas na qual, inconsciente ou consciente, acabei me envolvendo. Tomei uma decisão: não viveria mais assim. De forma alguma eu poderia passar o resto de meus dias me escondendo ou mentindo, mesmo que fosse para o meu

bem ou para o bem daqueles que amava.

Tudo parecia muito prático e fácil se não fosse pelo fato de eu estar me acabando em lágrimas, sozinha em um quarto de hotel, em uma cidadezinha próxima a São Paulo. Eu me arrependi no momento em que peguei o primeiro ônibus na rodoviária, me senti como uma criança fugindo novamente sem destino.

As lembranças de minha noite de amor com Léo ainda queimavam em minha pele, por todos os lugares onde ele tocou. Havia horas em que eu fechava meus olhos e o imaginava aqui comigo, me beijando e acariciando da mesma forma apaixonada, com aqueles olhos verdes me encarando como se eu fosse a única mulher de sua vida.

Sempre sonhei com o momento em que eu me entregaria a ele, mas não imaginei que pudesse ser tão sublime. A conexão das nossas almas realmente aconteceu, não foi somente o sonho de uma garota romântica, foi real e puro, só que agora eu temia ter tomado uma atitude que tivesse arranhado sua confiança em mim para sempre.

Pensei por horas em uma maneira de resolver todos os dilemas de minha vida e acabei concluindo que não conseguiria sozinha. Mesmo com toda a minha determinação e fé, eu precisaria de ajuda.

Eu havia tomado uma decisão, iria contra-atacar. Sabia que poderia acabar me expondo ou até mesmo caindo nas mãos dos meus algozes, mas, pelo bem das pessoas que eu amava, teria de me sacrificar. Caso contrário, seríamos reféns para o resto de nossas vidas.

Dei um telefonema — não queria deixar mensagens, pois poderiam ser
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

compartilhadas. Fui atendida na quarta vez que liguei para seu celular, ele deve ter estranhado o número do hotel em que eu estava. Não me expliquei muito, apenas combinei um horário, deixando bem claro que teríamos de manter segredo.

Tendo resolvido a primeira parte, decidi que precisava esclarecer tudo com Rose, quer dizer, quase tudo. Não era justo manter mais essa mentira. Liguei, mas, quando ela atendeu, me faltou a coragem de falar. Resolvi mandar uma mensagem do meu celular mesmo, com a intenção de que ela lesse e entendesse meus motivos e as razões de Léo.

Querida Rose,

Às vezes tomamos atitudes para tentar consertar algo e acabamos envolvidos demais para voltar atrás.

Eu realmente sou fisioterapeuta, mas não trabalho para a Unidade Básica de Saúde. Eu os procurei a pedido da família Carvalho, donos da Empreiteira Carvalho e Cia, a fim de tentar uma forma de minimizar o sofrimento de vocês, após a perda de seu marido, ocasionada por um membro dessa família. Acredito que tenha conseguido, de alguma forma, ajudá-los, mas não esperava me apegar tanto à amizade de vocês. Espero que você possa perdoar minhas ações, e não hesite em me procurar neste novo número caso precise de qualquer coisa. Por favor, mande um beijo e um abraço para o pequeno Davi, eu estimo, verdadeiramente, o bem de vocês.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Com gratidão...

Jaqueline

Enviei a mensagem com uma dor no coração, passei um bom tempo olhando para a tela e esperando a resposta. Muitas horas depois de uma grande angústia, ela veio:

Seu nome é pelo menos Jaqueline?

Pensei em responder “Ana Jaqueline”, mas ainda tinha o fato de ela ser próxima do meu ex-padrasto. Achei melhor responder somente “*Sim*”.

A resposta veio em seguida dessa vez:

Não procure mais a gente.

Fiquei devastada com sua reação. No fundo, tinha esperanças de que sua capacidade de perdão fosse maior que as mágoas. Porém me senti mais leve, era mais uma mentira que se revelava, e que eu não precisaria mais carregar. De qualquer forma, eu daria um jeito de continuar os ajudando a distância, sem a imposição de minha presença.

Acabei ligando a televisão para esperar as horas passarem, até o meu encontro.

Um programa de jornalismo diário me chamou a atenção pela foto de Léo estampada na chamada da reportagem. Meu coração se despedaçou ao ouvir a notícia sobre o julgamento marcado para o final do mês. O apresentador gritava, dizendo que cobraria da justiça se mais uma vez um “filho de papai” saísse impune de uma tragédia ocasionada por uma noite de bebedeiras. Achei muito injusto, apesar da ciência sobre a responsabilidade de Léo. Talvez, se ele não estivesse sob o efeito das drogas que o Jorginho colocou em sua bebida, essa tragédia não tivesse ocorrido. Eu teria que agir rápido, não poderia simplesmente deixar o maior culpado por tudo isso livre.

É engraçado como o dia se arrasta quando temos a ansiedade e a solidão por companheiras. Peguei o telefone diversas vezes para ligar para Léo e explicar os meus planos, mas temi que minha coragem recém-descoberta se dissolvesse assim que eu ouvisse a voz dele. Passei a tarde toda me lembrando da entrega e da paixão de Léo — a forma como ele me amou e sua declaração que acalentou meu coração — e orando para que não houvesse estragado tudo de forma irremediável. Contudo eu tinha um objetivo e só recuaria quando tivesse algum êxito.

Tive de sair mais cedo, pois estava distante do local combinado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Tomei todo o cuidado, prendendo meus cabelos rebeldes por baixo de uma boina e colocando óculos de sol. Estava me sentindo um pouco paranoica, mas era melhor evitar ser reconhecida ou seguida mais uma vez. Jorge já havia provado do que era capaz, e eu não poderia subestimar meu maior rival.

Escolhi uma mesa ao canto mais isolado do Café onde combinei de me encontrar com meu convidado, que não veio sozinho, para minha surpresa.

— Senhor Leônidas, eu falei para o senhor vir sozinho — eu disse, já me levantando para partir.

— Você sabe que o Robson é muito mais que meu motorista, ele me procurou muito preocupado com uma cena que presenciou, por isso estamos aqui — senhor Leônidas respondeu, me convencendo a ficar.

— Tudo bem, Robson, me desculpe, mas te peço que não informe sobre nosso encontro à minha mãe ou o Léo.

— Não contarei, estou do seu lado e disposto a ajudá-la — Robson falou, demonstrando sinceridade.

— Então, Jaqueline, gostaria primeiro de ouvir a explicação sobre sua fuga, o que deixou todos nós muito preocupados. Sei que deve ter motivos muito nobres, pois confio em seu bom senso, mas nada justifica a forma como você deixou meu filho. Ele está devastado. — Senhor Leônidas não deixou minha atitude passar em branco, e eu senti ser verdadeira a sua preocupação com Léo, além de uma tristeza por ser a responsável por seu sofrimento.

— Senhor Leônidas, primeiro eu quero me desculpar pela minha atitude, mas, antes de tudo, preciso da compreensão do senhor e de sua palavra para esse plano dar certo. O Léo é muito impulsivo e, caso perceba nossas intenções, será preso sem o único responsável pelo acidente.

— O que você quer dizer?

— O Léo foi drogado. Descobri que o Jorge vinha colocando substâncias ilícitas nas bebidas dele há algum tempo.

— Mas qual o motivo disso?

— O Léo me confessou que já vinha tentando abandonar a vida de excessos e tomar um rumo. O Jorginho não aceitou muito bem perder seu amigo e principal financiador de farras e começou a drogá-lo. Não sei precisar desde quando, mas, na minha formatura, eu tenho certeza de que Jorge o drogou, e posteriormente, quando Léo já estava debilitado, também.

— Nunca gostei daquele rapaz, sempre exerceu uma péssima influência sobre o Léo, mas, sempre eu que tentava abrir os olhos de meu filho, ele via como um ato de repreensão. Tenho plena convicção dos meus erros e também dos de Léo, mas esse Jorge não tem carácter.

— Senhor Leônidas, se o senhor me permite falar...

— Claro, Robson, você é meu homem de confiança.

— Eu também estava desconfiado desse rapaz e presenciei quando ele agrediu a Jaqueline verbalmente. Temo pelo bem-estar dela e também pelo de seu filho, devido à vulnerabilidade em que ele se encontra.

— Por que você não pediu ajuda, Jaqueline? Desde quando está acontecendo isto? — Sr. Leônidas me repreendeu.

— Desde que o Léo começou a evoluir em seu tratamento. Não sei exatamente o que ele pretende, mas fui ameaçada caso não desaparecesse de seu caminho. Por isso fui obrigada a tomar essa atitude, Jorge tem provas que podem prejudicar as pessoas que mais amo.

— Jaqueline, eu preciso de sua extrema sinceridade para poder ajudá-la. Eu desconfiava que minha mãe e a sua escondiam algo, mas, depois do falecimento dela, não vi motivos para mexer nas feridas do passado de dona Laura. Ela tem minha total confiança, e você, o meu carinho e proteção.

— Senhor Leônidas, eu contarei tudo ao senhor, mas quero que me prometa total sigilo e a confiança de seu apoio, caso contrário, não saberei mais a quem recorrer.

— Minha menina, você é como uma filha para mim. Você contará com minha ajuda e eu ainda disponibilizarei toda a mão de obra de que você precisar, dentro do maior sigilo.

Aliviada, relatei toda a história de minha mãe, desde o assassinato de meu pai, as agressões — não tive coragem de relatar os abusos do meu padrasto a mim, era um assunto íntimo demais —, a nossa fuga na calada da noite para outra cidade, os documentos falsos, a preciosa ajuda de dona Amelinha até os insultos e documentos em posse do Jorginho.

Quando terminei minha triste história, ambos me olhavam com compaixão. Fiquei um pouco incomodada, porém sabia que se tratava de pessoas que me estimavam muito e, de certa forma, consegui me sentir mais

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

leve por ter me libertado de mais uma mentira. Mesmo que minha mãe estivesse sendo exposta, ela teria de concordar que sozinhas não teríamos forças para passar por tantos problemas.

— E qual é o seu plano? Creio que você já pensou em tudo.

— Sim, eu tenho um plano em relação ao Jorge, pois é o problema mais urgente a ser resolvido, a audiência do Léo foi marcada e precisamos agir com cautela, porém rápido.

Contei ao Senhor Leônidas e ao Robson qual era o meu plano e, apesar de expor Léo mais uma vez às armadilhas do Jorginho, seria necessário para atingirmos nossos objetivos. Parti aliviada, com a promessa da preciosa ajuda deles. Robson guardaria sigilo sobre minha ausência e me manteria atualizada. O Senhor Leônidas colocou uma equipe à minha disposição e me deu um bom suporte financeiro.

Deixei uma carta para minha mãe com Robson, mas achei melhor deixar Léo pensar que tudo entre nós, havia acabado, caso contrário, nosso plano poderia não dar certo e o Jorginho sairia vitorioso.

Mais uma vez, na solidão do meu quarto, espantei o medo e a insegurança. Tomada por um lampejo de paz, adormeci e sonhei que estava nos braços de Léo, com a esperança de dias melhores por vir.

,

Em um lugar bem distante de Jaqueline, um Léo atônito olhava fixamente para a porta de seu quarto. Sua Jaque não podia ter partido assim, ela adentraria o recinto a qualquer hora, por isso mantinha os olhos abertos na

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

escuridão da madrugada, lutando contra o sono que ameaçava fechar suas pálpebras. Ele sabia não ser merecedor de tanto, contudo a vida não poderia ser tão cruel com ele, levá-lo ao ápice da felicidade para depois jogá-lo no inferno.

A apatia foi tomando conta dele, fazendo o sono ganhar, mas Léo se sentia vazio, como se uma geleira tivesse tomado conta de sua alma, e implorava ao Deus no qual Jaque sempre acreditou para tê-la de volta, nem se fosse uma única vez, em seus braços novamente.

Capítulo 17

“Não lhes direi as razões que tens para me amar, pois elas não existem. A razão do amor é o amor”.(19)

Uma nova semana começou diferente para todos.

Léo queria provar para Jaque que se tornou uma pessoa melhor. Quando ela retornasse ou desse notícias, o encontraria tocando sua rotina normalmente, cumprindo todo o tratamento, trabalhando e agindo como um homem responsável. Porém a angústia pela espera do julgamento que se aproximava, associada à tristeza pela falta de Jaque, tomava conta de sua mente; sozinho, ele não conseguiria vencer a depressão.

Tentou pensar de forma positiva, enterrando o passado e seus problemas, contudo a culpa por seus erros voltou a dominá-lo. Os pesadelos que teve, nas poucas horas que dormiu, com o trabalhador vitimado no acidente, intensificaram seu remorso. Imagens da tragédia voltavam em flashes à sua memória e o rosto do menino Davi chorando não saía de sua cabeça. Sabia que precisava reagir, mas, só naquele dia, se permitiria chorar por mais uma esperança perdida.

Senhor Leônidas chamou Jorginho para uma conversa, que viu nisso sua oportunidade para difamar Jaque e atendeu prontamente ao chamado do pai de Léo.

— Agradeço o convite do senhor. Precisava mesmo te falar das minhas suspeitas sobre aquela cuidadora do Léo.

— A Jaqueline... Você quis dizer *fisioterapeuta*?

— Sim, que seja — Jorginho respondeu, com desdém. — O que posso te assegurar é que ela não é boa influência para o Léo. Aquela mulher encheu a cabeça de seu filho com calúnias e agora ele não quer mais me ver. E o senhor sabe, ele tem que se envolver com pessoas do mesmo nível social que ele.

— Estou ciente deste fato e por isso o chamei. Desde que a Jaqueline sumiu, sem deixar notícias, tenho notado meu filho muito triste. Gostaria de contar com sua ajuda, pois sou um homem muito ocupado e ficaria mais tranquilo se soubesse que ele está aos cuidados de seu grande amigo.

— Fico lisonjeado com sua consideração, cuidarei do Léo como se fosse meu irmão, o que aquela desclassificada não foi capaz de fazer. Me perdoe por falar dessa forma, mas acredito que ela já foi tarde.

— Devemos olhar para frente, não é mesmo, Jorge?

— Sim, e eu começarei agora mesmo a minha boa ação. Com licença.

Leônidas Carvalho, assim que viu Jorge partir, enviou uma mensagem para Robson, ordenando que ele mantivesse os olhos bem abertos, pois o plano já havia sido colocado em prática. Os nós de seus dedos estavam vermelhos pela fricção de se segurar para não golpear aquele rapaz insolente, enquanto ele menosprezava Jaqueline. Leônidas tinha verdadeira afeição pela moça carente, que chegou em sua casa ainda uma menina assustada. Ele

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

transferiu para ela todo o carinho que esperava dar algum dia à filha que não teve. Mas Jaque provou, ao se tornar mulher, ter superado todas as dificuldades da infância difícil. Ela era grata pelo pouco que Leônidas lhe ofereceu e a cada dia evidenciava sua benevolência para com aquela família tão desprovida de amor.

Leônidas pensou no quanto seu filho teve sorte na vida, por ser o homem que receberia o amor de uma pessoa tão doce, e também se sentiu culpado por tê-los afastados. Talvez o destino de Léo tivesse sido diferente, caso não tivesse dificultado o romance dos dois quando percebeu onde toda aquela amizade iria dar. Mas, como não podia consertar o passado, cabia a ele pensar no futuro, e não pouparia esforços para fazer todos ao seu redor felizes. Considerava-se responsável por muitos sofrimentos... Sua esposa tirara a própria vida por ele não ter sido capaz de dar a atenção de que ela precisava e seu filho estava preso a uma cadeira de rodas por sua intransigência de não aceitar deixá-lo em um hospital público, quando ele era um dos homens mais ricos do país. Seu coração nunca mais amou ninguém desde que enterrou sua Bia, e agora ele só queria se deitar e pôr a cabeça sobre um travesseiro, com a consciência tranquila e em paz, com a certeza de finalmente estar fazendo escolhas em prol do bem-estar daqueles que amava.

.

— Quem autorizou sua entrada aqui, Jorge? — Léo incomodou-se ao esbarrar nele saindo do escritório de seu pai.

— O Leônidas me chamou para conversar, ele concorda comigo que essa sua proibição é descabida. Eu quero o seu melhor, poderíamos voltar aos bons tempos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Eu não sei quais são as suas intenções, mas tenho que dar razão a Jaque, você não tem caráter. Desde que te conheci, só acabei metido em confusões e não quero mais isso para minha vida.

— Assim você me magoa. Sempre estive ao seu lado, nos momentos ruins e nos alegres. Nós éramos dois jovens em busca de diversão, e não me recordo de ter te forçado a nada.

— Nos momentos ruins? Onde você esteve logo depois do meu acidente? Por acaso estava fugindo de algo? Porque tenho certeza de que você apareceu somente no dia em que eu fui drogado. Qual a sua intenção com tudo isso?

— Eu não estava fugindo de nada, tenho pavor de hospital, você sabe disso. E aquela *sem classe* não saía do seu pé, me impedindo de entrar. Além do mais, ela fica me difamando, enchendo sua cabeça com essa história absurda de drogas.

— Não fale assim da Jaque! Ou...

— Ou o quê? Vai me agredir? Ao contrário dela, que fugiu quando eu descobri que queria aplicar o golpe do baú em você, eu estou aqui para te dar meu apoio. Olhe para você, está destruído por um rabo de saia. Acorde, Léo! Igual a ela tem aos montes esperando por aí.

— Jorge, por favor, vá embora! Não me faça quebrar a sua cara!

— Eu vou, para você esfriar a cabeça e refletir sobre o que eu te disse, mas volto amanhã, meu amigo.

E ele voltou...

Léo passou mais uma noite olhando para a porta do quarto, na esperança de ver Jaque entrar. Passou a enumerar os motivos pelos quais ela o abandonou e chegou à conclusão de que não era bom o suficiente para ela. Nem um homem completo poderia ser... Assim a depressão o abateu mais uma vez. Quando Jorginho chegou sorridente, oferecendo um ombro amigo acompanhado de um suco, que Léo sabia estar batizado, ele não se importou e tomou tudo em dois goles. Só por aquele dia, queria anestesiá-la dor em seu peito e não sofrer por tudo que havia destruído em sua vida e também por aquilo que nunca poderia ter.

Acabou dispensado o tratamento da equipe médica e, mesmo com uma voz ao fundo de sua consciência dizendo que ele não deveria se entregar àquele sentimento de derrota, isso se tornou inevitável conforme os dias passavam; o julgamento se aproximava e ele não enxergava nenhuma luz ao fim do túnel.

Do outro lado da cidade, Jaque também tentava controlar a ansiedade para estar novamente nos braços de seu amor. Queria consolá-lo, levar palavras para acalmá-lo, sentir o calor dos seus corpos juntos. Imaginava como devia ser difícil para ele enfrentar toda aquela situação sozinho e ainda preso em uma armadilha tecida por ela mesma, mas dizia a si mesma que era necessário passar por mais essa etapa para, enfim, conseguir se livrar das amarras de uma vida de mentiras e de pessoas traiçoeiras. Às vezes era preciso utilizar as armas dos inimigos para vencê-los, e ela já havia começado sua caçada em busca de provas.

Com a ajuda do senhor Leônidas e Robson, contratou um detetive

particular para esmiuçar a vida do Jorginho. No quarto de Léo, foram colocadas câmeras escondidas na tentativa de flagrar alguma atividade suspeita por parte do Jorge e toda a equipe doméstica recebeu orientação para coletar, não desprezar, qualquer resto de alimento servido no quarto. Jaque aguardava ansiosa o desenrolar dessa trama. Devido à proximidade do julgamento de Léo, precisava coletar provas para inocentá-lo ou, pelo menos, atenuar sua pena.

Os dias se passaram com a mesma rotina para todos. Leônidas trabalhando muito, Jorge tentando de todas as formas arrastar Léo para a vida de excessos, mesmo com todos os foras que levava, e Jaque aguardando o resultado das perícias e a confirmação por imagens da má conduta de Jorge.

Quando o resultado chegou, comprovando as suspeitas de Jaque, ela descobriu não haver evidências suficientes para incriminar Jorginho e saiu completamente arrasada da reunião com os advogados de Léo. Eles informaram que as provas coletadas não provavam que Léo fora drogado no dia do acidente ou pudesse ter agido com consentimento, e que isso só ficaria evidente se Jaque conseguisse uma confissão de Jorge.

Tomada de coragem Jaque decidiu confrontar Jorginho, aproveitaria as imagens das câmeras para tentar arrancar uma confissão dele, não poderia, simplesmente, deixá-lo vencer. Já estava na hora de voltar, não passaria o resto dos dias escondida, temendo o futuro.

Antes de voltar, resolveu ler todo o portfólio realizado pelo detetive, a fim de ter munição para lidar com Jorge quando chegasse; queria ter uma carta na manga, caso fosse ameaçada novamente.

A maior parte das informações já eram de seu conhecimento: notas em colunas sociais de jornais e revistas, além de outras reportagens em colunas de fofocas relatando algum envolvimento em confusões. Mas o que chamou sua atenção foram os problemas familiares relatados, e também os financeiros. Seus pais haviam se separado quando Jorge ainda era adolescente, após a falência das empresas de seu pai e o surgimento de boatos sobre pagamento de propinas a políticos.

Jorge foi criado pela mãe e pela avó. Jaque achou curiosa a informação na cópia, em anexo, de um inquérito policial por agressão e ordens de restrição do pai dele à família. O detetive fizera um ótimo trabalho, mas o desânimo começou a tomar conta dela novamente, pelo fato de ela não ter encontrado nada que pudesse usar contra Jorge.

Havia muitas fotos dele, de toda a adolescência, do período escolar, da infância e também de toda sua família. Uma delas fez o coração de Jaque gelar. Aqueles velhos sintomas de pânico, com tremores, suor frio e falta de ar, assolaram o corpo dela com força, no momento em que ela se deparou com a foto de Jorge bebê. Com as mãos trêmulas, passou a ler todo o relatório que falava de seu nascimento na cidade do Rio de Janeiro, onde morou até chegar aos quinze anos, quando se mudou para São Paulo, após a separação de seus pais. As fotos da casa onde ele morou na infância fez com que aqueles sintomas ruins ficassem ainda piores, insuportáveis. Um zumbido apitou alto em seu ouvido e Jaque temeu desmaiar ao ver a mãe de Jorge na juventude.

Ela era muito criança na época, mas nunca se esqueceria dos olhos que ficaram guardados em sua mente e a acompanharam em seus sonhos por anos. Eram familiares e também inesquecíveis. Os dias que se passaram após

sua mãe tomar a atitude de dar para adoção o bebê que ela não poderia criar... Aquelas imagens ficaram cravadas em sua mente, o choro convulsivo da mãe por noites a fio, a foto do bebê ao lado da cama, a mansão onde ele foi deixado e a mulher com cara bondosa que o recebeu naquele dia tão triste para ela e sua mãe.

Agora tudo estava bem ali, em fotos, na sua frente, como um pesadelo recorrente. Até a idade de Jorge batia; ele era seis anos mais novo que ela. Ao olhar pela primeira vez para as fotos do Jorge nos dias atuais, sem o véu do rancor, viu os mesmos olhos castanhos daquele bebê que segurara no colo quando ainda era uma menina.

A constatação estarrecedora da descoberta à sua frente fez com que o chão parecesse se abrir sob seus pés. Jorginho era seu irmão dado para adoção por sua mãe...

“Seu irmão...”

Repetiu diversas vezes essas duas palavras, para tentar acalmar seu coração aflito. Mas as provas não deixavam dúvidas.

E agora? O que faria com essa informação indigesta?

Capítulo 18

“É preciso exigir de cada um o que cada um pode dar.”(20)

Jaqueline

Não sei precisar por quanto tempo olhei para aquela foto tentando assimilar a descoberta nauseante. O que eu faria? Precisava conversar com minha mãe, contar a ela que o filho pelo qual ela chorou durante noites a fio estava ali, próximo dela, há tanto tempo. Eu não poderia ser egoísta a ponto de omitir uma informação tão importante. Eu conhecia os motivos de sua difícil decisão, e não pude evitar a avalanche de lágrimas que surgiu com as lembranças da infância e, ainda, o desespero de imaginar como seria a aceitação de Jorge ao descobrir toda a verdade. Dona Laura não merecia sofrer uma rejeição por sua natureza simples.

Fiz minhas malas e voltei para casa. Precisava pensar com clareza no que fazer, em quais atitudes tomar, porém minha cabeça estava enevoadada... As imagens de todos os meus encontros com Jorge, as desavenças, as humilhações e o choro do bebê sendo entregue ficavam se contrapondo com a razão. Qual seria a reação de minha mãe? E também: será que alguma vez ela desconfiou de algo ao vê-lo? Ele não se parecia em nada com o meu padrasto, ao contrário dele, Jorge era baixo, magro e esguio. Pensando de forma mais clara, percebi neles os traços de minha mãe: a mesma pele branca e os mesmos olhos castanho-claros. Já eu nasci muito parecida com meu falecido

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pai. Por quantas vezes fui confundida como uma filha adotiva ao andar com dona Laura ou alvo de preconceito e olhares maldosos? Mas eu tinha muito orgulho de minha etnia e essas pessoas nunca seriam capazes de me fazer sentir menos especial.

Fiquei emocionada ao ver os muros altos da mansão. Já haviam se passado algumas semanas desde que eu parti com esperanças de solucionar meus problemas. Agora eu retornava sem resolvê-los e ainda com um dilema maior.

A casa estava muito quieta para aquela hora do dia, a noite começava a cair, e era quando todos deveriam estar em plena atividade. Cheguei em minha casa e não encontrei minha mãe; resolvi ir até a cozinha da mansão, mas a necessidade de pelo menos olhar para Léo me dominou e não pude evitar meus pés de seguirem até seu quarto.

Parei em frente à porta, pensando em uma forma de me explicar e se deveria abrir o jogo de uma vez. Acabei ficando receosa sobre como ele me receberia, mas, por outro lado, estava decidida a tirar essas mentiras de minha vida e não podia mais controlar o desejo de estar em seus braços novamente.

Coloquei minha mão sobre a maçaneta, tentando me manter calma, porém a porta foi aberta de uma só vez, me assustando e me tirando do devaneio no qual estava.

— Jorge? O que você fazia aí dentro?

— Eu que te pergunto... resolveu voltar por quê? Acaso se esqueceu de nosso acordo?

— Não me esqueci de nada, e me dê licença, que eu vou entrar.

— Você não vai entrar, não. O Léo está muito ocupado.

— O que você fez? Drogou ele novamente? Saía já de minha frente.

— Não vou sair, e não se esqueça de que eu posso acabar com a sua vida, com um simples telefonema.

— Você não faria isso!

— Já provei do que sou capaz, aliás, deixarei que você veja com seus próprios olhos como o Léo está realmente muito ocupado.

Jorge desobstrui a porta, com uma cara cínica, e me observou. A maldade era latente em sua intenção, mas eu precisava ver Léo, a ansiedade estava me corroendo, e não seria naquele momento que eu resolveria meus problemas com *meu irmão*.

Abri a porta e encontrei o quarto em densa penumbra, as cortinas pesadas haviam retornado e garrafas vazias de bebida alcóolica estavam sobre a mesa. A cena que presenciei a seguir fez meu estômago revirar... Léo estava jogado na cama, seminu, com uma mulher, também vestida somente com uma minúscula calcinha, sobre ele, parecendo uma gata no cio, se esfregando. Ao me ver, Léo a empurrou e tentou sair da cama, porém não conseguiu, seus braços não tiveram forças para sustentar seu corpo, fazendo-o tombar de volta. Ele parecia muito mais magro e abatido, sem contar o aspecto relaxado em que estava, com grandes olheiras abaixo dos olhos, cabelos desgrehados e a barba grande. Meu impulso foi de ajudá-lo, mas a mulher, que nem se importou com a minha presença, voltou para a posição

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

em que estava para tentar, de alguma forma, terminar o serviço que havia começado. Tudo aquilo foi demais para mim e, temendo fazer ou falar algo de que me arrependesse, saí dali batendo a porta.

— Gostou do que viu? — Jorge estava parado, encostado na parede do corredor com ar triunfante, me encarando enquanto eu tentava controlar minha respiração e meus batimentos descontrolados.

— Como você pode ser tão cruel? O que você ganha com tudo isso?

— Não interessa! Estou atendendo aos desejos dele e tenho o consentimento do senhor Leônidas.

— Você é muito tolo mesmo.

— Eu sou tolo? Você não foi capaz de acatar um simples pedido meu, resolvendo colocar minha bondade à prova, agora serei obrigado a denunciar sua pobre mãezinha ao senhor Leônidas.

— Por favor, faça isso. E aproveite para explicar por que você droga o filho dele, o Leônidas já sabe de tudo.

— Ele sabe somente as coisas que você inventa. Seria a palavra de um branco de classe contra a de uma negra estúpida que nunca deveria ter saído da senzala.

Aquelas palavras associadas à imagem que presenciei no quarto de Léo viraram pura combustão e me cegaram. Não sei precisar o que se apoderou de mim, mas me atirei em cima do corpo de Jorge, fazendo-a tombar com o baque do meu peso. Parecíamos duas crianças se

engalfinhando e rolando pelo chão. Eu tinha tanta raiva represada que até me desconhecia. Queria machucá-lo, fazê-lo sentir a mesma dor que suas palavras ferinas me causavam, ainda mais por eu saber que vinham de um ser humano com o mesmo sangue que o meu.

Não era possível distinguir o que era dito ou quem puxava o cabelo ou acertava um tapa no outro. Jorge, literalmente, brigava como uma mulher, e, mesmo eu sendo forte o bastante, em determinado momento ele conseguiu me encurralar no chão, segurando minhas mãos com força.

— Olhe aqui, sua negra nojenta, nunca mais se atreva a encostar nenhum de seus dedos imundos em mim — Jorge disse de forma ameaçadora enquanto, com as mãos, começava a apertar minha garganta, fazendo com que as lágrimas comessem a descer e o ar me faltasse. Eu podia enxergar o ódio exalando em seu olhar, tornando completa a minha humilhação.

Eu já não tinha forças para lutar, minhas vistas estavam escurecendo e meu corpo se entregava ao inevitável. Mas em um momento Jorge se mantinha sobre mim, ameaçador, e no outro havia sido arremessado contra a parede devido à força do impacto da cadeira automática de Léo.

— Nunca mais se atreva a chegar perto dela! Nunca mais olhe para ela ou levante a voz ou faça qualquer outra ofensa. Você entendeu?

Do chão onde estava, eu ainda tentava buscar o ar; mais alguns segundos e tudo estaria perdido. Pude observar que Jorge o encarava com raiva, porém, dessa vez, era Léo quem pressionava o corpo esguio de Jorge contra a parede e, somente com a força de seus braços, o imobilizava. Jorge tentava responder, sem sucesso, a Léo, que estava transtornado, exigindo

respostas impossíveis de dar, pois ele o enforcava agora.

Jorge começou a desfalecer e eu passei a temer o pior, não sei se porque complicaria ainda mais a situação frágil de Léo ou porque negaria a chance de minha mãe reencontrar seu filho.

— Por favor, Léo, solte-o. Ele está ficando roxo!

Mas Léo parecia alheio aos meus apelos de tão transtornado que estava... Quando vi minha mãe chegar correndo com a equipe de segurança que gritava para ele soltá-lo. Robson conseguiu afastar o raivoso Léo e minha mãe correu para acudir Jorge, que se debatia tentando voltar a respiração ao normal.

Ao vê-la aos prantos socorrendo o filho, meus pés pareceram ter criado raízes no chão e tudo passou a ficar em câmera lenta.

— Você ia matá-lo! — dona Laura gritou para Léo, que estava em um canto oposto do corredor, sendo contido por Robson.

— E prometo terminar o que comecei, para ele nunca mais ousar chegar perto da Jaqueline!

— Como você pode dizer uma coisa dessas? Já não tem sangue demais nas suas mãos? — minha mãe afrontou Léo, ainda ensandecida, enquanto eu assistia a tudo sem reação.

— Ele ia matar a sua filha se eu não chegasse a tempo! — Léo respondeu para minha mãe, que dirigiu sua atenção a mim, indecisa.

— Ele também é meu filho!

Todos na sala se calaram com essa informação, entreolhando-se atônitos.

— Isso não muda o que ele fez, precisamos chamar a polícia. — Léo ainda estava inconformado com toda aquela situação.

— Para que polícia? Você também tentou me matar! — Jorge finalmente se recompôs e tentou se mostrar indignado.

— Uma pena eu não ter conseguido!

— A polícia já foi acionada por mim — Robson respondeu.

— Por favor, estamos todos exaltados, vamos nos acalmar e pensar com clareza — minha mãe disse, ainda tentando proteger Jorge.

— Não há o que pensar! Ele a ofendeu, a agrediu verbalmente e depois tentou matá-la. Como a senhora ainda tem coragem de defendê-lo?

— Só estou pedindo um pouco mais de tempo. Todos erramos. Se ele for levado agora, pode ser tarde demais para mim. É uma mãe que te implora!

— Todos erramos, mas eu não sou racista e nunca levantei um dedo para uma mulher. Como a senhora pode proteger um ser assim?

— Todos temos pecados, ninguém é melhor do que ninguém. Eu não tenho o poder para julgar qual pecado é maior que o outro.

Enquanto assistia, ainda inerte, à discussão acalorada entre Léo e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

minha mãe, eu observava Jorge muito quieto, me olhando com verdadeiro nojo. Um sentimento estranho me dominou. Egoísmo talvez, não sei bem descrever o que senti, mas me peguei me perguntando qual era o meu pecado. Por que eu estava passando por tantas provações? Qual era meu papel em meio a todo aquele drama? Não achei respostas que justificassem nada. Eu passei a vida toda me doando aos outros, sendo bondosa, ajudando, sendo paciente, esperando e confiando no próximo, além de amar incondicionalmente todos ao meu redor. Mas uma certeza eu tive naquele momento... eu não queria mais sofrer. Pela primeira vez na vida, eu precisava pensar em mim, me colocar em primeiro lugar, simplesmente me dar o direito de ser feliz. E sem me importar com o final daqueles personagens tão confusos, saí correndo dali, deixando tudo para depois. Eu precisava respirar, ter um dia de paz.

Capítulo 19

“Eu sempre amei o deserto. A gente senta numa duna de areia. Não se vê nada. Não se sente nada. E no silêncio alguma coisa irradia.”

A polícia chegou, trazendo em seu encalço toda a imprensa ávida por mais um escândalo na família Carvalho. Leônidas retornou para casa assim que foi notificado por Robson de todo o ocorrido. Mais uma vez, sentiu-se culpado por ter sido relapso com seu filho. Não devia ter deixado Jorge dominar a situação por tantos dias, em vista do estado de depressão em que Léo se encontrava. Tentou se apegar ao fato de Léo ser responsável por suas escolhas, porém não conseguiu afastar o remorso. Dessa vez, faria o papel esperado de um pai.

Foi esse o motivo que o levou a ignorar os apelos de dona Laura, sua funcionária de confiança, para abrir um boletim de ocorrência contra Jorge e também pedir uma ordem de restrição proibindo Jorge de se aproximar da mansão, de Léo ou de Jaque. Acionou seus advogados e abriu todos os processos pelos crimes cometidos por Jorge, com o consentimento de sua pupila, além de liberar para a imprensa os vídeos nos quais ele colocava alguma substância nas bebidas de Léo, e também o áudio onde ele proferia insultos racistas contra Jaque.

Jorge foi expulso da casa pelos seguranças e teve que ir escoltado e escondido até a delegacia, onde foi aberto um boletim de ocorrência. Como se não bastasse, ele ainda teve a audácia de registrar um B.O. contra Léo,

acusando-o de tentativa de assassinato, complicando mais a sua vida.

Porém, quando essas gravações caíram na mídia, vários grupos e ONGs ligados aos negros lançaram notas de repúdio à sua atitude e de solidariedade à Jaque. Jorge foi massacrado pela opinião pública, suas palavras racistas se tornaram temas de debates em programas de TV e estamparam capas de revistas e postagens em redes sociais. Ou seja, ele ficou impossibilitado de dar as caras em qualquer lugar sem ser hostilizado e experimentar de seu próprio veneno.

Mas o estrago havia sido feito de maneira irrevogável. Jaque passou os próximos dias evitando todos os envolvidos e sentia em seu coração que não poderia mais adiar a decisão que tomara.

Esperou que sua mãe se explicasse, mas ela parecia envergonhada por sua atitude e só respondeu suas dúvidas quando foi confrontada.

— Desde quando você sabe? — Dona Laura não precisou que Jaque explicasse o motivo da conversa.

— Coração de mãe não se engana, minha filha. — Dona Laura se aproximou de Jaque, tentando manter o contato perdido nos últimos dias.

— Então você sempre soube?

— Sim... desde que Jorge apareceu nessa casa pela primeira vez.

— Como assim? Eu não estou entendendo nada. Por que você não me contou?

— É complicado, filha. Enquanto morávamos no Rio, tentei buscar notícias dele por um longo tempo, mas a família me impediu de ter qualquer contato. Assim que viemos para São Paulo, acabou ficando mais difícil, ainda mais pelo receio que eu tinha de ser descoberta pelo seu padrasto. Mas, sempre que podia, eu ligava para algumas comadres de lá, que me atualizavam sobre como meu menino estava.

Ao ouvir a menção carinhosa ao Jorge, ela se afastou, não conseguindo evitar a mágoa crescente.

— Por favor, minha filha, me deixe explicar. — Jaque resolveu dar uma chance à mãe e tentar, pelo menos, entendê-la.

Dona Laura continuou:

— Depois de um longo período, descobri que ele havia se mudado para São Paulo e perdi o contato. Mas as coisas que minha comadre me relatou deixaram meu coração aflito. Segundo ela, o pai adotivo dele era agressivo e não o aceitava por seus trejeitos, foi o que culminou na separação do casal, além da falência das empresas da família. A mãe adotiva dele abriu um mandato de restrição depois de uma surra que quase o matou, quando seu pai descobriu sua orientação sexual. Passei vários meses tentando descobrir o paradeiro deles, até o dia em que Léo apareceu com Jorge aqui em casa. No momento que pousei meus olhos nele, soube que era o menino que entreguei para adoção e fiquei muito aliviada. Ele parecia bem e eu não podia simplesmente chegar e falar “Oi, eu sou sua mãe biológica, aquela que te deu para adoção”, por isso me calei.

— Você poderia ter me contado!

— Não, Jaque... eu te conheço, você também ia querer estreitar os laços. Ou vai me dizer que não?

Jaqueline pensou por alguns segundos e chegou à conclusão de que, se realmente soubesse que seu irmão era um escroto, ela não conseguiria se conter.

— Mas tudo o que a senhora me relatou não explica como ele soube.

— Ele soube quando começou a te investigar. Ele já sabia que era filho adotado e também sabia o nome da mãe biológica, eu. Ele só ligou dois mais dois.

— Ainda assim, você teve a oportunidade de me contar nessa época.

— Eu queria te contar, mas você já estava cheia com os problemas de Léo e também do menino Davi. Eu apenas tentei achar uma oportunidade melhor. Além disso, Jorge não me aceitou. Ele dizia que não era filho da empregada e que eu não deveria causar essa vergonha a ele.

— Está vendo, mãe? Ele não presta! O caráter dele é o mesmo de seu ex-marido.

— Não se trata disso, Jaque, você não imagina o que ele passou. Jorge sofreu demais na mão de pai adotivo, isso só fez com que minha culpa e remorso aumentassem.

— Você não teve culpa, mãe.

— Tive sim, eu não sou tão pura! Eu não queria um filho daquele

homem. Quando descobri a gravidez, pensei em abortar, mas, na época, nem condições para isso eu tinha. Conforme a gravidez foi avançando e depois que ele nasceu, tudo me lembrava dos abusos que passei na mão de meu ex-marido, esse foi o motivo principal para eu dá-lo à adoção. Porém, assim que voltei para casa sem meu bebê nos braços, eu me arrependi de meus atos, só que já era tarde. Tive que carregar esse remorso por todos esses anos. Tenho certeza de que, se eu tivesse me esforçado, não faltaria nada para ele, muito menos amor... Quem sabe tudo teria sido diferente na vida dele.

— Não foi falta de amor que o transformou em uma pessoa amarga, e sim seu caráter. Ele puxou à má índole do pai.

— Não diga isso, Jaque. Nós damos ao mundo o que recebemos dele. Jorge nunca conheceu o amor, somente o ódio. Temos que responder às suas agressões com compreensão e paciência.

— Compreensão? Ele tentou me estrangular! Como você quer que eu seja compreensiva?

— Tenho certeza de que ele não concluiria sua ameaça. Apesar dos seus desentendimentos, o sangue sempre fala mais alto. Você precisa perdô-lo, minha filha, tanto rancor assim não te fará bem.

— Para existir perdão é preciso que exista arrependimento, e não me parece o caso dele. Mesmo que um dia, por milagre, isso aconteça, não acredito que eu tenha tanta benevolência.

— Por favor, Jaque, não me faça escolher novamente.

— Eu nunca te pediria isso, e também não posso ser responsável por

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

suas escolhas. Você diz que as maldades de Jorge são fruto de tudo o que ele viveu, mas isso não é justificava. Eu mesma vivi no inferno, e isso não me transformou em um monstro.

— Ele não é um mostro, eu posso sentir. Não me peça para virar as costas para Jorge logo agora que ele precisa tanto.

— Eu nunca faria isso, mas também não posso participar! — Jaque respondeu, já se virando para partir. Não havia mais nada que pudesse ser dito sem causar novas mágoas.

— Filha... todo ser humano tem o bem e o mal dentro de si, cabe a nós escolhermos para qual lado iremos nos inclinar. Não deixe que sua mágoa te leve para seu lado mau.

— Sinceramente, mãe, eu não estou ligando mais. Eu só queria ter um dia de paz em minha vida.

Jaque sentia-se derrotada. Não brigara com a mãe, mas seu amor incondicional por uma pessoa que só fazia maldades com sua única filha, que esteve ao seu lado por todo esse tempo, foi demais até para o coração bondoso de Jaque. Ela achou melhor colocar em prática sua decisão de partir, mas antes tinha outro assunto para resolver, uma questão não menos importante.

Ela não precisou ir até o quarto de Léo para encontrá-lo. Ele estava em uma área do jardim, ao lado de sua edícula, com o olhar perdido no velho balanço onde eles brincaram por tantas vezes. Observou seu perfil, buscando as sensações que ele causava em seu corpo desde que se descobriu mulher, mas se sentiu vazia, como se sua alma tivesse congelado e a tornado incapaz

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

de sentir algo.

Léo percebeu sua aproximação. Ficaram se entreolhando por um tempo tentando preencher o silêncio com palavras que não fluíam. Tantas coisas se passavam por suas cabeças, e ambos sabiam que aquele momento os afetaria de maneira definitiva.

Foi Léo quem iniciou o diálogo.

— Você poderia ter me avisado dos seus planos, teria evitado meu sofrimento.

— Me perdoe, Léo, mas, se eu tivesse contado, você não aceitaria toda essa trama e nós ainda estaríamos sem provas contra Jorge.

— Os advogados disseram que as evidências coletadas não provam que eu fui drogado no dia do acidente. Todo esse sofrimento, nossa separação... foi por nada.

— Eu não vejo desta forma, tenho consciência dos meus erros, mas Jorge precisava ser desmascarado, e muita sujeira foi tirada de baixo do tapete.

— Eu fui ao inferno, pensando que havia feito algo errado ou que não era homem suficiente para você.

— Nunca mais repita uma coisa dessas! — Jaque aproximou-se, sentou-se aos pés de Léo e apoiou a cabeça em seu colo.

— Como você quer que eu me sinta, Jaque? Pela primeira vez em

minha vida, pude experimentar um tipo de amor que eu nem ousava imaginar que existia, porém, no dia seguinte, você escapou de minhas mãos, sem nem ao menos eu saber o motivo. Me senti um lixo, aleijado e descartável. — Jaque levantou-se para encarar Léo.

— Léo, você não é nada disso. Não se subjogue dessa maneira. Você já provou o quanto seu coração é bom e o quanto pode dar a volta por cima de seus problemas.

— Sim, Jaque, mas eu preciso de você ao meu lado. É como se você despertasse somente o melhor de mim. Longe de ti, me sinto perdido.

— Não, isso não está correto. A sua mudança tem que ocorrer independente de quem estiver ao seu lado. Ninguém pode depender de outro para não se entregar ao seu lado obscuro. Temos que nos encontrar em nós mesmos uma forma de viver em paz.

— Você é minha paz, Jaque!

— Não! Eu não quero isso! Quero alguém bom por si, mesmo que esteja quebrado por dentro.

— Isso quer dizer que não ficaremos juntos?

— Eu vim me despedir dessa vez. Preciso fazer exatamente o que estou te aconselhando, encontrar uma forma de viver em paz.

— Você não me ama! Nunca me amou da mesma forma que *eu te amo*.

— Não seja injusto. Eu não consigo me lembrar de um dia da minha vida, desde que cheguei a essa casa, que eu não tenha te amado e sonhado em ser merecedora do seu amor.

— Mas que tipo de amor é esse que abandona o outro quando ele mais precisa?

— É um amor que entende que cada pessoa precisa se amar primeiro para poder dar o melhor de si ao outro.

— Para mim, isso é como um quadro que todo mundo admira, mas ninguém entende. Esse tipo de Amor Abstrato que você me está oferecendo eu não quero!

— É só o que eu tenho a oferecer no momento.

— Você nunca me disse *eu te amo*...

— Eu disse em gestos, Léo... mas sinto que não sou capaz de falar o que você precisa ouvir.

— Eu só queria levar comigo a esperança de que terei o seu amor pelos dias que me esperam na prisão, ouvir as palavras saírem de sua boca.

— Desculpe, Léo, mas, no momento, eu nem mesmo tenho certeza se me amo.

Jaque partiu dessa vez, evitando olhar para trás. A devastação que percebeu em Léo era demais para sua determinação, mas se sentia vazia, quebrada, precisava reconstruir os cacos de sua vida para, quem sabe um dia,

encontrar a paz e a felicidade nos braços de seu amor, assim como ele. Ambos reconstruídos e prontos para iniciarem um relacionamento verdadeiro, com a certeza de que estariam dando o melhor de si para construírem um amor transformador e pleno.

Capítulo 20

“As pessoas são solitárias porque constroem muros ao invés de pontes”.(22)

Jaque voltou para seu quarto resolvida a seguir seus planos. Fez as malas novamente e pegou o panfleto do serviço humanitário pelo qual se interessou para marcar uma entrevista. Ao desligar o telefone, tinha uma entrevista agendada para dali a três dias, na Bélgica, sede da ONG. Juntar-se-ia ao grupo de voluntários da Cruz Vermelha e viajaria pelo mundo exercendo seu ofício de fisioterapeuta para ajudar vítimas refugiadas das guerras e também de desastres naturais. Não sabia ao certo em qual país seria sua missão, saberia caso fosse aprovada. O salário era simbólico, funcionaria mais como uma ajuda de custo, mas a experiência seria enriquecedora.

Sentiu o chamado em seu coração quando começou a ajudar o menino Davi, percebeu que poderia ser útil de alguma forma e deixar um legado do qual teria orgulho de falar no futuro. Sabia que veria pelo mundo sofrimentos muito maiores que os seus e, quem sabe assim, conseguiria abafar o rancor que tomou conta dela nos últimos dias. Não estava se reconhecendo naquele momento, sentia raiva das pessoas que a cercavam, das escolhas que cada um fizera, dos problemas que acabaram caindo sobre ela e até de Deus, em quem sempre acreditou com fervor; achava que Ele a abandonara. Tinha um bolo em sua garganta, nem chorar conseguia mais.

Passou tanto tempo resignada com tudo o que lhe foi tirado que

acabou cansada de sua vida e questionando suas escolhas. Fazer o bem ao próximo ajudaria a curar suas feridas na alma.

Explicou para sua mãe os motivos que a faziam partir. Apesar do choro não contido e dos pedidos de perdão, dona Laura disse à filha ter fé em sua escolha e certeza de que ela voltaria mais iluminada do que já era. Falou também que considerava aquele um chamado de Deus para sua vida e que a infinita bondade Dele seria derramada sobre ela. Dona Laura só clamava a Jaque para não se esquecer de suas raízes e um dia retornar para o seio daqueles que a amavam.

À noite, com as malas prontas para sua partida, não conseguiu dormir, passou a madrugada em claro, com a cabeça em um turbilhão de pensamentos confusos. O julgamento de Léo também se aproximava. Não queria vê-lo ser condenado, e, ao mesmo tempo, sentia que precisava dar-lhe seu apoio naquela hora tão difícil.

Levantou-se com os primeiros raios de sol. Sentia-se inquieta e sufocada dentro de seu pequeno quarto. Foi até o velho balanço ao lado de sua casa, onde tantas vezes brincou por horas ao lado de Léo. Lembrou-se de tudo o que passaram juntos desde sua chegada a mansão. Ele preencheu o vazio de sua vida a partir do primeiro momento, com todos os sentimentos possíveis. Foram amigos, irmãos, oponentes e amantes. Não conseguia imaginar o que teria sido da sua vida sem a presença marcante dele. Por tantas vezes buscou refúgio em sua amizade e por tantas outras fugiu, por medo dos sentimentos que Léo lhe despertava desde quando era uma menina. Como seria se um dia tudo aquilo acabasse? Se ela não pudesse mais contar com o apoio incondicional dele ou se, simplesmente, outro alguém preenchesse o vazio que ela, por egoísmo, deixara.

E acabou colocando-se no lugar de Léo. Ela o abandonara em um dos momentos mais cruciais da vida dele. Como pôde ser tão egoísta, quando tudo que ele precisava era somente de um ombro amigo. Ainda estava com raiva por ter adentrado em seu quarto e se deparado com ele entregue às bebidas e com uma mulher sobre seu corpo. Sentiu um ciúme descontrolado, e também ressentimento por ele sucumbir à fraqueza. Tentava justificar as ações dele com a depressão que o acometera, mas Léo não devia agir daquela forma toda vez que se sentisse acuado ou triste. Contudo não seria fugindo que ela conseguiria fazê-lo evoluir.

Resolvida a colocar um ponto final na distância que ela mesma impusera entre os dois, correu para o quarto de Léo para, enfim, se acertarem caso ele ainda a quisesse. Tinha certeza de que juntos conseguiriam superar todos os problemas que os acercavam e estava pronta para partir no dia em que ele fosse para a penitenciária.

Ambos cumpririam seus destinos, suas penitências, e voltariam renovados e transformados para dar continuidade ao relacionamento do ponto onde pararam.

Encontrou o quarto de Léo no escuro e em silêncio total. Aproximou-se lentamente para não acordá-lo assustado e sentiu um calor muito grande vindo dele. Sua pele brilhava, mas nem uma gota de suor saía dele. Assustou-se ao colocar a mão em sua pele e notar tanto a vermelhidão do rosto quanto a elevada temperatura. Léo estava com febre, sua frequência cardíaca estava lenta e a respiração, irregular.

— Léo, acorde! — Ele não respondeu e gemeu ao novo toque dela. Jaque se apavorou e acionou a equipe médica com urgência.

A ambulância chegou em menos de quinze minutos, mas para Jaque pareceu uma eternidade enquanto aguardava o socorro em meio aos gemidos dele. Segurou sua mão e ficou ao seu lado confortando-o e pedindo aos céus que não fosse nada grave, embora sua experiência a conscientizasse do contrário.

— Léo, aguenta firme. Estou do seu lado e nunca mais sairei — Jaque prometia a Léo, angustiada por sua situação frágil.

Ficou com remorso por tê-lo abandonado durante tantos dias. Os cuidados intensivos, no caso dele, não deveriam ser suspensos, e ela sabia da recusa de Léo em continuar o tratamento por ter se entregado à depressão. Jaque ficara tão imersa em seus problemas que acabara se esquecendo de algo tão importante: havia prometido dar o seu melhor para que Léo se recuperasse.

Ao chegar no hospital, foi impedida pela equipe médica de acompanhar os primeiros socorros. Léo parecia delirar no último contato entre eles, na ambulância, causando em Jaque grande agitação e ansiedade. Já no saguão, enquanto aguardava notícias, avisou dona Laura e também o pai de Léo sobre o ocorrido; Leônidas informou que não demoraria para chegar no local. E realmente não demorou, encontrou Jaque ainda de pijama no saguão do hospital, andando de um lado para o outro.

— Desculpe-me por meus trajes, senhor Leônidas, eu ainda nem havia tomado o café da manhã quando fui até o quarto de Léo para conversarmos. Não pensei duas vezes antes de chamar o socorro quando notei que ele estava queimando de febre.

— Não precisa se desculpar, Jaque, você está sempre ajudando o meu filho e a mim.

— Não, a culpa é toda minha. Eu sabia que Léo não podia abandonar o tratamento intensivo com a equipe, mas fiquei tão imersa nos meus problemas que acabei o deixando de lado.

— Jaque, o Léo é responsável pelas ações dele. Ele estava ciente dos riscos de parar o tratamento. Não se martirize por algo que você não tem responsabilidade.

— Tenho sim. Especialmente se ele se afundou em depressão por eu não lhe ter dado satisfação sobre meus planos e o deixado pensando que não era bom o suficiente para mim.

— Você fez o que achava certo, na tentativa de salvá-lo da condenação. Nem sempre acertamos, mas o mais importante de tudo isso é o que sobra. O amor de vocês vai superar mais essa barreira.

— Léo está magoado comigo, acho que ele nunca me perdoará.

— Se você foi capaz de perdoá-lo por tudo o que ele já aprontou nessa vida e ainda deu uma chance ao relacionamento de vocês, com certeza, ele conseguirá também.

O médico, amigo de Leônidas, chegou trazendo notícias alarmantes. Léo estava com pneumonia e a internação seria necessária, pois seus dois lobos pulmonares estavam comprometidos, além de ele apresentar saturação baixa e pressão arterial alta. Segundo o doutor, não havia nada a ser feito por hora, a não ser esperar os antibióticos correrem pelo organismo dele.

Jaque se sentia aflita por ter que esperar sem poder fazer nada para diminuir o sofrimento de Léo. O Sr. Leônidas sacou o celular e passou a dar vários telefonemas, andando de um lado para o outro no saguão do hospital, o que aumentava ainda mais a aflição de Jaque por pressentir que os problemas maiores estariam por vir.

Após longos minutos angustiantes para ela, o pai de Léo retornou com a informação de que os advogados estavam tentando adiar o julgamento para dali a dois dias devido à enfermidade do filho, mas que a opinião pública e a mídia estavam cobrando e cobrindo o caso ostensivamente e que, segundo a equipe, seria impossível remarcar uma nova data.

— Mas o que se faz nesse caso? — Jaque se desesperou com a informação.

— O processo corre à revelia, porém não pode prejudicá-lo ou vir a ter maior impacto na sentença dele.

— Mas Léo não poderá se defender. E nós sabemos que ele não é de todo culpado!

— Então só nos resta esperar e torcer para que ele se recupere rápido.

Jaque se sentou sentindo-se derrotada. Como poderia ficar parada, somente esperando?

— Vá para casa, minha filha, descanse um pouco, se alimente... Não há nada que você possa fazer no momento. Eu te darei notícias assim que o quadro dele se estabilizar.

— Não consigo, quero estar a postos para quando ele puder receber visitas, não quero deixá-lo sozinho.

— Ele não ficará sozinho, eu estarei aqui o tempo todo, só me deixe ser o pai que nunca fui.

Jaque ficou em dúvida, mas percebeu que o senhor Leônidas ansiava tanto quanto ela por se redimir de suas más ações e dar o apoio que Léo precisava naquele momento. Ela já estava pronta para partir quando um enfermeiro veio avisar que o paciente já se encontrava instalado em um quarto, com cuidados semi-intensivos, e que ambos poderiam vê-lo rapidamente. Leônidas percebeu a aflição de sua pupila e permitiu que ela fosse primeiro ao encontro de seu filho.

Ela agradeceu e saiu apressada para constatar por si que Léo estava vivo e deixar claro para ele o quanto necessitava dele ao seu lado, para ambos se ajudarem e construírem um futuro juntos.

Léo dormia parecendo estar desconfortável. Uma máscara de oxigênio estava em seu rosto, seus lábios estavam ressecados e arroxeados, um lençol cobria seu corpo exposto e vários cateteres estavam presos em seus braços. Jaque se aproximou observando o subir e o descer do seu peito, os aparelhos ligados a Léo mostravam dados preocupantes para uma profissional da saúde como ela. Toda aquela cena a fez recordar o ponto de início da relação dos dois, o momento em que ela se deu conta de que ambos precisavam um do outro e que ela jurou ficar ao seu lado em sua recuperação, mas acabou falhando.

Pegou a mão livre dele, entre lágrimas, pensando no quanto desejava

ter uma nova oportunidade de dizer que o amava. Queria ter a fé que sempre a guiou e a certeza de que seu grande amor conseguiria se recuperar. Desejou, mas não teve forças para implorar a Deus por mais uma chance; sentia-se perdida e oca. Quantos problemas mais eles teriam que enfrentar para um dia viverem de forma plena? O amor deles seria forte o suficiente para superar tantas provas?

— Eu te amo, Léo. Não sei por que nunca fui capaz de deixar essas palavras escaparem e eu me declarar para ti. Preciso de você! Me perdoe por não ter cumprido meu juramento de estar sempre ao seu lado. Se eu sou sua paz, você é o meu desassossego. Nós nos completamos assim, em nossas imperfeições. Lute por mim, por nós, pelo nosso futuro. Não se entregue, apenas me espere.

Jaque sentiu sua mão ser apertada pela de Léo, que esboçou um sorriso leve por trás da máscara, abrindo os olhos devagar, fraco demais para falar. Ele balançou a cabeça lentamente, em concordância, e passou seus dedos pela mão esquerda de Jaque, tentando erguê-la em direção ao seu coração. Ela obedeceu e chorou ao entender que ele estava fazendo uma promessa silenciosa. Ele voltou a dormir e sua fisionomia assumiu um semblante de paz, acalmando também o de Jaque, ciente de que, a partir daquele momento, nada mais poderia separá-los.

Jaque cedeu seu lugar ao pai de Léo, com a consciência tranquila e feliz por finalmente voltar a ter esperança de que tudo melhoraria.

Resolveu voltar para casa e obedecer à ordem de Leônidas para ela descansar um pouco, sentia-se exausta e necessitada de um bom banho, além de faminta. Ao passar pela recepção, viu Wesley desesperado, abordando

várias enfermeiras.

— Eu posso te ajudar? O que está acontecendo?

— É meu irmão, Dona Jaque. Ele está muito doente em casa e minha mãe está trabalhando.

— Mas por que você não o trouxe para o hospital?

— Eu tentei, mas não tive forças para carregá-lo. Tentei chamar uma ambulância, mas não consegui. Por isso vim ao hospital atrás de ajuda, não sabia mais o que fazer! Foi Deus quem colocou a senhora em meu caminho!

Jaque não pensou duas vezes e partiu com Wesley, o menino Davi devia estar muito doente para seu irmão estar tão agitado e preocupado.

Pegaram um táxi e Jaque nem pensou em avisar alguém, tamanha era a urgência do caso. Por sorte, Leônidas lhe dera dinheiro para voltar para casa. Chegaram ao pequeno lar de Rose quase trinta minutos depois, e ainda tiveram que andar um bom trecho a pé, devido à recusa do taxista de adentrar nas ruas do bairro distante, alegando ser perigoso. Jaque já conhecia todos ali e não temia por sua segurança, mas percebeu seu grande erro tarde demais, ao ouvir a porta se fechar atrás de si e encontrar a casa vazia, parecendo abandonada, sem nenhum sinal do menino Davi.

Seu coração disparou, suas pernas fraquejaram, sua visão ficou turva e ela soube que caíra em uma armadilha ao encontrar o motivo de seus pesadelos com um desenho seu em mãos e um grande sorriso triunfante estampado na face.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 21

“-É preciso ser paciente, respondeu a raposa. Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, cada dia, te sentarás mais perto...”(23).

— Como vai, Aninha? Cresceu bastante desde a última vez que nos vimos... não vai dar um abraço em seu paizinho?

Jaqueline estava paralisada observando Mário, seu ex-padrasto, à sua frente, tentando organizar o embaralhado de seus pensamentos. Fincou as unhas em sua palma da mão em uma tentativa de parar os tremores, que se iniciaram por seus dedos e estavam percorrendo para todo o seu corpo, ameaçando dobrar seus joelhos, prestes a cair devido ao descontrole de suas emoções. Achava estar presa em um pesadelo, um dos muitos que tinha enquanto criança. Mas sabia ser real a voz que ressoava em seu cérebro e fazia-lhe constatar o quanto fora inocente ao ter caído em uma armadilha tão previsível.

— Não é que esse garoto Wesley é um ótimo desenhista? Fez com perfeição o retrato de seu rosto. Sabia que, assim que bati os olhos no desenho, te reconheci? Você é a versão mulata de sua mãe mais jovem. Eu enlouqueci quando a vi pela primeira vez.

Mário se aproximou, girando ao redor de Jaque, procurando ver melhor suas formas em um insinuante escrutínio.

— Marisa foi me procurar, devia ter a sua idade na época. Chegou em um vestido florido, até que recatado, cobrindo parte de seu corpo, mas era impossível esconder suas curvas tão generosas.

Mário puxou uma mecha de cabelo de Jaque, levando-a ao nariz para cheirá-la, em um gesto que demonstrava não ter pressa em suas ações, fazendo com que Jaque temesse ainda mais pelo que a esperava.

— Marisa foi até mim interceder por seu pai. Você sabia que o tolo contraiu uma dívida comigo para comprar uma aliança de casamento para sua mãe? Bem... ela me procurou pedindo que eu desse um prazo maior para o marido honrar seu compromisso. É claro que prometi ajudá-la, sou um homem benevolente, você deve se lembrar, todas as pessoas de Itumbiara me idolatram.

Um soluço que Jaque não conseguiu abafar pelo pavor que se instaurou nela interrompeu o monólogo dele.

— Mas que péssimo anfitrião eu sou.... Venha, vamos nos sentar.

Mário empurrou Jaque até uma cadeira próxima. Sentou-se, levando o corpo miúdo dela junto e obrigando-a a sentar-se em seu colo, como se fosse ainda uma criança. Ela estava entorpecida e muda, porém seu cérebro começava a reagir, buscando rotas de fugas daquela situação.

— Onde eu estava? Ah, é mesmo... falava das curvas de sua mãe. Ela era uma delícia, sabe? — Mário levou sua mão até o glúteo de Jaque, depositando-a sobre a curva enquanto continuava sua explicação. — Seu pai foi meu funcionário na fazenda, um excelente peão, mas cometeu o erro de se apaixonar. Passou a querer folgas, sair mais cedo do trabalho, até que chegou

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

um dia querendo um adiantamento de salário para pedir sua mãe em casamento. É claro que lhe forneci, não posso deixar de dizer que foi por jurozinhos bem baixos, afinal, ele merecia pelos anos de dedicação à minha família. De início, eu não entendi como uma mulher poderia transformar um homem daquela maneira, até pousar os olhos em Marisa. — Jaque tentou levantar-se ao ouvir a menção à sua mãe, mas Mário a impediu segurando-a com mais força em seu colo.

— Irei resumir a história, vejo que está impaciente... Eu emprestei o dinheiro, você nasceu, as contas aumentaram e tornou-se impossível de ele honrar o acordo que fez comigo. Então, como um covarde, mandou sua mãe me pedir para aumentar seu prazo. Ela saiu de lá toda feliz com a minha promessa de ajudá-los, e como honro minha palavra, cumpri minha promessa.

Mário voltou a pegar outro cacho de Jaque, mas os levou aos lábios dessa vez...

— Você sabe qual é a ironia da vida, Aninha? — Jaque não respondeu e Mário balbuciou de forma ameaçadora, próximo ao seu ouvido. — Responda!

Jaque só conseguiu balançar a cabeça negativamente, enquanto as lágrimas começaram a descer por sua face.

— É que os caminhos se cruzam! Eu vou te explicar por quê... Eu cumri o prometido à sua mãe e resolvi a situação. Mandeí meu melhor capanga dar cabo da vida imprestável de Josué e acabei com o problema da dívida de sua família.

Jaqueline começou a se debater, gritando para ele soltá-la, em uma

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

tentativa fracassada de, ao menos, manter sua dignidade. Sempre desconfiou que fosse Mário o mandante do assassinato de seu pai, mas a frieza com que ele narrava tudo a revoltou, por estar impotente mediante tamanha crueldade.

— Fique quieta, pois ainda não te contei onde está a ironia de tudo isso. Sabe o capanga que assassinou seu pai? Foi o mesmo homem que seu namoradinho rico atropelou e matou há alguns meses.

O coração dela pareceu ter parado por alguns segundos com aquela revelação. E teve a certeza de que dificilmente sairia intacta daquele problema. Sua mente entrou em colapso. Pensou em qual seria o papel dela naquela trama tão complexa, mas estava entregando os pontos, não aguentava mais sofrer.

— Você era tão amável, criança. O que aconteceu? Desde que chegou não esboçou nem um sorriso sequer por encontrar o seu paizinho. — Mário passou a explorar o corpo de Jaque, deslizando suas mãos calejadas rumo à sua intimidade. Ela reagiu, debatendo-se e gritando para ele soltá-la, mas seu corpo miúdo não era páreo para a força de seu algoz.

— Tire essas mãos nojentas de mim! O que você quer? Já se passaram tantos anos... Por que você simplesmente não nos deixa em paz?

— Eu jurei que iria encontrá-las e me vingar. Sua mãe era minha propriedade, e você, um brinde com sabor doce. Acha que saíam ilesas depois do que fizeram contra mim? Foram anos tolerando olhares e fofocas ao meu respeito. Tudo que um agiota tem para oferecer, além do dinheiro, é a reputação. Agora me explique: como as pessoas da cidade iriam me respeitar se nem minha mulher e filha o fizeram?

— Então é vingança o que você quer?

— Não mais. No começo, enquanto vasculhava as cidades atrás de vocês, sim, mas esse sentimento foi crescendo tanto, que só dar cabo da vida de vocês não será satisfatório.

— O que você quer de mim? — Jaque ainda tentava negociar.

— Você pode ser minha meretriz, voltar comigo de bom grado para nossa terra. Eu te darei uma vida de rainha.

— Nunca!

— Acho que você não entendeu. Veja como seria perfeito... minha reputação será restabelecida na cidade, eu terei uma mulher novinha só para me servir e não precisarei sujar minhas mãos com o sangue de sua mãe, pois ela não tem mais serventia para mim. Como deve se lembrar, eu gosto de carne nova. O que acha?

O sorriso presunçoso, mostrando dentes amarelos, e o hálito quente, com cheiro de cachaça, próximo ao seu ouvido, além da mão que fincava os dedos em sua coxa, a fizeram ter certeza de que não teria escolha, e Mário sabia que ela faria tudo para salvar sua mãe, mesmo que para isso tivesse que corromper a si mesma.

— Não precisa responder agora, vejo que está em dúvida, afinal, tem um milionário babando por você. Pelo dinheiro dele, acredito que você dispensaria as visitas íntimas na cadeia, não é? — Mário começou a gargalhar, rindo do que parecia ser uma piada feita por ele. — Tanto dinheiro... coitado e aleijado! — Ele completou ainda rindo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Uma dúvida começou a pairar sobre a cabeça de Jaque em meio ao seu martírio.

— Onde está Rose e o menino Davi? Quem te passou tantas informações a respeito de minha família?

— Não se preocupe com aqueles dois, eu os mandei de volta para a terra deles com uma generosa ajuda em recompensa pela informação que o Wesley me deu. Ela nem imagina o motivo, me idolatra, e é assim que gosto de ser tratado. Agora, quanto ao restante das informações, como estou bonzinho hoje e ansioso por estar no meio das suas pernas, irei te conceder mais esse benefício, e assim começaremos uma vida juntos com todas as cartas à mesa.

Mário voltou a se aproximar de Jaque em um movimento deliberado de intimidação. Olhando fundo, de forma ameaçadora, deu um assovio e ela se assustou com a porta sendo aberta abruptamente.

— Me chamou, paizinho?

— Jorge? — Toda a cor se esvaiu do rosto de Jaque, o medo congelou de vez seus membros no lugar em que estava, e ela só não desmaiou porque lutava com seus resquícios de esperança de sobrevivência.

— Lembra da parte da ironia da vida, Aninha? Eu tinha um filho homem e nem sabia que ele procurava por mim e também queria se vingar de você!

Jorge encarava Jaque com cólera nos olhos. O sorriso que ele mostrava a ela não era de alegria, e sim de vitória.

— Minha família está completa agora. Está vendo, Aninha, o que sua mãe tirou de mim? Até do meu herdeiro nos negócios aquela vadia quis me privar.

Jaqueline se desprende de Mário e correu em direção à porta, socando e gritando por socorro, em uma tentativa desesperada de se salvar.

— Pode gritar à vontade, Wesley já se encarregou de calar a vizinhança. Ninguém irá te ajudar. Então, por isso me poupe esforços. Deixe eu te usar sem resistência, e depois partiremos todos para minha cidade, onde você me servirá como mucama e eu ensinarei esse moleque a ser homem.

— Mas eu sou homem, pai. — Jorge se ofendeu com as palavras de Mário.

— Você é homem, não é macho! Ou acha, por acaso, que vou te apresentar para meus credores com esse seu jeito afeminado?

Jorge balançou a cabeça concordando, afinal, o que ele queria era somente o dinheiro de seu pai e, em consequência, conseguir livrar-se das dívidas de sua família adotiva falida e, ainda, de sua indesejada irmã.

— Agora chega! Cansei dessa ladainha — Mário anunciou mudando de humor repentinamente, puxou Jaque pelos braços e jogou-a com força contra a pequena cama que ficava na cozinha, onde Davi dormia.

— Tanto tempo tentando um filho homem e me aparece uma bicha! Aposto que nessa família de falidos onde você cresceu a cinta não arrebentava em seu couro, para te transformar num macho. Está vendo? Se a mãe de vocês não tivesse me privado de corrigir meus filhos, minha filhinha

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

iria adorar seu paizinho e esse daí não seria essa aberração! — Mário cuspiu as palavras gritando para Jorge, que só o encarava, ponderando os benefícios por ficar quieto, enquanto Jaque, entre as lágrimas, começava a orar, clamando por uma ajuda superior. Era só o que lhe restava, apegar-se à fé, pois não tinha forças para lutar contra duas pessoas que buscavam vingança.

— Isso, pode rezar, vai ser mais prazeroso para mim. — Mário levou as mãos até o cós de sua calça tirando o cinto. — Agora, quero os dois contando as cintadas que eu tinha que ter dado em vocês antes, enquanto eram crianças, mas esse gostinho foi tirado de mim. Os dois, de joelhos. AGORA!

— Mas, pai, eu estou do seu lado. Fui eu quem passou todas as informações dessa daí. Por que está me tratando assim? — Jorge argumentou em tom melodioso com o pai, mas apenas conseguiu irritá-lo mais ainda por falar com trejeitos.

— Ninguém está do meu lado, somente abaixo de mim. Entendeu, meu filho? A regra é muito simples: eu mando e vocês obedecem. Caso contrário, não terei remorsos por enviar vocês para onde tantos outros que ousaram me desacatar já foram.

Jorge obedeceu, ajoelhando-se ao lado de Jaque, enfim, entendendo onde havia se metido e, talvez, temendo por sua vida, oferecendo um olhar mais rancoroso ainda à irmã, que também obedeceu, aceitando seu destino, sabendo que não havia nada mais a ser feito, além de torcer para sua tortura acabar logo.

— Quero os dois contando juntos... Um. — Jaque se contraiu ao

sentir a cintada destinada a ela primeiro, em suas costas. — Dois. — Jorge gritou de dor ao sentir a chibatada nele, Jaque ainda conseguiu se compadecer da situação do irmão, quando Mário passou a dar ordens especificamente a Jorge. — Grite: eu não vou ser uma bichona! — Jorge não obedeceu e levou outra cintada. — Você vai apanhar até falar ou virar homem!

E ele não disse. Jaque já estava na décima contagem das cintadas, enquanto só assistia ao ataque de raiva de Mário. Até que, por fim, escutou Jorge gritar as palavras ordenadas, cessando a surra que levava.

— Pronto! Estou satisfeito. Pode ir, meu filho. Vá buscar sua mãezinha, pois preciso deixar claro algumas coisinhas para ela, antes de partir com vocês.

Jorge se levantou com dificuldades, parecendo estar com dor e também com lágrimas nos olhos. Ele voltou o olhar para Jaqueline, mas ela não conseguiu decifrar o que se passava em suas emoções. De repente, Jaque entendeu que só se paga o mal com o bem, assim como sua mãe lhe ensinara. Somente o amor era capaz de mudar as pessoas. Sabia que sua vida ao lado do irmão seria sempre uma cama de espinhos, mas ela sentiu necessidade de pronunciar as palavras “Eu te perdoo!” para Jorge, pois precisava partir em paz. Só sairia daquela casa, se fosse molestada, morta.

Jorge olhou para Jaque espantado após ouvir que ela o perdoava e depois gargalhou, retrucando que não queria seu perdão. Mas ela não se abalou, sabia que a reação dele seria exatamente aquela; Jaque o perdoou para se sentir em paz.

— Chega de lero-lero, vá buscar Marisa, a não ser que queira assistir

como um homem toma uma mulher. Terei prazer em ensiná-lo.

Jorge balançou a cabeça negando, enquanto via Mário abrir o zíper de sua calça e puxar Jaque pelas pernas, rasgando seu pijama de forma violenta, prestes a violentá-la.

Jaque lutou contra Mário, com o resquício de forças que tinha, em vão. Em meio à sua luta desesperada, recordou da oração que sua mãe fazia sempre que ela tinha um ataque de pânico e passou a proferir as palavras em voz alta.

— “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, eu não temerei mal algum, pois o Senhor está comigo” — Jaque repetia a oração como se fosse um mantra, sentindo suas roupas serem rasgadas e suas pernas abertas, com Mário se acomodando bruscamente entre elas.

Ela fechou os olhos e orou clamando por ajuda divina, perdendo as forças, até que ouviu um tiro de arma de fogo ecoar no ambiente... E o sangue escorrer por seu corpo já desnudo.

Capítulo 22

“O que torna belo o deserto é que ele esconde um poço em algum lugar.”(24)

Os tremores assolavam violentamente os membros de Jaque, em um verdadeiro ataque de pânico, com o corpo pesado tombado sobre si; chegava a lhe faltar o ar. O mau odor de sangue adentrava suas narinas, sufocando-a. Arrastou-se tentando livrar-se do peso, quando conseguiu, observou Mário cair em um baque, já sem vida, no colchonete, com um ferimento nas costas, na altura do pulmão. Ela passou a tatear suas vestes à procura de algum ferimento por baixo delas, sentiu alívio ao constatar estarem somente sujas.

Forçou seus pés a se aproximarem de Mário, conseguiu, com muito esforço, e levou seus dedos até o pescoço dele, sobre a veia que deveria ser pulsante. Não encontrou nenhum resquício de vida e fechou suas pálpebras, pois lhe era aterrorizante olhar para o abismo dos olhos daquele cadáver, arregalados em espanto. Não pôde negar a si o sentimento de libertação. Enfim, sentia-se livre de um pesadelo que a perseguiu por anos.

Foi o barulho do choque da arma contra o piso que tirou Jaque do transe em que ela se encontrava nos poucos segundos passados. Ela buscava entender o que acontecera dentro daquele cômodo e a constatação de quem a salvara fez seus joelhos se dobrarem em uma mistura de sentimentos conflitantes. Então, entregou-se a um choro compulsivo, talvez de alívio, pavor ou agradecimento, não sabia ao certo, mas sentiu necessidade de

agradecer ao seu defensor, e a palavra “obrigada” saiu em um tom sincero de seu coração.

— Eu não fiz por você — a voz de Jorge estava carregada de uma tristeza que Jaque não soube decifrar.

— Ainda assim, foi você quem me salvou de um destino maculado do qual eu não sei se seria capaz de sobreviver.

— Eu sempre quis conhecer meu verdadeiro pai — Jorge começou a falar, como estivesse em transe, em uma atitude derrotada. — Passei toda a minha infância e adolescência imaginando como minha vida poderia ter sido diferente se eu não vivesse naquela casa, ao lado daquelas pessoas, sendo desprezado, maltratado e minimizado. Até esse sonho me foi frustrado quando descobri que esse homem poderia ser muito pior do que aquele que me viu crescer e se tornou o responsável pelos meus traumas.

— Eu sinto muito! — Jaque realmente sentia, não teve uma vida afortunada, porém nunca lhe faltou amor ao lado de sua mãe. Soube, naquele instante, como dona Laura deveria se sentir... A culpa e o remorso a perseguiram, mesmo ela não tendo total responsabilidade por seu ato.

— Eu te odiei... no momento em que Léo citou seu nome pela primeira vez, com olhos brilhantes de entusiasmo, e te odiei mais ainda quando a conheci e observei brotar um sorriso no rosto dele ao te ver. — Jorge decidiu colocar toda sua raiva para fora, enquanto Jaque, ainda ajoelhada, não ousava interrompê-lo, pois começava a temer de ter se livrado de um estupro para acabar perdendo a vida pelas mãos do próprio irmão. — Eu te odiei por tudo o que você representava para Léo que eu nunca poderia

ser, mas nada se comparou ao ódio que senti quando descobri que nós partilhávamos o mesmo sangue e que você teve tudo na sua vida, enquanto eu fui entregue para adoção a uma família com uma mãe deprimida por nunca ter conseguido dar um herdeiro a um pai que nunca me aceitou e me humilhava noite e dia.

— A nossa mãe não teve escolha.

— Teve sim... e escolheu você. Sempre você! — Jorge voltou a pegar a arma jogada no chão e a apontou na direção de Jaque. Parecia transtornado pelas lembranças. — Você tem e teve tudo o que eu sempre quis, e te garanto que hoje o meu ódio é maior que todo o rancor que nutri por todo esse tempo. Mas o sangue falou mais alto e eu não pude simplesmente deixar esse mostro maculá-la. — Jorge virou a arma na direção de sua cabeça em um gesto de total desespero. — Eu iria me transformar em um mostro pior que ele, se já não sou.

— Você não é, me salvou! E eu serei eternamente grata... Abaixе essa arma, por favor!

— Eu não quero mais me sentir assim, não quero mais viver com tanto ódio... não quero me sentir perdido. — A mão dele começava a baixar e Jaque enxergou a possibilidade de fazer a diferença na vida de uma alma perturbada pela dor.

— Ainda há tempo de você conhecer o amor. Todos temos o lado bom e o mau dentro de nós, é um trabalho exaustivo não dar voz a esses sentimentos ruins quando só recebemos ódio, rancor e perdas.

— Você me perdoou, mesmo depois de tudo o que fiz para você.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Como conseguiu? Foi verdadeiro ou só da boca para fora?

— Eu te perdoei e te perdoo para que eu possa viver em paz. Não sei se conseguirei ter um relacionamento amistoso com você, mas não te odeio, e isso é o que importa. Não quero esse sentimento ruim tomando conta de mim feito erva daninha. Fui ensinada a amar e a nunca perder a fé. Confesso que cheguei a duvidar da existência de alguém zelando por nós, depois de tantos infortúnios em minha vida, mas hoje tenho a certeza de que até esses obstáculos me foram apresentados para que eu me transformasse em uma pessoa melhor. Abra seu coração para as coisas boas entrarem. Dê esse espaço. É assim que eu estou me curando e será dessa forma que irei passar por cima de tudo o que vivemos hoje, dentro desse cômodo.

— Eu não sou digno de nada disso, não existe nada de bom dentro de mim... Quem seria capaz de amar uma pessoa com um passado tão negro quanto o meu?

— Além de Deus? Nossa mãe!

— Deus! Esse daí não existe, caso contrário, não abandonaria seus filhos. E sua mãe não me quis nem quando eu era criança, imagine agora.

— Deus existe, sim, tenho plena convicção! E acredito que ele tenha te usado como instrumento para me salvar, do mesmo modo que está tocando meu coração neste momento para te ajudar a enxergar as infinitas possibilidades que esperam por ti, se você deixar a nossa mãe te dar todo o amor que ela guardou para você durante todos esses anos e seguir seu caminho semeando o bem.

— Você tem muita fé nas pessoas e nesse ser que me parece mais
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ficção da cabeça de pessoas desesperadas. Quem te garante que não a farei sofrer novamente ou à dona Marisa?

— Não há garantias de nada em nossa vida. A única certeza que posso ter é a de que, quando abrimos nosso coração para os sentimentos bons, o mal não floresce. É isso que você deve tentar fazer.

— Não sei por onde começar.

— Se você ama tanto o Léo como diz, poderia escrever um depoimento assumindo ter colocado drogas em sua bebida. Não é justo que ele pague um preço tão alto, quando sabemos o quanto já foi penalizado.

Jorge tornou-se pensativo e quieto. Sua irmã comemorou internamente o fato de, pelo menos, estarem em um mesmo ambiente, sem discórdias entre eles, e ainda tê-lo feito refletir sobre a importância de serem pessoas melhores para o mundo.

O silêncio passou a reinar no ambiente, ambos imersos em suas próprias lutas internas... Não se tornaram amigos, sabiam que haveria um longo caminho a trilhar para chegarem a superar uma relação de ofensas, ataques físico e emocional, e Jaque também tinha a ciência de que Jorge não se transformaria da noite para o dia. Mas não havia mais ódio em seus corações, o laço que os uniu a partir da dor compartilhada era muito mais forte que qualquer ofensa recebida. Eles queriam se manter de pé, continuar cheios de esperança em busca de dias melhores.

Não demorou para Robson localizar Jaque no casebre. Quando ele arrebentou a porta e foi tomado pela surpresa da cena à sua frente, ainda deu a oportunidade a Jorge de fugir, após ter ciência de que ele fora o salvador de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Jaque. Jorge não quis. Pela primeira vez na vida, enxergou além do véu da mágoa e preferiu pagar pelos seus erros, mesmo que isto lhe custasse a liberdade.

A polícia foi acionada, Jorge se entregou sem resistência e Jaque foi enviada para o atendimento médico. Porém o alívio e a gratidão por ter saído de toda aquela situação somente com sequelas emocionais dominavam seus sentimentos.

Ainda no hospital, recebeu a visita de sua mãe. Após um longo abraço e muito choro, ambas sentiram a necessidade de pedir perdão. Jaque acreditava que deixara o rancor entrar em seu coração a partir do momento em que duvidara dos ensinamentos dados pela mãe, mesmo sabendo que dona Laura seria incapaz de julgar e abandonar qualquer pessoa, ainda mais sendo seu próprio filho, por mais falho que este fosse.

Dona Laura partilhava do mesmo desejo de perdão da filha. Sentia-se culpada por ter feito escolhas erradas ao longo da vida, atingindo diretamente a pessoa que deveria proteger. Jaque aceitou de bom grado o pedido da mãe, pois sabia que ambas precisavam reconstruir o relacionamento de confiança que sempre mantiveram, tão abalado pelos últimos acontecimentos. Elas tinham certeza de que superariam juntas, pois eram mais que mãe e filha, eram companheiras e amigas.

Depois de medicada e examinada, já se sentia pronta para dar seu depoimento à polícia, que a aguardava para esclarecer os fatos ocorridos dentro do quarto de favela onde fora encontrada. Jaque relatou tudo, nos mínimos detalhes, inclusive a defesa de Jorge em seu favor, que já se encontrava sob custódia por não ser réu primário e ainda ter sido pego na

cena do crime, mesmo que ambos tenham alegado legítima defesa. Uma fiança foi fixada para que ele pudesse responder ao processo em liberdade, que não foi paga por ninguém de sua família adotiva. Dona Laura não dispunha dos recursos para ajudá-lo, além disso, ela acreditava que seu filho precisava passar por aquela penitência para um processo de verdadeira recuperação, mesmo com toda a dor no coração que estava sentindo por saber o preço alto a ser pago por Jorge.

Jaqueline conseguiu sorrir ao final daquele dia. Chorou tudo o que tinha para chorar, afastou da memória a imagem do corpo sendo levado, coberto por um lençol branco, e ainda teve a bondade de orar pela alma de seu ex-padrasto, para que ele encontrasse, em outro plano, a paz que nunca teve na terra. Ao fazer isso, sentiu-se livre e pronta para recomeçar mais uma vez.

Capítulo 23

E ela sobreviveu... apesar de todos os sofrimentos, angústias e batalhas, superando problemas que achou nunca ser capaz. Sentia-se pronta para juntar os caquinhos de sua alma, levantar-se de cabeça erguida, orgulhosa de si mesma, e, a partir daquele momento, entregar-se de vez ao pedido de seu coração, que batia descontrolado, clamando por seu primeiro e imensurável amor.

Jaqueline

Tive alta do hospital no mesmo dia, depois de uma bateria de exames desnecessária, tudo por exigência de meu padrinho, o Sr. Leônidas. Ele disse que era o mínimo que podia fazer por mim depois de todo o ocorrido e, mais uma vez, com seu ar protetor, que achava haver falhado comigo. Eu o tranquilizei e agradei emocionada com seu carinho. O alívio de Leônidas ao me encontrar era verdadeiro e recíproco, eu tinha certeza de que contaria com todo o apoio dele, independente das escolhas que eu viesse a fazer.

Ao chegar em casa, minha mãe me contou que o pai de Léo permaneceu ao lado do filho por todo o tempo em que fiquei afastada. Alegrei-me com o fato de eles estarem recuperando os laços perdidos ao longo dos anos por desentendimentos. Enfim, tudo parecia entrar nos eixos.

A notícia de que o quadro de Léo havia se agravado me deixou apreensiva e preocupada. Mas eu precisava me banhar antes de ir encontrá-lo, tirar toda as marcas de minha fatídica tarde, me livrar de vez daquele episódio, e acredito ter deixado todas as lembranças partirem com a água do chuveiro, que nunca havia me parecido tão revitalizante.

Acabei me entregando à fadiga e ao sono, foram horas preciosas de descanso que serviram para me revigorar, precisava estar bem para dar o apoio que Léo precisava enquanto estivesse hospitalizado. No momento em que eu voltasse para o hospital, só sairia de seu lado em sua alta.

Foram três longos dias até seu despertar, em que Léo oscilou entre um sono profundo e, outras vezes, uma inquietação que tomava conta dele. Léo parecia estar em alguma luta interna entre viver e partir. Era angustiante demais ver o batalhão de médicos e enfermeiros entrarem e saírem da semi-intensiva sem maiores esperanças, além do diagnóstico de que todos os antibióticos já haviam sido ministrados e só cabia esperar a reação de seu organismo.

Permaneci ao seu lado, segurando sua mão. Eu tinha certeza de que Léo sentia minha presença, percebia um sorriso leve se instalar em seu rosto quando eu o tocava ou narrava em tom baixo os acontecimentos do dia.

O Sr. Leônidas pôde ir às audiências de Léo, segundo ele, de forma tranquila, pois acreditava em uma melhor recuperação, devido à minha presença ao lado de seu filho. Não por estar ocupado demais com seu trabalho, mas para poder se concentrar na tentativa de amenizar a situação de Léo. A ausência do filho, por ter seu quadro de enfermidade agravado, levou o processo a correr em revelia, todo o esforço dos advogados acabou sendo

em vão, sem a possibilidade de Léo se defender adequadamente.

Léo não imaginava o que o esperava quando saísse daquele hospital, me angustiava saber o destino dele com minhas mãos atadas.

Ele foi condenado por homicídio doloso. Os jurados do tribunal, bastante influenciados pela exaustiva repercussão do caso, ainda consideraram o dolo eventual, quando se assume o risco de produzir o resultado, mesmo tendo recebido uma prova surpreendente que poderia ter mudado a condenação para culposos, mas assim não foi feito. A carta de Jorge, de próprio punho, confessando ter colocado substâncias ilícitas em sua bebida, ajudou apenas a atenuar a pena de Léo, que, segundo seus defensores, poderia ter sido muito pior, devido à gravidade dos fatos.

Léo foi considerado culpado pelos crimes de dolo eventual e ainda por lesão corporal grave, juntas, as condenações chegavam a um total de doze anos de prisão. Meu coração se despedaçou com a notícia. Como Léo suportaria tanto tempo em um ambiente tão hostil, isolado do mundo? Fiquei preocupada também por sua saúde, que requeria cuidados especializados para uma melhor qualidade de vida. Eu sabia que ele sofria com muitas dores todos os dias e tentava não demonstrar.

Como nossas vidas haviam sido transformadas desde a última vez em que nos encontrávamos no mesmo lugar, após minha formatura. Eu tinha até uma sensação de *déjà vu*, como se nossos destinos tivessem sido traçados naquele dia. Eu tive a opção de segurar sua mão, como da primeira vez, ou deixá-lo partir, mas, assim como agora, meu coração clamava para entrelaçar nossos dedos e nunca mais soltá-los.

E foi o que eu fiz. Minha mãe sempre dizia que joelho no chão era a melhor cura para qualquer padecimento. Dobrei meus joelhos, segurei firme a mão de Léo e orei da mesma forma, como da primeira vez que estive ali. Não sabia se era merecedora de mais uma graça, já me sentia abençoada por ter recebido tantas bênçãos, mas meu coração clamava por mais esse pedido e, com toda a fé de minha alma, pedi que Deus, em sua misericórdia, salvasse novamente o meu grande amor.

Beijei o dorso de sua mão e terminei minha oração emocionada. Ao me levantar, me deparei com a imensidão verde dos olhos de Léo sobre mim e um sorriso lindo estampado em seu rosto.

— Oi — ele falou baixinho, ainda fraco para um diálogo.

— Oi — respondi com o bolo que já se formava em minha garganta.

— Você está bem! — Léo concluiu, me chamando para mais perto dele.

— Sim, estou. — Eu me regoziquei com a sensação boa de estar ao lado dele.

— Eu tinha certeza de que ficaria. Quando me contaram de seu desaparecimento, fiquei muito preocupado, principalmente por não poder te ajudar nessas condições em que me encontro, mas em momento algum duvidei que tudo ficaria bem.

— Foram horas terríveis que ficaram para trás, mas saí ilesa. Fico feliz que tenha se mantido calmo. Era uma preocupação minha... sua aflição.

— Eu aprendi a confiar e esperar. Dentro deste quarto de hospital, eu finalmente encontrei a paz que sempre me pareceu utópica. E devo te confessar: me sinto muito melhor agora... Eu pedi, com toda a fé de meu coração, uma oportunidade para poder cuidar de você, que nada irreversível te acontecesse. E fiz isso, finalmente, com o coração livre de mágoas, ressentimentos e culpas. E quando minha oração acabou, me senti acalentado e tive a certeza de que, mesmo sem merecer, Deus me ouviu.

Não consegui segurar as lágrimas de emoção ao ouvir o depoimento de Léo. Havíamos passado por tantas provações que, ao entender o significado das palavras dele, ainda com uma voz fraca, porém muito convicta, um choro de gratidão brotou de mim, pela certeza de termos vencido. Juntos, conhecemos as trevas e saímos de lá de mãos dadas, transformados em seres humanos melhores.

— Oh, Léo... você não imagina o quanto me alegra saber que seu coração encontrou paz. Por mais que venhamos a ter mais problemas em nossas vidas, sabemos que nada poderá nos derrubar novamente.

— Sim, meu amor, devo tudo isso a você, que nunca deixou de acreditar em mim. Mesmo quando eu quis desistir, sua fé inabalável me fez querer estar à altura de sua bondade e também ansiar por conhecer esse amor maior do qual sempre se referiu.

— Não, Léo, as pessoas somente se transformam quando deixam o amor entrar em suas vidas. A partir do momento que você parou de ser o seu próprio juiz, o bem começou a agir. O mérito é todo seu.

Léo sorriu, um sorriso tão lindo e verdadeiro, me fazendo

esquecer onde estávamos. Não consegui segurar a vontade de beijá-lo. Afastei sua máscara de oxigênio e toquei seus lábios com os meus, um beijo casto, cheio de significados e promessas silenciosas. Uma lágrima solitária desceu pela face de Léo, mas não percebi tristeza nele, somente um alívio sem proporções e uma alegria pura em seu semblante após ouvir o “Eu te amo” que não pude mais me conter em exclamar aos quatro cantos do mundo.

No dia seguinte, Léo teve alta. Os médicos disseram que parecia ter acontecido um milagre em sua recuperação tão repentina.

Mas, para mim, não foi um alívio tão grande. Léo tivera alta do hospital, e, a partir daquele momento, precisaria cumprir o seu destino.

— Você me espera? — Léo me perguntou enquanto eu me agarrava a ele na porta da penitenciária, para onde ele foi designado e deveria cumprir sua pena. Os advogados entraram com recurso para anular o julgamento, com base nas novas provas apresentadas, que poderiam mudar o status de crime de doloso para culposos, fato este que poderia diminuir consideravelmente a condenação dele e também o tempo em reclusão, até chegar ao regime semiaberto, porém, como estava respondendo ao processo em liberdade desde quando sua alta fiança fora paga, no dia do acidente, teria que aguardar o andamento do recurso em cárcere.

— Esperarei eternamente se for necessário.

Léo sorriu com minha resposta.

— Não será necessário esperar tanto, com sorte, dentro de pouco tempo poderemos começar uma vida juntos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Achei que já fizesse parte de sua vida.

— Faz. — Leo beijou de forma suave os meus lábios. — E não permitirei que se afaste novamente.

— Eu precisava falar com você sobre...

— Eu sei que te pedi para não me visitar e ainda tenho o mesmo pedido. Usarei este tempo para colocar minha vida novamente nos eixos e acredito que aqui não seja o melhor ambiente para você — Léo me interrompeu enquanto eu ainda buscava coragem para anunciar o que planejava.

— Léo, não é nada disso, não virei te visitar, pois não estarei no Brasil. Eu não mudei de ideia quanto ao desejo de realizar trabalho humanitário. Quero que entenda que não estou te abandonado, estou somente ouvindo o chamado de meu coração, que necessita passar por essa experiência.

Léo ficou pensativo e não respondeu de imediato ao meu anúncio. Temi mais uma vez ter nos afastado devido às minhas escolhas.

— Por quanto tempo você pretende trabalhar fora?

— Pelo mesmo período em que você estiver atrás destes muros — respondi de forma sincera, pois realmente não tinha pretensões de voltar enquanto Léo não estivesse ao meu lado.

— Então quero que me faça uma promessa... iremos esperar um pelo

outro, eu cumprirei minha sentença para poder andar de cabeça erguida, com a certeza de ter pagado pelos meus erros, e você irá atender ao chamado de seu coração. Mas entraremos em um acordo quanto à data do seu retorno.

— Acho justo. Você não está chateado comigo?

— Por que ficaria? Eu te amo mais ainda por suas escolhas altruístas. Sei o quanto existem pessoas pelo mundo precisando ser agraciadas por sua bondade, assim como eu fui. Não seria egoísta a este ponto, quero vê-la feliz. E sei que você se alegra se doando aos outros.

Abracei Léo, sentando-me em seu colo, ainda na frente dos portões da penitenciária, emocionada com suas palavras tão carinhosas e tocantes. Ele retribuiu ao meu abraço, colando seu corpo ao meu, não querendo me largar, assim como eu não queria sair de seus braços. Porém precisávamos nos despedir para cumprirmos nossos destinos. Mas agora nossa despedida seria breve, pois pertencíamos um ao outro de forma irrevogável. Nossos corpos estariam distantes, e nossos corações, unidos.

— Você pode retornar daqui a dois anos? — Léo pediu, ansioso por minha resposta, e eu balancei a cabeça concordando, aceitando que realmente seria um período adequado. — E quando retornar, tenho outro pedido a você — Léo completou com expectativa no olhar.

— Sim, o que você deseja?

— Além de você... — Léo me fez dar um gritinho de vergonha, com o beijo que me deu na nuca, para demonstrar o quanto me desejava, até me perdi no desejo que aflorou em mim com seu gesto. — Gostaria... — Ele continuou com beijos tentando me persuadir, mal sabia ele que aquilo era o

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que eu mais desejava no mundo. — ... que você arrumasse meu apartamento com seu toque especial, para termos um lar para retornar quando tirarmos a pausa que faremos em nossas vidas.

— Não sabia que você tinha um apartamento.

— Sim, tenho. O antigo apartamento de minha mãe. Sempre ponderei em me mudar para lá, mas tinha receio de realizar essa mudança sozinho. Agora poderemos construir nossas vidas em um lugar só nosso.

— Você está me pedindo para ir morar com você?

— Não... estou te pedindo para ser minha eterna companheira!

— Eu já sou sua, eterna e companheira.

Nós nos beijamos novamente selando nosso acordo, emocionados, perdidos dentro da grandiosidade da emoção que estávamos sentindo por, finalmente, aceitarmos que, juntos, nos completávamos e acolhermos em nossos corações o amor imensurável que sentíamos um pelo outro. Um amor abstrato que passou a ser o sentimento mais concreto que podia existir, em sua forma palpável, tocante e pura.

Nós nos beijamos uma última vez e eu fui segurando sua mão, guiando sua cadeira de rodas até a passagem pelos portões.

— Obrigado — Léo balbuciou, depositando um beijo de despedida em minha palma da mão.

— Obrigada?

— Sim... por me ajudar a enxergar que posso ser livre, mesmo estando preso a uma cadeira de rodas ou atrás desses muros.

— Foi você quem tirou a venda dos olhos, Léo. E te garanto... esse é só o começo de uma vida plena e feliz... para nós.

Epílogo

“Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos”(26)

— Você viu aquele gol que eu fiz, tia Jaque?

— Vi sim, Davi, você está ficando cada dia melhor! — Jaque bagunçou de forma carinhosa os cabelos de Davi, que sorriu com o gesto, correndo saudável de volta para o campo dizendo que iria fazer outro gol em homenagem à sua madrinha.

Jaque segurou a emoção ao olhar em redor, tudo o que conquistara... Sentia-se feliz e realizada como nunca imaginou ser merecedora. Assistia orgulhosa às crianças correndo alegres no campo de futebol enquanto Léo, ao canto, exalando alegria em meio à molecada, tentava administrar doze jogadores afoitos; ele fazia o papel de juiz daquela partida de futebol entre as crianças de sua fundação. Ambos se entreolham por um ínfimo momento. Léo sorriu de volta para ela, balançando os ombros, em um gesto que demonstrava o quanto estava se divertindo, e Jaque permitiu-se levar ao calor sublime de um momento só deles. Para muitos, era somente um olhar, para eles, era mais uma declaração de amor e cumplicidade.

Era um jogo comemorativo ao aniversário de um ano da fundação que levava seu nome: “Fundação Ana Jacqueline”. Tornou-se impossível para ela conter toda a alegria que trazia em seu peito. Todo o seu sofrimento ficara para trás e agora saboreava cada momento vivido, desde as pequenas

conquistas até as mais sublimes, como o presente de casamento dado, agora, por seu marido Léo, pois sabia o doce significado de se levar a vida de modo pleno e em paz.

O casamento acontecera de forma natural e simples, em uma manhã de sábado de primavera, no cartório próximo ao apartamento deles. Foram pouquíssimos convidados, somente os mais íntimos tiveram a oportunidade de contemplar a efetivação de um amor transformador.

Léo ficou por um ano e oito meses em retenção em um presídio no interior de São Paulo, com toda a assistência médica de que precisava. Os advogados, enfim, conseguiram provar a inexistência de sua culpa ao recorrerem do processo e conseguiram anexar as provas descartadas no primeiro julgamento. Assim, o crime doloso passou a ser considerado culposos, quando não há intenção dos fatos, deixando todos satisfeitos. A pena foi considerada bastante branda e justa por Léo e seus familiares, que se deram por satisfeitos e a aceitaram sem novas brigas na justiça. Já a família do trabalhador acidentado cessou com as ameaças e escândalos, mediante o custeio total do tratamento de sua perna amputada, além de uma indenização muito maior do que a fixada em juízo, que Léo fez questão de pagar, não por achar que podia comprar o silêncio deles, mas para conseguir colocar a cabeça no travesseiro em paz, com a certeza de que compensara, de alguma forma, as perdas que aquela família teve. Já Rose aceitou, um tanto constrangida em primeiro momento, a ajuda financeira para ela e seus filhos. Ela voltara para São Paulo, em uma nova tentativa de uma vida melhor e também para tentar resgatar Wesley, que vinha travando uma luta contra a dependência química, e para Davi poder dar continuidade ao tratamento iniciado por Jaque. Agora, os amigos buscavam superar todos os males que causaram uns aos outros, se ajudando.

Jaque se dedicou ao trabalho voluntariado na ONG em um acampamento na fronteira com um país africano em Guerra, prestando seus serviços de fisioterapeuta às vítimas e fugitivos. Ela omitiu a informação de onde estava para não causar aflições a sua mãe e também ao cuidadoso Léo, permaneceu no país pelo mesmo período de retenção dele. Retornou ao Brasil quando recebeu a notícia de que seu amor ganharia a liberdade condicional, por já ter cumprido um terço da pena. Neste período afastados, ambos se comunicavam por cartas, relatando suas batalhas interiores, sonhos a serem realizados e a reconstrução de suas almas. Aos poucos foram se curando e o desejo de concretizar o relacionamento deles tornou-se natural e urgente aos seus corações.

A grande surpresa aconteceu depois de ela se tornar, oficialmente, a senhora Carvalho. Como presente de casamento de Léo, conjuntamente com o Sr. Leônidas, foi dada a Jaque a chave de uma casa grande, espaçosa, com um quintal enorme, e várias salas mobiliadas com todo o material de trabalho necessário para desenvolver seu ofício. O coração de Jaqueline quase parou quando ela viu a placa vistosa na entrada da propriedade.

Fundação de ajuda às crianças com mobilidade reduzida

Ana Jaqueline

Primeiro ela se ajoelhou e agradeceu, depois saiu pulando de alegria, beijou o marido e abraçou seu padrinho e, agora, sogro. E por fim, caiu em um choro, emocionada por ter seu maior sonho realizado, bem ali, em sua
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

própria cidade, onde finalmente poderia dedicar seus dias a ajudar os mais necessitados.

Os profissionais amigos vieram ao seu encontro, querendo fazer parte do projeto, assim que a notícia tomou conta dos noticiários. Jaque não imaginava quantas pessoas queriam se sentir úteis e doar seu tempo para trabalhos beneficentes. Formou uma equipe linda e dedicada e, com a suntuosa ajuda mensal da Empreiteira Carvalho, pôde investir em todo o material necessário para prestar atendimento de referência a pessoas carentes. As crianças foram chegando aos poucos. A primeira foi Davi, por convite dela. O menino, em toda sua sabedoria, convenceu a mãe a aceitar mais essa ajuda e ainda espalhava por onde passava o quanto estava feliz e grato por toda a ajuda recebida. Quando Rose e Jaque se reencontraram, depois de todas as descobertas desconcertantes, somente se abraçaram e choraram cientes de que foram vítimas de uma vida sofrida que deveria ficar no passado, e assim fizeram...

Jaque se afastou do campo para atender aos repórteres, eles ainda os perseguiam, porém os escândalos ficaram para trás e agora a família estampava as páginas sociais. Ela respondeu todas as perguntas referentes aos avanços da fundação e se esquivou das de ordem pessoal, dispensou a todos com classe e os convidou para assistirem ao show que haveria mais tarde.

Ao retornar, encontrou a mãe, que chegava de mãos dadas com Robson, ambos não conseguiam mais esconder o romance que mantiveram em segredo durante o ano todo. Dona Marisa, como queria ser chamada, parecia ter renascido após enterrar o medo com seu passado. Voltou a se arrumar mais, a sorrir mais, sua beleza parecia transcender da alma. Ela chegava da visita na penitenciária ao seu filho Jorge, que ainda cumpria pena,

porém estava muito próximo de receber o benefício do regime semiaberto. Dona Marisa nunca o abandonara, ao contrário da família adotiva, que se negou até a pagar os advogados. Todo o esforço e o apoio que Jorge recebeu veio somente de sua mãe biológica, que lutava com sua fé para resgatar o filho e salvá-lo com seu amor. Sua mãe comemorava cada pequena vitória e o filho vinha retribuindo cada dia um pouquinho mais. Jaque ainda não tinha ido visitar o irmão, mas, em seu coração, desejava que fossem verdadeiras as palavras de confiança que dona Marisa trazia a cada retorno de suas visitas.

Mas, naquele dia específico, Jorge enviou uma carta endereçada a ela. Jaque a segurou com medo do conteúdo escrito nela, porém ao abri-la sua surpresa foi gigante.

Há muito tempo venho ensaiando para escrever esta carta para você. As horas aqui dentro não passam e alimentar sentimentos ruins no ócio seria muito fácil, ao contrário do que imaginei, tenho descoberto novas possibilidades para minha vida e percebi que, para conseguir tirar a pedra amarrada em minha perna, como diz o versículo que Marisa me falou em uma de suas visitas, eu precisava lhe pedir perdão! Sei que você já o fez, não por eu ter pedido, e sim como seu desejo puro. Porém gostaria que agora você recebesse o meu pedido, que vem de meu coração. Aos poucos, minha alma se liberta e, também aos poucos, sigo perdoando a mim mesmo. Você poderia ter me jogado no fundo do poço, mas escolheu torná-lo raso para mim. Por isso te peço: me perdoe, minha irmã!

Um soluço escapou da garganta de Jaque, emocionada com o que Jorge havia dito. Seu coração já o havia perdoado, mas a ciência de que ele precisava de sua resposta e começava a entender o verdadeiro significado da vida lhe confirmou que poderia continuar confiando no ser humano e acreditando sempre em dias melhores. Aquele dia, além de festivo, estava se tornando mais especial do que imaginara. Guardou a carta junto ao outro papel em seu bolso do jaleco, logo mostraria a Léo as transformações de seu antigo amigo.

Ouviu o dedilhar suave do violão e a voz de seu amor ao microfone, no palco improvisado. Já estava na hora do minishow de comemoração. Nos dias reclusos, Léo se aperfeiçoou no canto e no violão e passou a fazer composições de músicas lindas e inspiradoras. As notas sombrias haviam ficado para trás e agora ele cantava para celebrar a vida. Léo dedicou a música que cantaria a seu grande amor, Jaque sorriu para ele, que por um instante quase esqueceu a letra feita para ela. O embaraço passou logo e sua voz melodiosa invadiu o ambiente ao ritmo de sua linda composição, embalando os convidados: o Sr. Leônidas, que aplaudia orgulhoso o filho, todos os casais apaixonados, as crianças, que dançavam alegres, e Jaque, em puro deleite. Ela se perguntava se poderia existir maior benção em uma vida. Levou a mão ao ventre, acariciando sua recém-descoberta quando acreditava não ser possível ser mais abençoada.

O milagre da vida se fez presente de forma natural. Há tempos ansiavam por ter um fruto do amor deles e começaram a pensar em construir uma família, Léo procurou tratamentos e esperava ansioso a concretização do sonho deles. Jaque pegou o papel em seu bolso do jaleco e o resultado positivo a fez agradecer e sorrir, um sorriso que vinha da alma de uma pessoa que nunca desistiu e, por fim, pôde conhecer a verdadeira e suprema

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

felicidade.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Fim

*“Sempre há uma outra chance, uma outra amizade, um outro amor,
uma nova força. Para todo fim, um recomeço.”*

Agradecimentos

Primeiro a Deus, sempre!

Aos meus leitores, novos e antigos, que me acompanham, incentivam, apoiam e se alegram com cada uma de minhas conquistas.

As minhas amigas, primas e blogs parceiros, meu muito obrigada!

Não quero ser injusta citando nomes, mas quatro pessoas foram fundamentais na trajetória de escrita deste romance; Kalina Nascimento que me assessorou com as orientações sobre fisioterapia, a Isie Fernandes que além de revisora se tornou uma beta amiga rsss, a Renata Maggessi e Francis Alves com seus comentários lindos de incentivo.

Minha eterna gratidão a minha família que me entende, torce e sofre comigo. Sem vocês eu não seria ninguém, minha alegria é ver o brilho de orgulho em seus olhos.

Este romance é um projeto antigo, um dos muitos esquecidos nas cadernetas nos fundos das gavetas, mas, com todo carinho que recebi dos leitores de meu primeiro romance o Estarei Aqui, tive a certeza que estou no caminho certo e desistir deixou de ser uma opção.

Por isso, acredite sempre em você, mesmo quando o mundo disser o contrário, se não acreditar em si próprio ninguém o fará.

Beijos no coração.

Daya Alves

Sobre a autora

A paulistana Daya Alves é casada com seu namorado da adolescência, tem dois filhos lindos e um cachorro chamado Paçoca. Formou-se em radiologia, pós graduou-se em administração e docência, e acabou encontrando sua grande paixão na escrita, acredita que este hábito a salvou de uma depressão que quase deu fim aos seus sonhos. Lançou seu primeiro romance em uma plataforma online em 2015, este que ganhou seu formato físico em 2016 e desde então, nunca mais parou. Hoje coleciona três romances concluídos, um em andamento e participação em seis antologias.

Obras:

- Estarei Aqui – Lançado em formato físico em 2016 pela editora Coerência e também em e-book pela Amazon
- Bem me quero – publicado em plataforma digital
- Conto Sinônimo de Amar: antologia Mais Amor por Favor – Editora Coerência
- Conto Meu amigo herói – antologia Os animais também vão para o céu – Editora Sinna
- Conto Contando as horas – antologia Playlist – Editora Rouxinol
- Conto No compasso dos teus passos – antologia Era uma Vez – Editora ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Coerência

- Conto Ingratidão – antologia Fragmentos de uma vida – Editora Modo
- Conto Uma Carta para você – antologia Romances de Época – The Books Editora

E-mail: dayane.rad@gmail.com

Redes sociais:

Facebook: [dayaalvesromances](#)

Grupo Facebook: [romancesdaday](#)

Instagram: [daya.s.alves](#)

[1] Trecho retirado do livro “O Pequeno Príncipe” de Antoine Saint-Exupéry.

[2] Trecho da música “O vento”, composta por *Márcio Buzelin* e gravada pelo grupo musical *Jota Quest*.

[3] Trecho retirado do livro “O Pequeno Príncipe” de Antoine Saint-Exupéry.

[4] Trecho retirado do livro “O Pequeno Príncipe” de Antoine Saint-Exupéry.

[5] Trecho retirado do livro “O Pequeno Príncipe” de Antoine Saint-Exupéry.

[6] Trecho retirado do livro “O Pequeno Príncipe” de Antoine Saint-Exupéry.

[7] Trecho retirado do livro “O Pequeno Príncipe” de Antoine Saint-Exupéry.

[8] [8] Trecho retirado do livro “O Pequeno Príncipe” de Antoine Saint-Exupéry.

[9] Música *Primeiros Erros*, composição de Kiko Zambianchi.

PERIGOSAS - SIMI - Apollymi

Amor Abstrato

Dedicatória

Sumário

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Epílogo

Fim

Agradecimentos

Sobre a autora

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI